



## LEI DE COTAS

# Trabalhadores PcD enfrentam preconceito no mercado da PB

*Maior parte das contratações ocorre por força da legislação, que completou 35 anos no mês passado. **Página 3***

Castigos físicos ainda são usados para disciplinar crianças no país

Pesquisa nacional aponta que 29% dos cuidadores admitem dar palmadas e beliscões nos pequenos.

**Página 15**

Projeto recupera documentos que contam parte da história da PB

Trabalho avalia material sob guarda da Santa Casa da Misericórdia, e conclusão pode levar até duas décadas.

**Página 4**

Estado já investiu R\$ 700 mi em ciência, inovação e tecnologia

São mais de 50 ações e programas planejados, desenvolvidos e executados pela Secties e Fapesq.

**Página 19**

*Pais rompem padrões e assumem papel afetivo na criação dos filhos*

*Homens rejeitam a imagem de provedores, enraizada na sociedade, e investem na paternidade presente.*

Foto: João Pedrosa



**Página 5**

**Dramas paraibanos entram no catálogo de streaming**

*Aponta pra Fé ou Todas as Músicas da Minha Vida e Desvio são os filmes já disponíveis na plataforma gratuita Aruandaplay.*

**Página 9**

*Remígio recebe Caminhos do Frio com shows, cinema e gastronomia*

*Ana Carolina e Marcelo Falcão estão entre os nomes que vão se apresentar no festival, a partir de amanhã.*

**Página 8**

Foto: Divulgação/Prefeitura de Remígio



**NBB terá edição com 20 clubes e rebaixará os dois últimos**

*Maior temporada da história começa em outubro. Basquete Unifacisa representará o estado em sua sétima participação na competição.*

**Página 21**

■ “Falei aos confrades e, com duas ou três exceções, foi o mesmo que falar às paredes. Todos ouviram, assentiram em silenciosa boa vontade e, de costas para o que se pudesse fazer, foram cuidar de sua literatura pessoal”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “A nova política comercial americana é um gesto político com DNA de retaliação. O impacto assume contornos dramáticos nos estados. A Paraíba é um exemplo gritante. Aqui, o mercado americano é o maior cliente”.

João Bosco Ferraz

**Página 17**

# Afogados no plástico

Uma invenção aparentemente simples, mas que facilitou a vida das pessoas em todo o planeta, transformou-se em um dos mais perigosos inimigos da natureza: o plástico. Presente em tudo quanto é lugar, esse produto, em suas diversas formas e finalidades, movimenta um comércio anual que ultrapassa um trilhão de dólares, sendo 75% resíduos, de acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad).

Quase 100% do plástico produzido no mundo é derivado de combustíveis fósseis, outra poderosa fonte de poluição do meio ambiente. Em um de seus mais recentes relatórios, a Unctad ressalta que o desequilíbrio provocado pelo onipresente material sintético “ameaça a saúde pública, os sistemas alimentares, os ecossistemas e o desenvolvimento a longo prazo, especialmente em pequenas nações insulares e costeiras”.

Não é à toa, portanto, que representantes de mais de 180 países estão reunidos em Genebra, na Suíça, até a próxima quinta-feira (14), tentando desenhar e aprovar um tratado global que tenha efeitos práticos, eficazes e imediatos no contexto da luta internacional contra a avassaladora poluição provocada pela produção e consumo de plástico em larga escala. Basta olhar o entorno onde se mora para constatar a dimensão do problema.

Trata-se da quinta sessão do Comitê Intergovernamental de Negociação sobre Poluição Plástica, inclusive no Ambiente Marinho (INC-5.2), com vistas ao desenvolvimento de “um instrumento internacional juridicamente vinculante sobre poluição plástica”. Nada menos do que 619 organizações observadoras e representantes da sociedade civil participam das negociações, apresentando propostas ou reivindicando soluções.

O resultado desse encontro será encaminhado para “consideração e adoção em uma futura Conferência Diplomática de Plenipotenciários”. A pressão dos ambientalistas é grande, para que a resposta esteja à altura dos problemas gerados pelo plástico. Em Genebra, portanto, manifestantes exigem “resultados concretos na nova etapa de negociações intergovernamentais sobre o tratado global de combate à crise de resíduos plásticos”.

A produção, o consumo e o descarte de plásticos é uma guerra que a sociedade global trava contra a natureza e, portanto, contra si mesma. Vale ressaltar aqui as palavras da diretora-executiva do Programa da ONU para o Meio Ambiente (Pnuma), Inger Andersen: “A poluição plástica já está na natureza, em nossos oceanos e até em nossos corpos. Se continuarmos nessa trajetória, o mundo inteiro se afogará na poluição plástica”.

## Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

### Lições de um prédio histórico

Ao longo dos meus 75 anos de vida, estive várias vezes no Rio de Janeiro. Vi suas avenidas movimentadas, ouvi seus sotaques inconfundíveis, atravessei suas paisagens misturadas entre mar e concreto. Mas, curiosamente, nunca me senti tentado a conhecer uma de suas mais emblemáticas atrações turísticas. Talvez porque minhas idas à Cidade Maravilhosa tivessem sempre um propósito muito claro: trabalho. Chegava com a agenda cheia e saía com a cabeça ainda mais cheia.

Foi apenas agora, em julho, que decidi quebrar esse ciclo. Acompanhado de minha esposa, Nadja Claudino — professora de História e escritora — fiz uma viagem com outro espírito: o do lazer com olhos atentos à cultura.

Deixei a escolha do roteiro por conta dela, e não me arrependi. Como era de se esperar, nosso itinerário foi guiado pela história da antiga capital do Brasil. Visitamos museus, praças, igrejas e edifícios que testemunharam a vida política e social do país. Mas um lugar, em especial, mexeu comigo de forma inesperada: o Palácio do Catete.

Hoje transformado em Museu da República, o prédio impressiona à primeira vista com seu estilo neoclássico francês. São 10 mil m² de história esculpida em pedra e memória: jardins bem cuidados e salões que já abrigaram decisões cruciais.

Construído em 1858 pelo barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, o palácio foi inicialmente uma residência aristocrática. Só mais tarde, em 1897, tornou-se sede do Poder Executivo nacional, quando o vice-presidente Manuel Vitorino assumiu interinamente o governo e ali instalou a presidência — função que o prédio exerceria até 1960, quando Juscelino Kubitschek transferiu a capital para Brasília.

O Catete foi palco de muitos momentos decisivos da República. Mas nenhum mais dramático do que o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Seu quarto permanece preservado, como se o tempo tivesse parado naquela madrugada silenciosa e pesada. A famosa Carta-Testamento, deixada por ele, ainda ecoa no ambiente. Estar ali é como ouvir, de novo, um país inteiro prenden-

do a respiração.

Há também o outro lado do museu: exposições permanentes e temporárias, mobiliário original, objetos que viram a história acontecer de dentro para fora, e uma programação cultural viva, que mantém o local como centro pulsante da memória nacional.

Machado de Assis, com sua costureira precisão, já previa em “Esaú e Jacó” a aura que envolveria o Palácio. Escreveu ele:

“Ao passar pelo Palácio Nova Friburgo, levantou os olhos para ele com o desejo do costume, uma cobiça de possuí-lo, sem prever os altos destinos que o palácio viria a ter na República... Santos não tinha a imaginação da posteridade. Via o presente e suas maravilhas”.

Pois bem, eu também não tive essa “imaginação da posteridade”. Deixei que o presente, por muitos anos, obscurecesse o valor de visitar aquele lugar. Mas agora, enfim, posso dizer que me redimi de um antigo pecado: o de nunca ter procurado conhecer o Palácio do Catete.

Foi mais do que uma visita. Foi um reencontro com a história, com a cidade, comigo mesmo. Ali, onde o poder já teve endereço fixo, senti o passado conversar com o presente — e tive a certeza de que a memória é, também, uma forma de redenção.

“

O Catete foi palco de muitos momentos decisivos da República. Mas nenhum mais dramático do que o suicídio de Getúlio Vargas

Rui Leitão

# Foto Legenda

Leonardo Ariel



A passeio

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Augusto no tamanho do Brasil

No exercício da presidência da APL, substituindo Juarez Farias, dispus-me a reordenar o memorial que Luiz Augusto Crispim dedicara a Augusto dos Anjos. Falei aos confrades e, com duas ou três exceções, foi o mesmo que falar às paredes. Todos ouviram, assentiram em silenciosa boa vontade e, de costas para o que se pudesse fazer, foram cuidar de sua literatura pessoal. Nada mal.

Os sócios pagavam, naquele tempo, R\$ 20 de mensalidade (não estávamos no tempo dos réis, anterior ao cruzeiro de Getúlio, é bom que se diga.) Subi, então, para R\$ 50 e ouvi protestos de que estava raiando o absurdo inédito ao decretar um aumento de 150%. Esse absurdo, se todos pagassem em dia, daria uma receita próxima dos R\$ 2 mil mensais, insuficiente para pagar o mínimo à bibliotecária, à diretora do expediente e a gratificação do zelador.

O Estado, que colabora com a Academia desde a fundação, escondeu o leite nesses meus dias. Tendo de apelar ao governo, dele todo eu só conhecia o governador Ricardo Coutinho. Não era fácil chegar até ele, a não ser pela via do orçamento solidário, no qual, seguramente, a Academia não se enquadraria.

Fazer o quê? Com quem contar, além da força de ânimo de Ângela Bezerra de Castro e de Maria das Graças Santiago, que me chegavam com ideias, sugestões, solidárias?!

Ah, sim! Com os amigos, pelados como eu, construtores sem dinheiro das obras mais duráveis desta vida: as da paixão, da construção espiritual, muitas delas sutis como o ar que transpira a flor. Estavam lá, dando-me força, Milton Nóbrega, Juca Pontes, Chico Pereira, Flávio Tavares (ainda não acadêmico), Diógenes Chaves, sem esquecer os três excelentes e mal pagos funcionários.

Sem saber de onde vinha o dinheiro (ou mesmo se vinha), amarramos as camisas na restauração do acervo de fotos, uma por uma, na ambientação a mais singela, nos suportes de livros e documentos, tudo na esperança de sensibilizar o Estado, que, pelo secretário de Educação, não via como aplicar dinheiro da Educação em Cultura. Nisso, vem o Sinduscon de Irenaldo Quintans valendo-nos com R\$ 5 mil. Daí, deslocamos a presidência para um compartimento lá atrás,

“

A API e a APL ergueram um busto que está na Lagoa, a gente vendo a hora fazerem com ele o que foi feito com o de Camilo de Holanda

Gonzaga Rodrigues

cedendo o espaço de parede inteira ao painel de abertura alegórica vertida genialmente do “Eu” de Augusto para a grande tela de Flávio.

Grato, ainda, pelos que me ajudaram, repasso esse momento ao saber agora, e ver com pura e indistarcável alegria o quadro — não apenas que se pinta, mas o que se anuncia para esses próximos 20 dias — com o governador João Azevêdo na Academia a autorizar a construção do memorial da Paraíba a Augusto dos Anjos. Será menos uma ambição paraibana do que a manifestada pelo brasileiros que, por duas ou três gerações, iguais a Gilberto Freyre, continuam perguntando, como ele perguntou a Zé Lins 100 anos atrás, tentando abarcar com os olhos um colosso em granito erguido a um dos nossos generais: “E, para Augusto dos Anjos, o que vocês fizeram?”. Bom, a API e a APL ergueram um busto que está na Lagoa, a gente vendo a hora fazerem com ele o que foi feito com o de Camilo de Holanda, na Balaustrada das Trincheiras; Damião Ramos, sob as graças da Energisa, empresa leopoldinense, plantou-o de corpo inteiro na entrada da Academia. E, graças a João Azevêdo Lins, vai ser anunciada, afinal, a ordem de serviço desta vez com a mão da literatura brasileira e o coro universal dos pioneiros da consagração do poeta, provindos do povo.

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$385,00 / Semestral ..... R\$192,50 / Número Atrasado ..... R\$3,30

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Fotos: João Pedroza

Luiza Pontes, de 27 anos, que conseguiu seu primeiro emprego formal, afirma que passou quase um ano participando de entrevistas

COM 35 ANOS DE CRIAÇÃO

# Lei de Cotas tem desafios para a inclusão de PcD

Neste ano, de 200 vagas abertas pelo Sine-PB, apenas 10% foram efetivadas

Emerson da Cunha  
emerson.auniao@gmail.com

A assistente de serviços compartilhados Luiza Pontes, de 27 anos, acabou de ser promovida na empresa onde trabalha há cerca de um ano e meio. Mesmo com formação em Administração e muitas buscas, esse foi o primeiro emprego formal da jovem, que havia conseguido apenas estágio e tentado trabalhar de forma autônoma. Ela tem paralisia facial parcial e vive com visão monocular — seu olho esquerdo tem baixa visão —, sendo considerada, portanto, uma pessoa com deficiência (PcD). “Acredito que seja difícil para todo mundo, não só para mim ou outras pessoas com deficiência, mas foi demorado. Participei de quase um ano de entrevistas, às vezes nem era

chamada para a seleção. Em algumas entrevistas, senti, sim, preconceito”. Os desafios de Pontes são parte do universo das pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Na Paraíba, de janeiro a julho deste ano, das 200 vagas para pessoas com deficiência ofertadas pelo Sistema Nacional de Empregos na Paraíba (Sine-PB), para as quais foram encaminhadas 211 PcD, 24 foram efetivadas. Em termos nacionais, o Governo Federal aponta que 63 mil PcD ou reabilitados pela Previdência Social foram contratados de janeiro a julho de 2025. Mais de 90% dessas novas contratações foram de empresas obrigadas a fazê-las de acordo com a Lei de Cotas, que completou, em julho, 35 anos. Segundo a legislação, empresas com mais de 100 em-

pregados devem destinar porcentagem de seus postos de trabalho para pessoas com deficiência física, sensorial, intelectual ou mental. De 100 a 200 empregados, o número é de 2% das vagas; de 201 a 500, 3%; de 501 a 1.000, 4%; e mais de 1.000, 5%. Apesar da longevidade da lei, as companhias privadas cumprem apenas 55% das cotas, segundo o Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial). “A lei toca no aspecto de transformação social e na dignidade da pessoa humana. Tem como objetivo garantir acesso formal ao mercado de trabalho, com igualdade de oportunidade para pessoas que sofrem com a questão da inclusão social. Muitas vezes falta essa oportunidade e a Lei de Cotas, por sua exigên-

cia formal, traz grandes avanços para pessoas com deficiência, que necessitam ser incluídas no mercado de trabalho”, defende a advogada trabalhista Adília Flor. A coordenadora de Pessoas e Cultura Gabriela Gouveia, da Sicredi Evolução, onde trabalha Luiza, explica que a lei é um recurso indispensável, pois atua nas novas contratações, na permanência das PcD e no reconhecimento das deficiências de quem já está contratado — como aconteceu com a própria Gabriela, que, por ter fibromialgia, passará a ser considerada PcD a partir de 2026, segundo lei federal. Outro ponto são os casos de reposição de pessoal, ou seja, se alguma PcD pede demissão ou é demitida, para manter a cota, a nova contratação precisa ser de outra PcD.

## Fiscalização é realizada pelo MTE e MPT

A fiscalização do cumprimento da Lei de Cotas é realizada pelas superintendências regionais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e também pelo Ministério Público do Trabalho (MPT). As empresas incidentes poderão receber multas de R\$ 3.215,07 a R\$ 321.505,87 por colaborador não contratado. Um dos principais entraves, segundo Adília Flor, é a falta de vontade das empresas. “Quando existe fiscalização, as empresas tentam se defender: ‘A gente abriu a quantidade de vagas, chamou pessoal ao processo seletivo, mas não conseguiu gente suficiente para assumir os cargos’. Sendo que a gente percebe, na maioria dos casos, a falta de vontade de ir atrás e conseguir resolver. Muitas vezes, a gente sabe que existem centros de que você pode ir atrás, em que você pode receber o currículo, você também pode qualificar sua mão de obra”, explica a advogada.

**Boas Práticas**  
Para Gabriela Gouveia,

os primeiros passos para garantir a inclusão das PcD na empresa ocorrem no momento da divulgação das próprias vagas. A chave é deixar explícito o incentivo à candidatura de PcD. “A gente utiliza as principais ferramentas de maior contato do público para a pessoa com deficiência. Encaminha também essas vagas para a Funad [Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência], para fazer a divulgação nos grupos. Divulga para associações que fazem esse papel social para que essas pessoas tenham conhecimento das vagas”. Além disso, a ideia é que as necessidades específicas desses trabalhadores possam ser levadas em consideração, no sentido de possibilitar condições iguais de trabalho. “Eu fui muito bem acolhida aqui. Assim que eu entrei, tive reunião com minha supervisora. Ela perguntou se eu precisaria de alguma coisa. Como minha limitação é pequena, eu não preciso de adaptações. O

que faz a diferença aqui é que a gente é muito unido”, coloca Pontes.

**Contratação**  
Além do Sine-PB, outros órgãos públicos fazem mediação para a contratação de pessoas com deficiência junto às empresas privadas. Uma das iniciativas na Paraíba é o Dia D da Empregabilidade da Pessoa com Deficiência, realizado pela Funad e pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (Sedh), em parceria com o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que acontece anualmente e é voltado não apenas para efetivação de vagas, mas também recrutamento e formação de bancos de dados. Na última edição, do dia 28 de maio, 400 vagas de 50 empresas foram oferecidas. Desse total, 82 PcD foram encaminhadas para vagas de emprego. “O evento tem uma importância grande e favorece tanto as pessoas com deficiência quanto as empresas. A cada ano,

**A gente utiliza as principais ferramentas de maior contato do público para a pessoa com deficiência**

Gabriela Gouveia

mais pessoas com deficiência são inseridas no mercado de trabalho. A gente precisa continuar provocando ações desse tipo para garantir a inserção dessas pessoas”, coloca a presidente da Funad, Simone Jordão.

William Costa

wpcosta.2007@gmail.com

## Alguém que voa por aí

Um dia desses, durante uma das minhas caminhadas pelas ruas marginais do Bairro dos Bancários, aqui na capital paraibana, me deparei, saltitando nos galhos de uma árvore de médio porte, com um concriz — ave que em outras regiões chamam também de corupião. Quem o conhece sabe do que estou falando: trata-se de um dos mais belos pássaros brasileiros, de canto melódico e plumagem mesclada de preto, branco e laranja. Por um breve momento, tive a sensação de que aquele pássaro exótico era fruto da minha imaginação, que galopa à rédea solta nas primeiras horas da manhã. Mas aí o concriz cantou, e me assustou. Fazia muito tempo, mas muito tempo mesmo que eu não escutava aquela vocalização, e a memória começou a dar cambalhotas, até cair de pé no umbral do Sertão — melhor dizendo, em Santa Luzia, a cidade da minha infância.

Santa Luzia foi para mim a terra dos papagaios, acauás, assuns-pretos, asas-brancas, garças, corujas, gaviões, urubus, galos-de-campina, concrizes, sabiás, marrecas, mergulhões, lavadeiras, andorinhas e arribaçãs, entre outras espécies, que conheci nas canções, pegando peixe ou correndo na beira do açude, voando contra o sol poente, nos pés de frutas, presas em gaiolas na feira livre ou servidas cozidas ou assadas. Não sei quanto tempo fiquei ali parado, observando o concriz, enquanto cenas do tempo perdido iam se alternando na grande tela da memória. Alguém passou correndo por baixo da árvore, e ele voou, abruptamente, trazendo-me de volta

à realidade, tal como acontecia nas antigas salas de cinema, quando a fita se quebrava. Como esse concriz veio parar aqui? — indaguei a mim mesmo. Certamente escapara de alguma gaiola. Esse é um dos castigos que muitas pessoas impõem às aves de boa aparência e melhor canto: a prisão em gaiolas, para usufruto exclusivo de sua música, arrebatando-as da natureza sem pedir licença a ninguém, embora muitos desses sequestradores de bens naturais frequentemente igrejas, pedindo perdão a Deus pelos seus pecados, para, ao fim e ao cabo, continuarem indo às feiras para vender, trocar ou comprar passarinhos. Espero que o concriz — a quem rendo minhas homenagens — continue voando e foliando por aí, como fazem seus amigos bem-te-vis, rouxinóis, maracanãs, beija-flores, rolinhas, guariatãs, sanhaços e outras espécies aladas que nos ajudam a suportar a trilha sonora oposta, sem intervalo comercial, composta pelas acelerações, freadas, batidas e buzinas da imensa e insone frota de carros, caminhões, ônibus e motocicletas. Por sorte, inauguramos apartamento novo bem pertinho do fragmento florestal atlântico conhecido como Mata da UFPB. Dá gosto sentar no pequeno quintal — que chamam agora de “área exclusiva” —, e tomar o café da manhã observando pássaros que pousam ou decolam, cantam ou fazem arruaça, enquanto as árvores lhes fazem coro, embaladas pelas ventanias que aportaram por aqui, nos últimos tempos, vindas não sei de onde. Gostaria de conhecer com maior intimidade as aves que alegrem e ornamentam esta velha cidade. Saber de todas as espécies, com seus hábitos e cantos peculiares, e como fazem para sobreviver, com tanta poluição, com tantas casas caindo e tantos prédios subindo, com tantas novas ruas e avenidas pavimentadas. Quisera eu dar de cara novamente com o concriz e, desta feita, lograr êxito na feitura de uma crônica libertária.

Dedicada a Julio Cortázar

# Ramsés Nunes e Silva

Historiador e professor da UEPB

## “Infelizmente, muitos avanços têm sido prejudicados pelo negacionismo”



Pesquisador coordena projeto de restauração de documentos históricos sob a guarda da Santa Casa da Misericórdia, em JP

Lilian Viana  
lilian.vianacananea@gmail.com

A história da saúde pública na Paraíba está sendo reescrita — ou melhor, restaurada — a partir de manuscritos, registros médicos, inventários e relatos que dormiam havia séculos sob a guarda da Santa Casa da Misericórdia, em João Pessoa. O historiador Ramsés Nunes e Silva, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), coordena um projeto de restauração e catalogação desses documentos históricos, que reúne um acervo de mais de 20 m lineares de arquivos datados desde o século 18. Um trabalho minucioso, técnico e de longo prazo, que pode levar até duas décadas para ser concluído, mas que já revela riquezas surpreendentes: listas de mortos por epidemias, relatórios sobre a administração de cemitérios e registros de pacientes retirantes vítimas das secas que assolavam o interior do estado.

Em entrevista ao Jornal **A União**, Ramsés fala sobre os desafios técnicos da recuperação dos arquivos, a importância de formar profissionais capazes de ler documentos escritos em português arcaico e o potencial pedagógico, científico e social do acervo. Ele também reflete sobre os paralelos entre epidemias do passado e a pandemia recente de Covid-19, sobre os processos de urbanização de João Pessoa revelados nos documentos e, ainda, sobre sua trajetória como pesquisador voltado à investigação de temas pouco explorados, como juventude, religiosidade e resistência cultural na Paraíba. Confira, na íntegra:

### Entrevista

■ *Como surgiu o convênio entre a UEPB e a Santa Casa da Misericórdia (SCM) para restaurar os documentos médicos históricos?*

Existiam investigações junto ao acervo da SCM que vinham sendo desenvolvidas nas décadas de 1990 e 2000. Todas desenvolvidas a partir de interesses específicos. Por volta de 2019, fui convidado para construir um inventário inicial do acervo da instituição, atualizado. Um ponto importante foi a preocupação dos provedores da SCM e nossa, com o estado físico do acervo após séculos de intempéries, conflitos, invasões, etc. Realizamos um diagnóstico técnico e chegamos à conclusão de que seria importante deslocar a documentação para um laboratório e um arquivo corrente, espaço apropriado para a manipulação da documentação. A escolha natural foi a guarda temporária da documentação no Campus V da UEPB, o que se estruturou com a construção de um projeto em fase atual de organização.

■ *Quais são os principais desafios técnicos e humanos que tornam esse processo tão extenso, que, segundo você, pode levar até 20 anos?*

arcaico e os que possam mapear símbolos, grafias e reconstruções documentais a partir de informações em rede.

■ *Qual o volume e o estado de conservação desses documentos?*

O volume hoje é plenamente identificável em 23 m. Embora aí estejam tipologias diferentes de documentação, impressos, manuscritos, fotos, entre cartas, relatórios, termos de posse, inventários e uma variedade enorme de documentos que cronologicamente iniciam no século 18. O estado físico é diverso, entre assuntos variados: da identificação das pandemias que assolaram a cidade de João Pessoa ao mapeamento dos cemitérios sob administração da SCM. Existem documentos impecáveis no sentido de legibilidade e outros que estão reservados ao restauro. Para isso, pensamos em um inventário destinado a criarmos um plano de estruturação do acervo da SCM. Seja na própria sede ou na UEPB.

■ *Como é feito o processo de restauração desse tipo de documento? Quantas pessoas incluídas?*

A restauração dos documentos depende de uma série de fatores. O documento precisa ser mapeado em suas condições visuais mais aparentes. É importante lembrar que toda a informação de um manuscrito deve ser levada em consideração e mantida minimamente intacta, sem maiores intervenções que o alterem. Um carimbo, uma marca d'água, uma assinatura reconhecível, devem ser mantidos. Mesmo a tinta usada, o período e técnica daquela forma de escrita devem ser preservadas. Incluindo o tipo de papel, a ação de fungos e insetos que por ventura tenham agido sobre o suporte, inclusive as visíveis “patologias do papel” que possam ser tratadas mecanicamente (higienizando-o) ou quimicamente em ambiente de laboratório. Existem estufas, espaços de desinfecção no

Laboratório de Conservação e Restauro da UEPB (Lacre) que conseguem, hoje, dar exiguidade da ação de restauro, inclusive com profissionais doutores na área. Dependendo do estado dos documentos, eles entram num processo de triagem e são processados para restauro. Hoje, o curso de Arquivologia da UEPB possui uma coordenadora de restauro e uma equipe de 12 alunos, sob minha coordenação, que trabalham no Projeto da SCM, entre bolsistas e voluntários.

■ *Qual é a importância histórica e social de recuperar e preservar esses documentos médicos da Santa Casa?*

Imaginem a possibilidade de mapear o impacto das pandemias, nos vários períodos da história da Paraíba a partir de vivências no passado. As quarentenas, as patologias, as consequências das superstições, do desconhecimento das práticas de higiene, dos avanços da medicina, o papel das campanhas sanitárias ao longo do século 19 e 20 e como esses momentos alteraram as práticas médicas. Muito recentemente, na pandemia de Covid, passamos por algo muito parecido com o que ocorreu na Paraíba ao longo do século 19. Surtos de cólera, varíola, entre outras doenças. Manuscritos da SCM nos dão a possibilidade de tentar nos aproximarmos de vivências didáticas no passado sobre comportamentos sociais e cultural em tempos de crise pandêmica, particularmente dentro da função hospitalar que a instituição mantinha.

■ *Esses arquivos podem trazer informações inéditas sobre os cuidados de saúde e as doenças tratadas na Paraíba durante o período colonial e imperial?*

Certamente. Temos alguns séculos de lacunas no tocante às práticas de saneamento e trato com doenças, seja pela não existência de médicos ou pela inexistência de informação. Mas, guardadas as devidas proporções e contextos históricos, alguns dos problemas do século 19 permanecem no presente. Falta de informação sobre o uso da água, assepsia das mãos, saneamento básico... Acrescentemos hoje um grande problema que é o anti-cientificismo. Infelizmente, muitos avanços têm sido prejudicados pelo negacionismo.

■ *Existe alguma previsão de digitalização desses acervos para ampliar o acesso de pesquisadores e da população?*

Tudo vai depender da finalização do inventário a partir da massa documental. Inclusive da finalização da higienização de todos os documentos. São muitas as tipologias e formas diferentes de lidar com os suportes que identificamos. Por exemplo, a digitalização de fotos impressas antigas recebe critérios diferentes de um manuscrito. A ideia é que, considerando essas formas distintas, tenhamos boas respostas até o segundo semestre de 2026. Digo em termos de digitalização. Estamos a aguardar *scanners* que nos possibilitem ace-

lerar a digitalização a partir de diversos formatos.

■ *Como o curso de Arquivologia da UEPB tem se envolvido diretamente com esse trabalho?*

O processo de formação superior a partir do curso de Arquivologia da UEPB tem sido natural pela oportunidade de treino e vivência dos alunos e das alunas junto a um acervo local e real. Mas vai além. Sob minha coordenação e de outros professores do curso, temos conseguido criar uma *expertise* junto a um tipo de documentação que tem capacitado alunos e alunas a trabalharem em qualquer instituição. Um corpo profissional formado no estado que atuará não só no acervo da Santa Casa, mas em outras instituições. As bolsas de iniciação científica e o voluntariado também têm ajudado, embora penso que a ampliação das mesmas possa criar novas oportunidades de treinamento. Um grande avanço foi a habilitação do Mestrado em Governança Arquivística, uma das duas pós-graduações na área do Brasil, parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No futuro muito próximo, teremos profissionais pós-graduados na área de Arquivologia, formados na Paraíba.

■ *Você comentou que muitos dos documentos são do século 19 e exigem conhecimentos específicos para leitura. Como vocês estão lidando com a paleografia nesse projeto?*

É um desafio, mesmo com todas as técnicas de leitura e transcrição. Imaginem ler um documento do século 16, num tipo de grafia em desuso, arcaica, com regras inexistentes ou em formação, ou pelo menos não mais utilizadas no presente. Estamos falando em graus distintos de complexidade. Particularmente, numa sociedade atual, com milhões de “não leitores”, é um grande dilema que tem sido superado com esforço de uma nova geração de investigadores disciplinados já na graduação. Ler é disciplina, não é? A paleografia (leitura de códigos de escrita antigos) é uma área de transcrição que tem sido ressignificada a partir da tecnologia. Celulares digitalizam manuscritos hoje em dia com alta resolução, e muitos aplicativos conseguem dar visibilidade a imagens com precisão. Estamos unindo o esforço pela leitura do passado, com técnicas já clássicas, com tecnologia do presente.

■ *Há algum documento ou conjunto de informações que já tenha surpreendido a equipe durante a análise inicial do acervo?*

Quase todos os dias, no laboratório, encontramos referências na documentação a todo tipo de evento: a escravidão, os costumes, o nome de pessoas envolvidas em eventos históricos, a expansão da cidade, aos problemas de saúde da cidade... Um dos documentos que encontramos diz respeito, por exemplo, à quantificação de mortos decorrentes das secas recorrentes entre os séculos 18 e 19. A Santa

Casa da Misericórdia recebia doentes retirantes que chegavam à capital, oriundos da Caatinga. Podemos mapear, inclusive, idade, causa da morte, etc. Um quadro amplo da história social paraibana.

■ *Em que medida o resgate desses arquivos pode contribuir para a valorização da memória urbana de João Pessoa e da história da saúde pública no estado?*

A cidade obedeceu a uma expansão urbana que tem muita relação com os cemitérios. Por exemplo, a Santa Casa administrava um dos principais cemitérios a funcionar na Igreja da Misericórdia. Com a República (1889), houve um processo de secularização dos cemitérios e sanitização das cidades. As fronteiras naturais saíram das igrejas, lugar de sepultamento, e foram para áreas periféricas, acompanhando novos espaços urbanos projetados. Esse processo se apresenta nos relatórios, ofícios e inúmeros manuscritos da Santa Casa da Misericórdia da Paraíba.

■ *Suas pesquisas envolvem também temas como religião, juventude e resistência cultural. O que influenciou sua trajetória como historiador e sua escolha por investigar memórias pouco exploradas da Paraíba?*

Sempre me interessei por estudar processos históricos a partir de conceitos como “sagrado e profano”, momentos de transição, revoluções nas mentalidades, mudança e manutenção. A sociedade brasileira, especialmente, sempre apresentou aspectos híbridos. No Brasil, não temos uma definição fixa do que é totalmente tradicional e o que rompe completamente com o passado. Somos uma sociedade que se transforma na mistura, recebe influência externa e a ressignifica. A Paraíba passa pela mesma perspectiva. A diferença é que estudos que se lançam sobre períodos mais recentes são lacunares. Ainda são poucas as investigações históricas sobre, por exemplo, a juventude dos anos 1950 ou 1960, esfera que tem me interessado no presente.

■ *Como educador, como você vê o papel da literatura na formação da consciência histórica e cidadã?*

Aprofundar a compreensão do mundo atual passa, necessariamente, pela capacidade de realizar conexões, reflexões aprofundadas sobre eventos, pessoas e significados no tempo. Precisamos formar cidadãos que consigam desnaturalizar horrores. Que, a partir da arte e da sensibilidade, consigam vivenciar leituras formativas positivas, alertas a injustiças, a violências e práticas desumanizantes. Não saber explicar e interpretar o passado passa também pela incapacidade de interpretar o presente criticamente. Sem a literatura, por exemplo, temos uma sociedade monocromática e fácil de ser dominada pela barbárie. Vejam o que temos enfrentado com a expansão do neofascismo, a partir de leituras equivocadas sobre o nacionalismo.

ALÉM DO PROVIDOR

# Cuidar também é coisa de homem

*Pais desafiam padrões, enfrentam preconceitos e assumem um papel afetivo e cotidiano na criação dos filhos*

Bárbara Wanderley  
babiwanderley@gmail.com

Durante muito tempo ser pai foi sinônimo de trabalhar para pagar as contas da casa e, talvez, matricular o filho numa boa escola. No mundo moderno, porém, muitos homens já entenderam que a paternidade envolve muito mais do que suporte financeiro. Apesar de, por muitas vezes, serem vítimas de um machismo enraizado na sociedade, que vê o trabalho de cuidado como algo feminino, existem alguns pais que se comprometem de forma mais profunda no dia a dia dos filhos, extrapolando o papel de provedor, não abrindo mão da presença ativa nos mais variados aspectos da vida de sua cria.

Esse é o caso do professor universitário Wallace Beiroz da Silva, pai do pequeno Rafinha, de dois anos e quatro meses. Ele conta, no entanto, que nem sempre a relação foi estabelecida dessa forma. “A gente vive num mundo patriarcal, machista, então por muito tempo eu comprei o discurso de que o homem é o provedor e a mulher é a cuidadora. Com o tempo isso foi caindo, eu fui tendo acesso a vários tipos de família, fui refletindo essa questão. Quando veio a notícia de que eu seria pai, já tinha uma

consciência melhor, e uma percepção de que o papel do cuidador cabe ao ser humano, independente do gênero e do sexo”, afirmou.

Wallace relatou que participa de quase tudo na vida do filho. “A única coisa que não é viável é amamentar”, disse. “Eu me preocupo em saber como ele está na escola, quem são os amiguinhos, além do horário de pediatra e remédio, que normalmente estão sob minha responsabilidade. Dou colo quando ele precisa, troco fralda, dou banho, escovo os dentes. Fico preocupado com essa questão do que ele está tendo acesso de conteúdo, seja livro ou TV. Mesmo a amamentação, quando ele mamava muito mais, eu, normalmente acordava, de madrugada, pegava ele no colo e botava no peito da minha companheira”, detalhou.

O motorista Luiz Carlos Souza precisou assumir mais responsabilidades com a pequena Yasmim, que hoje tem três anos, para viabilizar o trabalho de sua esposa. Quando Yasmim tinha apenas sete meses, a mãe foi aprovada em um concurso público e a família precisou se mudar de Sergipe para João Pessoa. Desde então, ele passou a cuidar da filha durante o período em que a esposa trabalha, já que não



Wallace construiu um tipo de paternidade no qual participa de todos os aspectos da vida de Rafinha

possuem familiares ou qualquer outra rede de apoio na nova cidade.

“Eu tive que aprender a fazer tudo, porque, quando morávamos em Sergipe, a mamãe cuidava dela durante todo o dia e, à noite, quando eu chegava em casa, só colocava para dormir”, lembrou. A única coisa que Luiz Carlos afirma não ter aprendido ainda é arrumar o cabelo da filha, tarefa que continua sendo responsabilidade da esposa. Apesar de não ter feito tanto antes, o pai sempre teve consciência de que a responsabilidade pela criação dos filhos é do casal, e não apenas da mulher.

## Importância

A psicóloga Aretha Paiva destacou que a função paterna, assim que o filho nasce, é complementar à materna e ambas têm papéis fundamentais no desenvolvimento

emocional e integral de uma criança. “Nos primeiros meses, o bebê encontra-se em um estado de dependência absoluta, vivendo uma experiência simbiótica com a mãe. É ela quem oferece o chamado *holding* — um suporte físico e emocional que permite ao bebê sentir-se seguro, acolhido e, assim, começar a se constituir como sujeito. Mas, para que essa mãe consiga sustentar esse cuidado primário com sensibilidade e estabilidade, ela precisa também ser sustentada. E aí entra a função paterna: oferecer amparo à mãe para que ela possa amparar o bebê”, explicou.

Ela esclareceu ainda que, à medida que a criança vai se desenvolvendo, ela precisa sair da relação simbiótica com a mãe, nesse momento a figura paterna torna-se ainda mais visível e necessária, pois sua presença ajuda o fi-

lho a se diferenciar da mãe, compreendendo que existe um mundo além dessa simbiose maternal inicial.

“Por isso, a função paterna não se limita à presença física ou à autoridade. Ela está profundamente ligada à sustentação emocional do ambiente familiar, à promoção da separação [da mãe] de forma segura e, sobretudo, à corresponsabilidade no cuidado. Um pai que participa das rotinas, que se envolve, que está emocionalmente disponível, é um pai que contribui para que a criança cresça inteira, com raízes afetivas sólidas e espaço para ser quem é”, relata Aretha.

A psicóloga defende ainda que a participação ativa dos pais na vida dos filhos também cumpre uma função social significativa. “Quando o pai se envolve de forma afetiva e presente



**Quando o pai se envolve de forma afetiva e presente, ele contribui para ressignificar a socialização masculina**

Aretha Paiva

no cuidado diário, contribui para ressignificar a socialização masculina e romper com a ideia de que cuidar é uma função exclusivamente feminina”, opinou.



O afeto pode ser construído por meio de ações muito simples

## Machismo, abandono e os obstáculos da paternidade presente

O perfil de homens mais ativos e presentes na vida dos filhos é uma novidade, especialmente quando comparado às experiências paternas de gerações anteriores. Uma pesquisa realizada, em 2019, pela Ipsos, em parceria com o Instituto Global para a Liderança Feminina do King's College London, no Reino Unido, revelou que 26% dos brasileiros acreditavam que um homem que exerce a paternidade ativa perde masculinidade. Entre executivos e pessoas em cargos de decisão e liderança, esse percentual subia para 35%.

A psicóloga Aretha Paiva afirmou que esse tipo de pensamento tem relação com a forma como homens e mulheres são socializados historicamente. A maneira como são orientados, desde muito novos, costuma ser bastante permeada pelo machismo. “Ambos são educados, na maioria das vezes, inconscientemente, para manter essa lógica de poder. Vários homens, infelizmente, ainda não estão

dispostos a abrir mão de seus privilégios, e isso se reflete, diretamente, na forma como exercem (ou deixam de exercer) a função paterna”.

## Abandono paterno

Aretha ressaltou que os dados sobre abandono paterno no Brasil seguem alarmantes e, embora tenha havido uma ligeira queda em 2024, o número de crianças registradas sem o nome do pai vem crescendo há anos. “E mesmo entre aquelas que têm o pai no registro civil, muitas não contam com o devido amparo afetivo e financeiro. Essa ausência revela não apenas a negligência individual, mas uma falha coletiva que precisa ser enfrentada com seriedade, responsabilidade e transformação cultural”.

De acordo com dados do Portal da Transparência do Registro Civil, organizados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) e divulgados por instituições como o Instituto Brasileiro de Di-



Luiz procura passar um tempo de qualidade com Yasmim

reito de Família (IBDFAM), mais de 172,2 mil crianças foram registradas sem o nome do pai, em 2023, no Brasil — um aumento de 5% em relação a 2022, quando o número chegou a 162,8 mil. Esse cenário de abandono paterno tem se agravado nos últimos anos: em 2018, o percentual de registros sem o nome paterno era de 5,5%, subindo para 6,9% em 2023, considerando os dados até o mês de junho.

As diferenças regionais também são significativas. Na

Região Norte, aproximadamente 10% das crianças nascem sem o nome do pai na Certidão de Nascimento, o que representa cerca de 29,3 mil casos. No Nordeste, essa proporção é de 8%, totalizando mais de 52 mil registros. As regiões Sudeste e Centro-Oeste apresentam índices em torno de 6%, enquanto o Sul registra o menor percentual: 5%.

## Preconceito

Os homens que tentam na-

dar contra essa maré acabam sofrendo certo preconceito de seus pares, conforme revelou Wallace da Silva. “Tem muitos colegas que dizem que compreendem o fato de eu estar participando da criação do meu filho, mas ao mesmo tempo vão me excluindo e colocando de lado. Isso é o que acontece com as mulheres, né? Eu vejo que é um peso imposto pela sociedade para quem decide cuidar”, avaliou, observando, no entanto, que esse comportamento é mais comum entre pessoas de gerações mais velhas.

O professor universitário chama atenção para um aspecto legal que, segundo sua percepção, poderia ser revisto como forma de oferecer melhores condições para os pais contribuírem no processo de acompanhamento de seus filhos, inclusive auxiliando as mães nos primeiros momentos de vida da criança. “Tem outra questão que me parece bem sintomática, o fato de a gente ter uma licença paternidade tão curta. Eu, como ser-

vidor federal, tenho uma licença paternidade de 20 dias. O que são 20 dias na vida de um bebê, sabe?”, completou.

Luiz Carlos Souza também percebe o preconceito presente na sociedade. Para ele, ainda é comum que muitos homens acreditem que a responsabilidade de cuidar e educar os filhos seja exclusivamente das mulheres, cabendo a eles apenas o papel de provedores da família. “Essa é uma visão machista. O pai não ‘ajuda’; ele tem as mesmas obrigações que a mãe. É preciso quebrar esse tabu, principalmente entre os homens, e compreender que cuidado, amor, carinho e zelo são deveres do casal, e não apenas da mulher”, afirma.

Em seu relato, Luiz Carlos faz um apelo: “Pais, sejam presentes na vida dos seus filhos. Tenham tempo de qualidade com eles. O maior presente que um filho ou filha pode ter é um pai presente. Criem memórias cheias de amor, atenção, carinho e cuidados. Feliz Dia dos Pais”.

SAÚDE E BEM-ESTAR

# Tratamentos renovam autoestima

Avanços na tricologia e no transplante capilar ajudam a reverter a calvície e a recuperar a confiança

Samantha Pimentel  
samanthaunio@gmail.com

Muito além de uma simples condição estética, a calvície pode afetar a autoconfiança, a vida social, amorosa e emocional de quem enfrenta o problema. Quando a condição começa a aparecer em pessoas mais jovens, ou mesmo em mulheres, isso se torna um agravante para a diminuição da autoestima. Segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), aproximadamente 42 milhões de brasileiros sofrem com algum grau de calvície. Entre esses, 25% têm de 20 a 25 anos. Embora seja mais comum no sexo masculino — estima-se que 80% dos homens com mais de 80 anos sofram do problema — a condição também pode afetar as mulheres. Nos homens, a perda de cabelo tende a concentrar-se no topo do couro cabeludo. Nas mulheres, é mais difusa. Nos dias atuais, no entanto, com o avanço das técnicas de tratamento e transplante capilar, é possível contornar a falta de cabelo, sobretudo quando o tratamento é iniciado precocemente.

Segundo a médica dermatologista Beatriz Gayoso, a calvície — conhecida cientificamente como alopecia androgenética — está diretamente relacionada a fatores genéticos. No entanto, episódios de estresse intenso e pontual também podem desencadear a queda de cabelo por meio de um mecanismo chamado eflúvio telógeno, no qual os fios caem precocemente, agravando o aspecto estético da calvície.



Hyldo Pereira demonstra o antes e o depois do transplante

## Quando a queda de cabelo afeta emocionalmente as pessoas

O exemplo de Hyldo evidencia o impacto que o cabelo pode ter na autoestima, influenciando tanto a forma como nos enxergamos quanto a maneira como somos percebidos pelos outros. A psicóloga Adriana de Melo reforça essa ideia ao destacar que o cabelo faz parte da identidade de uma pessoa e está diretamente ligado à confiança e ao bem-estar emocional. “Culturalmente falando, o cabelo é algo que mexe diretamente com a aparência. Se a pessoa perde o cabelo por uma doença, por exemplo, mesmo que seja algo transitório, isso se torna uma grande questão. Você não se enxerga como antes, porque isso está ligado à vaidade, à beleza”, explica. Adriana de Melo explica ainda que a perda de cabelo pode provocar mudanças significativas na autopercepção, com impactos profundos na vida emocional e social. “É muito forte quando as pessoas começam a se perceber diferentes do que gostariam — e também do que eram. Quando você se olha no espelho e não se vê como uma pessoa bonita, isso afeta os relacionamentos, a confiança, a autoestima”, destaca.

Segundo a psicóloga, essas transformações podem desencadear comportamentos de isolamento. “Muitas vezes, a pessoa começa a evitar sair, não quer tirar fotos e, até para se relacionar com alguém, se sente mais retraída, com vergonha, insegura... e isso vai gerando outras questões”, completa.

Antigamente, a calvície era vista como algo natural do envelhecimento, especialmente entre os homens, e geralmente era aceita com mais tran-



Com mudanças no estilo de vida, conseguimos evitar que esse gene se manifeste tão precocemente

Alessandra Canuto

sandra Canuto, biomédica especialista em Saúde Integrativa e membro da Academia Brasileira de Tricologia (ABT), explica que, mesmo nos casos de alopecia androgenética, em que há predisposição genética para a queda capilar, é possível controlar o problema. Ela ressalta que, a depender do estilo de vida, pode-se retardar ou adiantar a manifestação do gene responsável pela condição. “Hoje, observamos pacientes desenvolvendo essa forma de alopecia cada vez mais cedo, muitas vezes por conta da ausência de hábitos saudáveis, como boa alimentação, sono de qualidade e prática regular de atividade física”, destaca.

Alessandra ressalta ainda que a epigenética — ciência que estuda como os fatores ambientais e comportamentais podem influenciar a expressão dos genes — pode ser mais determinante do que a própria carga genética. “Com mudanças no estilo de vida, conseguimos evitar que esse gene se manifeste tão precocemente”, afirma.

A biomédica explica que, em alguns casos, a queda capilar pode estar relacionada à alopecia cicatricial — uma condição caracterizada pela destruição dos folículos capilares, que resulta na formação de cicatrizes no couro cabeludo e na perda permanente dos fios. Nesses casos, infelizmente, não há possibilidade de reversão. Por outro lado, nas alopecias não cicatriciais, é possível tratar e, em muitos casos, reverter o quadro. “O ideal é que o paciente procure ajuda assim que perceber algo diferente, como queda de cabelo, coceira ou descamação”, orienta.

De acordo com a tricologista, uma vez identificada a causa da calvície, é possível elaborar um plano de tratamento personalizado, que pode incluir desde o uso de laser de baixa potência — que ajuda a energizar as células — até cosméticos, suplementos e outros recursos. Alessandra reforça o quanto é fundamental avaliar cada paciente individualmente e investigar todos os possíveis fatores envolvidos. “Além dos já mencionados, o uso frequente de produtos químicos para alisamentos e progressi-

quilidade. No entanto, como aponta a psicóloga Adriana de Melo, esse cenário mudou: hoje, pessoas cada vez mais jovens enfrentam o problema, e até mesmo os mais velhos demonstram maior preocupação com a aparência do que em gerações anteriores. Segundo ela, essa mudança de perspectiva está diretamente ligada à influência das redes sociais, que ampliaram a exposição pessoal e aumentaram a pressão estética. “Você tem que estar o tempo todo impecável, parecer bem, sair bem na foto. Então, se você entende que a sua calvície te torna uma pessoa feia, isso afeta seu bem-estar psicológico, o que pode levar a outros problemas, como fobia social, baixa autoestima e até depressão”, destaca.

Adriana ressalta ainda que, embora a busca por melhorias



A tricoscopia é um exame dermatológico não invasivo que amplia a imagem do couro cabeludo

vas, assim como questões emocionais, também podem contribuir para a queda capilar”, relata a especialista.

### Transplante capilar

A tricologia avançou significativamente nos últimos anos, oferecendo novas possibilidades de tratamento para a calvície. A dermatologista Beatriz Gayoso destaca que, atualmente, é possível ir além do simples gerenciamento da condição — como o retardo da sua evolução —, utilizando medicações orais e injetáveis que contribuem para a melhora da densidade dos fios. Além disso, os avanços no transplante capilar fio a fio também ampliaram as opções terapêuticas.

Quando se trata de transplante, a técnica mais moderna disponível é a Follicular Unit Extraction (FUE), desenvolvida na Califórnia (EUA). Segundo o cirurgião capilar Carlos Filho, fundador da Sociedade Brasileira de Cirurgia Capilar (SBRCC), essa técnica destaca-se por ser livre de cortes, não deixar cicatrizes lineares e permitir a extração e o transplante fio a fio. O procedimento é indicado tanto para casos de alopecia androgenética — responsável por cerca de 90% dos diagnósticos — quanto para calvície causada por algumas doenças, desde que estejam controladas e não comprometam os folículos. De acordo com o especialista, pes-

soas com alopecia a partir do grau 2 podem se submeter ao procedimento.

No transplante capilar, os fios são retirados das laterais da cabeça e da região próxima à nuca — áreas que não são afetadas pelo gene da calvície, em função da menor sensibilidade dos folículos capilares dessas regiões ao hormônio dihidrotestosterona (DHT), principal responsável pela miniaturização e queda dos fios. Como resultado, os cabelos transplantados não tendem a cair.

Carlos Filho, no entanto, ressalta que, para garantir bons resultados, é fundamental realizar uma preparação prévia ao transplante, além de seguir um tratamento após o procedimento. “O cabelo nativo do paciente continua em processo de queda, então é muito importante, além do transplante, fazermos o tratamento clínico”, explica. Ele acrescenta ainda que a busca por tratamentos contra a calvície tem crescido de forma significativa e que o transplante capilar já é a cirurgia plástica mais realizada entre os homens.

O jornalista e influenciador Hyldo Pereira, de 42 anos, passou por dois procedimentos de transplante capilar — o primeiro há dois anos e o segundo há cerca de dois meses. Ele conta que, além de ter alopecia androgenética crônica, uma forma hereditária de calvície que começou a se manifestar antes

dos 30 anos, também enfrentou uma perda capilar acentuada devido ao uso de medicamentos para emagrecimento.

“A queda foi se acentuando com o tempo, até porque eu tinha uma alimentação desregulada e era sedentário. Aos 35 anos, ela já estava no seu ápice”, relata. Por trabalhar com telejornalismo, ele destaca que a imagem tem grande importância em sua carreira, o que o motivou ainda mais a buscar o procedimento. “É um ganho na autoestima que não há dinheiro que pague. Tudo melhorou!”.

Hyldo também fala sobre os impactos emocionais da transformação: “Faço tratamento para ansiedade e, quando a autoestima está baixa, a ansiedade fica mais latente. Hoje me sinto mais vaidoso, faço escova, posso usar gel, laquê, pomadas, coisas que nunca imaginava antes do procedimento”, celebra.

■ A técnica mais moderna de intervenção cirúrgica é a FUE, que destaca-se por ser livre de cortes e não deixar cicatrizes



É muito forte quando começam a se perceber diferentes do que gostariam e também do que eram

Adriana de Melo

na aparência seja legítima e possa contribuir para a autoestima, é fundamental refletir sobre as inseguranças que afetam a qualidade de vida. “É necessário se fortalecer emocionalmente e, se for o caso, buscar ajuda terapêutica. Buscar entender quem é você, e saber que não é o cabelo, o peso ou outros aspectos da aparência que vão lhe definir. É preciso estar atento às suas questões, para também cuidar e buscar melhorias de forma saudável”, conclui.

A dermatologista Beatriz Gayoso explica que o ciclo capilar tem três fases: crescimento, pausa e queda. “Cerca de 10% dos fios estão normalmente na fase de queda, que dura cerca de três meses. Por isso, perder fios diariamente é natural”, diz. Segundo ela, antes se aceitava a perda de até 100 a 120 fios por dia, mas esse parâmetro foi re-

visto, já que a quantidade de fios varia entre as pessoas. “Hoje, avaliamos se houve mudança no padrão de queda — se ela aumentou em relação ao habitual”. Beatriz alerta que a queda capilar preocupa quando ultrapassa três meses e causa falhas visíveis no couro cabeludo.

A tricologista Alessandra Canuto recomenda, nesses casos, procurar um especialista, informando que, se os fios caem em excesso — ao pentear, lavar ou apenas passar a mão —, é preciso investigar. “A avaliação é feita com a tricoscopia, exame dermatológico não invasivo que amplia a imagem do couro cabeludo e dos fios, permitindo identificar inflamações, obstruções ou outros problemas”, explica Alessandra. Ela reforça que o diagnóstico precoce permite interromper a queda, preservar os fios e evitar a calvície.

VÍTIMA NO TRABALHO

# Quando a cobrança vira um abuso

*O assédio organizacional caracteriza-se por situações geradas pela própria política interna de um ambiente profissional*

Samantha Pimentel  
samanthauniao@gmail.com

Em muitas situações, o ambiente de trabalho torna-se um espaço de sofrimento e adoecimento para os trabalhadores. Isso acontece, por exemplo, quando há casos de assédio, que se configuram como condutas abusivas, repetitivas e prolongadas, atentando contra a dignidade e a integridade psíquica ou física de uma pessoa. Essa é uma forma de violência caracterizada por ações, palavras ou atitudes que humilham, constrangem ou desestabilizam emocionalmente a vítima. E isso pode ocorrer pela prática individual, de uma pessoa para com outra, ou por meio de um ambiente organizacional que ocasiona o assédio. Nesse contexto, rotinas exaustivas, grande volume de demandas e cobranças feitas de forma desrespeitosa são alguns dos exemplos que caracterizam o chamado assédio moral organizacional.

Segundo Mirella de Souza, juíza do Trabalho e coordenadora da Comissão de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Moral e Sexual de Primeiro Grau do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-PB), esse tipo de assédio refere-se a episódios em que o problema se atribui aos códigos de organização

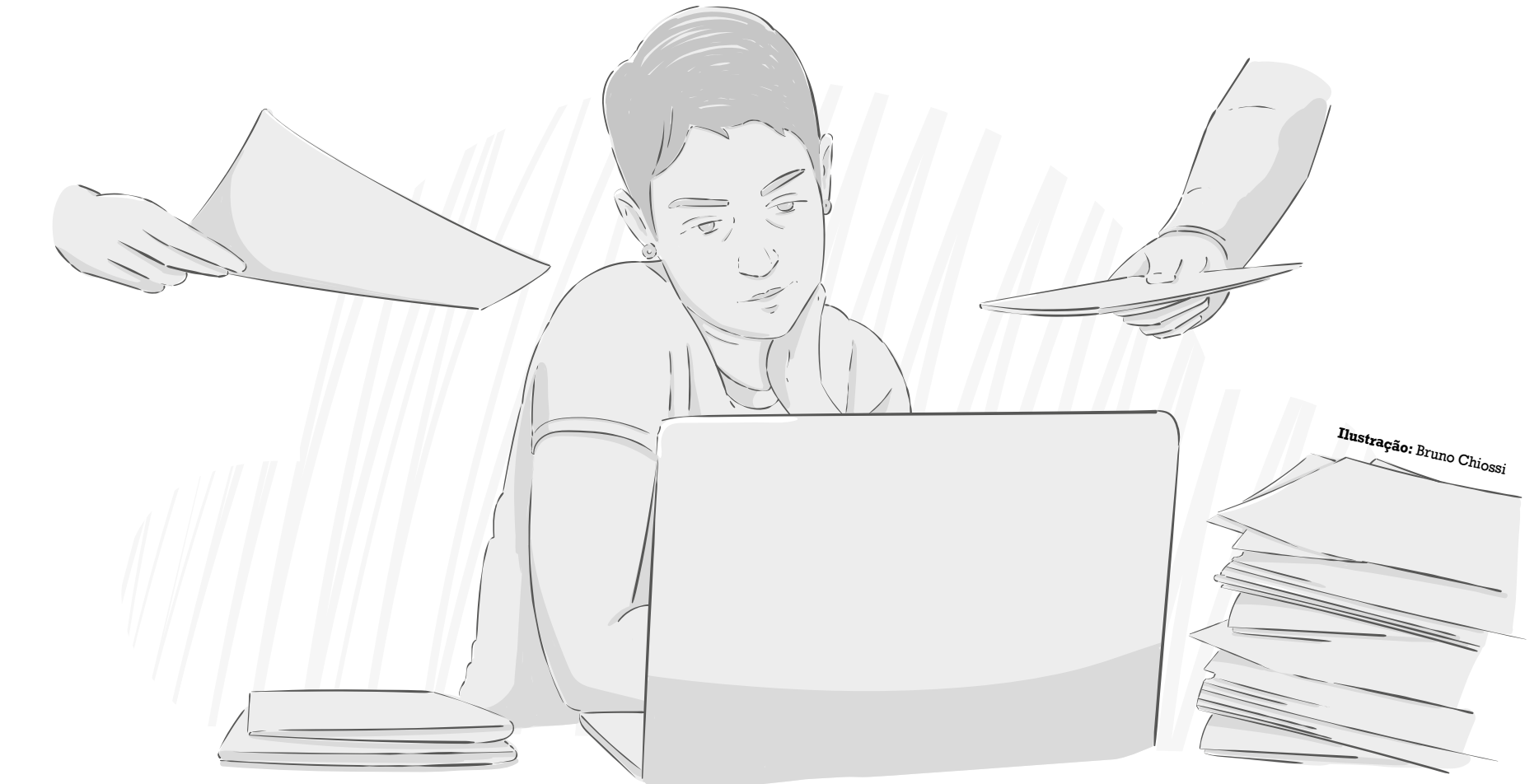


Ilustração: Bruno Chiossi

*Esse tipo de prática assediadora pode se manifestar em rotinas exaustivas, volume excessivo de demandas e formas discriminatórias de tratamento*

do próprio espaço profissional. “É diferente daquele assédio que envolve apenas uma ocorrência de mal-estar entre uma chefia e um insubordinado ou entre colegas de trabalho. Acontece quando as normas de produção de um empreendimento ocasionam situações assediosas”, explica a juíza, citando, como exemplo, casos de submissão reiterada a jornadas extenuantes e

de cobrança por um volume de trabalho incompatível com o tempo e os recursos disponíveis para sua execução. A procuradora do Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB), Andressa Coutinho, aponta que o assédio organizacional é motivado por um comportamento patronal generalizado, “reconhecido como política da empresa, então o agressor deixa

de ser uma pessoa física e passa a ser a própria pessoa jurídica e empresarial”. Para identificar essas práticas assediadoras, as pessoas devem estar atentas àquilo que ultrapassa os limites do poder diretivo da organização. Em um ambiente de trabalho, fazem parte da dinâmica organizacional exigências quanto ao alcance de metas ou mesmo que se corrija al-

gum funcionário que não esteja com a postura ou o rendimento adequados. Isso não se configura como abuso, de acordo com Mirella. “O assédio é quando se ultrapassam os limites de tratamento digno e respeitoso do outro. Por exemplo, o cumprimento de metas com ameaças, gritos ou retaliações, em caso de não se atingi-las — isso é assediado”, ressalta a magistrada.

■ Para identificar essas atitudes, o trabalhador deve estar atento àquilo que ultrapassa os limites do poder diretivo da organização

## Rescisão indireta e ação civil são providências possíveis

Conforme a advogada Deborah Henrique, o assédio organizacional também pode se manifestar por uma maneira discriminatória de tratar determinados públicos ou pessoas. “Pode ser um tratamento diferenciado das mulheres para com os homens, ou com empregados mais velhos, em detrimento dos mais novos, brancos em relação a negros”, observa a advogada, especializada em Prática Trabalhista, pontuando como esses casos podem motivar processos judiciais. “A Consolidação das Leis do Trabalho [CLT] não traz um artigo específico sobre o assédio moral organizacional. As ações desse tipo na Justiça do Trabalho se dão mais quando o empregado busca a rescisão indireta, ou seja, quando ele não pede demissão, mas rescinde o contrato por causa de uma prática abusiva do empregador, o que torna impossível a continuidade da relação empregatícia — e, dentro disso, pode-se enquadrar o assédio”, detalha Deborah, citando que tal previsão consta no artigo 483 da

CLT. Nesses episódios, com a vitória judicial, o trabalhador tem acesso a todas as suas verbas rescisórias trabalhistas, inclusive o seguro-desemprego, da mesma forma que aconteceria caso ele fosse demitido sem justa causa. Outra possibilidade para o empregado que tenha sido alvo de assédio desse gênero é ingressar com uma ação civil, visando, segundo Deborah, “responsabilizar a empresa e buscar uma reparação do dano moral que foi sofrido e que, muitas vezes, representa prejuízo à sua saúde mental”. A advogada informa que a responsabilização da organização pode acontecer de forma objetiva ou subjetiva: “Objetiva, quando é a ação direta da empresa que ocasionou o assédio, e subjetiva, quando houve assédio de um empregado para com o outro, mas, por omissão da empresa, ao não zelar pela saúde do ambiente de trabalho, ela também pode ser responsabilizada”. Na avaliação da especialista, seja qual for sua formalização na Justiça, as denúncias de

assédio organizacional vêm aumentando e tornando-se mais comuns, como reflexo de uma maior conscientização da população na busca pela garantia de direitos e pela reparação de danos. “Com a internet facilitando o acesso das pessoas à informação, elas estão reconhecendo que muitas práticas e situações vivenciadas no local de trabalho, as quais eram muitas vezes normalizadas, correspondem, na verdade, a uma relação abusiva. Organizações das categorias de base e sindicatos, por exemplo, também vêm promovendo palestras e difundindo essa conscientização”, pontua Deborah.



**As pessoas estão reconhecendo que muitas situações vividas no local de trabalho correspondem, na verdade, a uma relação abusiva**

Deborah Henrique

## Riscos psicossociais inspiram nova norma federal e mudança na Cipa

Diante de um cenário em que as empresas podem contribuir com condutas assediosas e ser responsabilizadas por isso, é preciso adotar práticas de gestão que ajudem a construir um ambiente organizacional mais saudável. O diretor jurídico da Associação Brasileira de Recursos Humanos — Seccional Paraíba (ABRH-PB), Vladimir Miná, salienta que o Governo Federal tem buscado, por meio de normativas, preservar a relação trabalhista, sobretudo no âmbito psicossocial. “A NR-1 [Norma Regulamentadora nº 1], que trata dos riscos ocupacionais, foi alterada para determinar que todas as empresas precisam ter uma mensuração e um plano de combate a riscos psicossociais — e aí entra a questão do assédio moral”, pontua Vladimir, lembrando ainda que a Cipa, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, virou CipaA, adicionando a prevenção de atos assediosos ao seu escopo de atuação dentro das organizações.

“Na ABRH-PB, temos trabalhado a questão da educação, fazendo um mapeamento de risco e pesquisas de clima organizacional. Existem métodos e técnicas que as empresas podem aplicar para mensurar isso. E, quanto ao combate [ao assédio], são feitos treinamentos com a equipe, com relação a comportamentos que não são aceitos

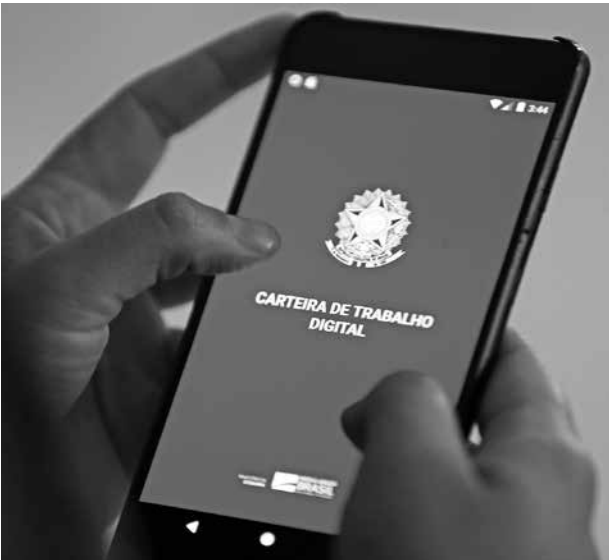
nem tolerados ou incentivados”, explica Vladimir. Segundo ele, as organizações também podem criar códigos de conduta internos, descrevendo as práticas esperadas e o que deve ser evitado, e manter vigilância às situações de risco, além de criar canais de denúncia sigilosos. **Denúncias** Para registrar casos de assédio moral organizacional, os trabalhadores podem procurar, inicialmente, a Ouvidoria da empresa e sindicatos de sua categoria. Quando isso não for possível ou não trouxer resultados efetivos no âmbito interno, pode-se ingressar com uma ação judicial ou formalizar a denúncia junto ao Ministério Público do Trabalho. Nessas situações, provas como *prints* de e-mails, conversas de WhatsApp ou qualquer outro registro de comunicação podem ser essenciais para evidenciar a prática, como destaca a procuradora do Trabalho An-

dressa Coutinho. “Isso é importante para que possamos investigar e aplicar, de forma adequada, as penalidades cabíveis à empresa ou ao órgão público”, comenta, frisando que as denúncias podem ser enviadas anonimamente pelo *site* <https://www.prt13.mpt.mp.br>. Além da instauração de inquéritos civis, de acordo com Andressa, o MPT-PB combate o assédio “por meio de procedimentos promocionais, em que chamamos determinados setores e categorias para conscientizar sobre a necessidade de não manter práticas desse tipo e de combatê-las. Isso acontece por meio de palestras e eventos”. A juíza do Trabalho Mirella de Souza relata que o TRT-PB também realiza atividades educativas quanto ao problema, incluindo “a publicação de matérias sobre a temática e a realização de palestras e cursos, tanto para servidores e magistrados como também para o público externo”.

## Saiba Mais

Segundo dados do Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB), o órgão recebeu 418 denúncias de assédio moral em 2024, enquanto, no primeiro semestre de 2025, houve 213 ocorrências denunciadas. Já no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-PB), foram ajuizadas, no ano passado, 551 ações relacionadas ao tema, que motivou, de janeiro a junho deste ano, outros 398 processos.

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



A CLT não dispõe de artigo sobre essa categoria de assédio

CAMINHOS DO FRIO

Remígio recebe atrações nacionais

Circuito leva shows de Ana Carolina e Marcelo Falcão à cidade, que também terá mostra de cinema e outras atividades

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

O município de Remígio, situado a aproximadamente 150 km de João Pessoa, no Brejo paraibano, prepara-se para receber atrações musicais de projeção nacional, a partir de amanhã, como parte da Rota Cultural Caminhos do Frio. Os artistas Ana Carolina, Marcelo Falcão e Renata Arruda estão entre os nomes que animarão o público do festival itinerante até o próximo domingo (17), durante a programação remigense do evento.

Remígio é a sétima cidade a sediar a edição deste ano do tradicional circuito, que teve início no dia 30 de junho e seguirá até 7 de setembro, percorrendo 10 municípios da região e oferecendo não apenas uma vasta agenda de atividades culturais, como também experiências gastronômicas e de ecoturismo.

Com o tema “Celebrando os Povos Tradicionais”, o 18º Caminhos do Frio é uma iniciativa do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano, com apoio do Governo do Estado — mediante a Secretaria de Cultura (Secult), a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde) e a Empresa Paraibana de Turismo



Foto: Divulgação/Prefeitura de Remígio

Município é o sétimo a sediar o festival itinerante neste ano; programação começa amanhã e vai até o próximo domingo (17)

(PBTur) —, além das prefeituras municipais das cidades integrantes, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) e da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio). O projeto já passou por Areia, Pilões, Matinhas, Solânea, Serraria e Borborema e, depois de Remígio, chegará a Bananeiras (18 a 24 de agosto), Alagoa Grande (25 a 31 de agosto) e Alagoa Nova (1º a 7 de setembro).

Expectativa

Diego Almeida, secretário de Cultura de Remígio, espera que a cidade receba, ao longo desta semana, um grande número de visitantes — tanto de outros municípios paraibanos como de outros estados. “Nós temos a expectativa de receber muita gente de fora do estado, como de Recife (PE), Fortaleza (CE) e Natal (RN). Nós não temos mais hospedagem em Remígio: estamos com 100% de lotação, tudo ocupado. As pes-

soas estão tendo que ir para locais próximos para se hospedarem. O Caminhos do Frio movimentou não só a economia do município, mas das cidades circunvizinhas”, salientou.

Na avaliação de Diego, o evento consolidou-se como um patrimônio cultural da cidade. “O festival tornou-se bastante significativo para a população local. O município respira o Caminhos do Frio. Há uns dois meses, mais ou menos, os morado-

res estão com uma expectativa muito grande sobre o que estamos preparando”, explicou.

Segundo o secretário remigense, a agenda local foi montada com o objetivo de proporcionar mais visibilidade à cidade e ao seu povo. “Queremos oportunizar que as pessoas que estão aqui sejam vistas — os comerciantes, os donos de pousada, os que trabalham com gastronomia. Queremos dar destaque ao nosso

município”, apontou. Com uma programação diversificada, que oferece atrações musicais, gastronômicas, audiovisuais e ecológicas, Remígio estará, realmente, em foco durante os próximos dias.

Oportunidade

De fato, o Caminhos do Frio é considerado um grande momento para que cada cidade participante promova seus atrativos turísticos. E os turistas que prestigiarem a rota cultural em Remígio poderão conferir produtos e equipamentos de grande relevância, como a Fazenda Tanques, popular por ter sido uma maternidade de pessoas escravizadas, no período da escravidão no Brasil; e a Vila Marical, espaço que reúne réplicas de diferentes edificações e estabelecimentos históricos do município. Remígio também é conhecida por ser a única cidade paraibana a manter um cinema de rua.

“Diversos roteiros turísticos serão explorados na cidade. Vai ser uma festa muito interessante, uma oportunidade de conhecer um pouco mais do município”, enfatizou Josenildo Fernandes, presidente do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano.

Fotos: Teresa Duarte



Dois empreendimentos remigenses muito populares farão parte do evento: a Tapera Artesanato e a Vila Marical, que abriga réplicas de edificações locais antigas



Agenda divulga culinária típica e patrimônio na Zona Rural

A abertura oficial do Caminhos do Frio em Remígio começará às 19h de amanhã, no Lagoa Park, com apresentações culturais e de grupos de forró. A próxima terça-feira (12) marcará o Dia da Cultura Local, com uma roda de conversa sobre a história da cidade, feira de artesanato e performances musicais. A quarta-feira (13), por sua vez, será o Dia da Gastronomia Regional, quando serão oferecidos, além de shows, uma oficina de culinária nordestina e degustação de pratos típicos.

De acordo com o professor Adenilzo Gonçalves, especializado nas origens históricas de Remígio, as principais atrações da culinária do município incluem receitas tradicionais do interior paraibano. “Buchada de bode, feijoada, pirão, comidas de milho e doces diversos são os destaques. Na Tapera, um estabelecimento localizado em área de assentamento, os proprietários produzem licores de flores,

Considerada o berço da escravidão na Paraíba, a Fazenda Tanques conserva um rico acervo histórico da época

casca da árvore umburana, raízes e frutos da região, junto ao artesanato em couro”, indicou Adenilzo.

Na quinta-feira (14), a cantora Ana Carolina, conhecida por sucessos como “Quem de Nós Dois”, “Encostar na Tua” e “Garganta”, promete emocionar o público do festival com um aguardado show, previsto para as 21h. A artista paraibana Renata Arruda fará a performance de abertura. Durante o dia, as atividades te-

rão as crianças e os jovens como foco, com a realização de brincadeiras tradicionais, teatro infantil e uma visita à Vila Marical, além de uma gincana cultural e de espetáculos de grupos de dança.

Na sexta-feira (15), será a vez de Remígio receber o cantor Marcelo Falcão, ex-líder d’O Rappa, que vai se apresentar às 21h, no Lagoa Park. “Outro destaque do dia é o Festival de Cine-

ma. Tivemos cerca de 400 filmes inscritos, de todo o Brasil”, revelou o secretário de Cultura do município. Além da exibição das produções, a programação prevê um painel com cineastas convidados.

Fim de semana

A Zona Rural remigense também será palco de atividades no festival: ainda na sexta-feira (15), haverá visi-

tações à feira agroecológica e à Fazenda Tanques, considerada o berço da escravidão na Paraíba. “A propriedade, que outrora fora usada como maternidade para os negros escravizados, é um marco histórico, tanto para o município quanto para o estado e o Brasil. Nela, encontram-se traços arquitetônicos da época da escravidão ainda preservados, assim como objetos e um rico acervo histórico oral”, observou o historiador Adenilzo Gonçalves.

Já no sábado (16), a partir das 7h, acontecerá uma feira livre com produtos regionais, seguida por performances de grupos folclóricos. Mais tarde, às 14h, ocorrerão campeonatos de estilingue e de pau de sebo. O fim da tarde será marcado por um passeio até a Tapera Artesanato, empreendimento cultural muito conhecido na região. “A Tapera é um ótimo lugar para se visitar, degustar a culinária local, conhecer a produção de peças

truiu sua casa próximo às lagoas que existiam no local, dando início, assim, à edificação de outras residências. Aquela comunidade que ali nascia foi, assim, originalmente denominada Lagoa de Remígio.

“É uma cidade que se eterniza no coração de quem a conhece, visita ou mora, e os filhos que dela partem, um dia retornam”, exaltou o historiador Adenilzo Gonçalves.

Saiba Mais

Os primeiros habitantes da localidade onde hoje situa-se a cidade de Remígio foram os indígenas potiguaras. Os registros históricos dão conta de que o alferes (patente militar da época) Luiz Barbosa da Silva Freire veio estabelecer-se na região com sua família e seus escravizados, iniciando a exploração das terras da área. Um dos seus genros, o fazendeiro Remígio dos Reis, cons-



Confira a agenda completa por meio do QR Code

em couro, adquirir os itens de artesanato e vislumbrar um ótimo pôr do sol”, recomendou Adenilzo.

O domingo (17), último dia do Caminhos do Frio em Remígio, trará, entre seus atrativos, uma exibição de vaquejada e a realização de uma corrida de rua, além de mais uma visita à Vila Marical, dedicada aos turistas que tiverem chegado ao município somente no fim de semana. O Festival de Cinema, por sua vez, promoverá uma sessão final e a premiação da mostra. Previsto para as 20h, o encerramento oficial do Caminhos do Frio será embalado por mais um show musical.

CINEMA

# Paraíba no streaming

Dois longas-metragens paraibanos entram no catálogo da plataforma gratuita Aruandaplay

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Em 2020, em meio ao conturbado e desesperançoso período pandêmico, um projeto inovador, em parceria entre a então Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, a Fapesq e o Fest Aruanda, ancoravam a produção audiovisual da Paraíba no mundo digital. Nascia a primeira plataforma paraibana de *streaming* de acesso livre, a Aruandaplay, que ora lança mais dois longas-metragens em sua temporada 2025, os dramas *Aponta pra Fé ou Todas as Músicas da Minha Vida* (2020, 71 min.), de Kalyne Almeida, e *Desvio* (2019, 95 min.), de Arthur Lins. Os títulos podem ser assistidos, gratuitamente, pelo *site* aruandaplay.com.br.

*Aponta pra Fé ou Todas as Músicas da Minha Vida* é o primeiro longa-metragem de Kalyne Almeida. Premiado com o troféu Aruanda de Melhor Direção de Arte, o filme conta a história de Martha (interpretada por Rayssa Holanda), estudante universitária e moradora da comunidade ribeirinha do Porto do Capim que divide seu tempo entre a maternidade, sua relação conjugal, os afazeres da faculdade e a liderança de uma associação de mulheres do local.

Em meio a constante ameaça de retirada das famílias para a construção de um complexo turístico, Mar-

tha viverá impactos substanciais em sua vida pessoal, sobretudo em seu casamento com Tiago (vivido por Bruno Goya, conhecido pelo filme *Aquarius*, de 2016), um ex-pescador e operário da construção civil.

“Estrear no *streaming* é uma grande realização, pois fazemos filmes para circular por aí. Já diz a poesia: o artista vai aonde o povo está”, comenta Kalyne, sentindo-se honrada em ter o longa exibido na Aruandaplay e fazendo alusão ao fato de que apenas um clique separa o público espectador do acesso ao filme.

*Desvio* também foi a estreia de Arthur Lins na direção de um filme longo, bem assim a primeira experiência nesse formato para grande parte da equipe envolvida. O longa, embora já tenha recebido prêmios e participado de festivais, retorna agora ao público em um contexto diferente, com acesso *on-line* e vinculado a um catálogo de obras, genuinamente, paraibanas.

“A gente acredita que o filme deve ter uma longevidade na sua relação com o público. Ele não é feito para um consumo imediato, como costuma ser a lógica das grandes distribuidoras”, afirma o diretor.

**Reencontro**

*Desvio* acompanha a trajetória de Pedro (encarnado por Daniel Porpino), personagem que retorna à cidade

natal após cumprir pena no regime semiaberto. O retorno não é apenas físico, mas simbólico: o protagonista reconecta-se com espaços, vínculos afetivos e com o cenário musical que marcou sua juventude. Diante disso, o filme investiga como são formadas as identidades na adolescência e quais as cicatrizes deixadas por essa fase do desenvolvimento humano.

“O filme é sobre reencontro: de um personagem com a cidade natal, de um músico com seu lugar de formação. Mas também sobre a sombra de algo que ficou mal resolvido e que acabou impulsionando o personagem para o mundo do crime”, explica Lins. Ele ressalta, no entanto, que o foco da obra não é o mundo do crime em si, mas as camadas afetivas e culturais que cercam o personagem.

Apesar da ambientação ficcional, o roteiro foi moldado a partir de pesquisas em João Pessoa e em Patos, município onde parte das filmagens ocorreram. “O roteiro passou por um processo de transformação antes da filmagem. As conversas com músicos e com os jovens que participaram do processo de seleção do elenco influenciaram bastante os personagens e o que se queria dizer no filme”, afirma.

A propósito, a trilha sonora e a presença de músicos reais são elementos estruturantes da narrativa. Grupos



Fotos: Ismael Monteiro/Divulgação



Retorno à cidade é o tema do filme dirigido por Arthur Lins (ao lado)



locais como o duo *punk* Carapato's e a Vênus in Fuzz participam da produção, tanto na execução musical quanto em inserções como personagens. “O filme é bastante musical. Propus que os músicos fizessem pequenas pontas como personagens da ficção. Isso trouxe uma autenticidade muito forte para as cenas”, destaca o diretor.

Pâmela (vivida por Annie Goretti), prima de Pedro, funciona como segunda protagonista da trama, expressão da cultura juvenil das décadas passadas, marcada pelo sentimento de pertencimento através da música.

Desse modo, o som opera

como mais do que uma trilha sonora: é linguagem e personagem. Segundo Lins, há uma camada no filme que remete a um passado geracional. “O filme fala mais da geração dos anos 2000, mesmo tendo sido filmado em 2017. Muita coisa mudou desde então, sobretudo com a expansão das redes digitais e do consumo musical na internet”, analisa.

Lins, o momento atual do audiovisual paraibano é de expansão e amadurecimento, impulsionado pela retomada de políticas culturais a partir de 2023. “A gente está num momento produtivo. A chegada de recursos por meio da Lei Paulo Gustavo, da Aldir Blanc e de outras linhas tem possibilitado a realização de filmes de todos os formatos”, analisa, lembrando dos avanços perceptíveis na autonomia técnica das equipes locais.

**Streaming (e agora)**

De acordo com o diretor, a distribuição digital gratuita representa uma oportunidade de alcance e de manutenção do filme na memória coletiva. “O filme se faz e se fortalece no encontro com o público”, defende. “A Aruandaplay permite que esse encontro aconteça de forma mais ampla, acessível e conectada com os hábitos contemporâneos de consumo audiovisual”.

Lins também enfatiza o papel simbólico do Festival Aruanda do Audiovisual Brasileiro para a trajetória do filme. “Foi no Fest Aruanda que a gente exibiu pela primeira vez o filme, em João Pessoa. Desde então, o festival segue em diálogo com o longa, o que é muito significativo para todos nós”, comenta.

Na avaliação de Arthur

Ele destaca, ainda, que, apesar de estar disponível, a permanência do título na plataforma não é garantida indefinidamente. “Muitas pessoas acham que os filmes vão ficar disponíveis para sempre, mas não é assim. É importante que o público vá lá e assista agora. Não se sabe até quando o filme estará disponível. Os contrastes têm duração, então, se tem interesse, é melhor ver logo”, conclui.



Fotos: Divulgação



O Porto do Capim é o cenário para o longa da diretora Kalyne Almeida (acima)

# Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

## Se não pode ser refutada, não é ciência?

A crítica de Karl Popper ao método indutivo é a mesma que já havia sido feita por David Hume, no século 18, isto é, a impossibilidade de sua fundamentação lógica. Isso porque a tentativa se baseia em considerar que uma determinada inferência é, universalmente, verdadeira com base em observações particulares, por mais ampla e sistemática que ela seja.

A partir de uma observação extensa e sistemática podemos inferir que hoje anoitecerá, mas a única garantia que temos está baseada na probabilidade. É possível que isso não ocorra, apesar das chances mínimas. O mesmo raciocínio vale para qualquer lei científica formulada a partir do método indutivo. Vejamos, existe uma lei da astronomia que afirma que os planetas se movem de forma elíptica ao redor de uma estrela. Há bilhões e bilhões de planetas no universo. Quem garante que, em alguma galáxia, não exista um planeta que se comporte de maneira diferente? Esse é, justamente, o problema da fundamentação lógica do método indutivo. No fim, só nos resta apelar para a probabilidade, o que é pouco para quem buscam segurança e verdade.

É importante separar o núcleo duro de um paradigma, de caráter metateórico, das proposições científicas. Newton,

por exemplo, concebia a natureza como um todo mecânico e impessoal. Essa é uma parte infalsificável de sua teoria, uma concepção filosófica e axiomática sobre o que é a natureza.

Popper faz uma crítica a Karl Marx, ao que ele entendia como teleológico no pensamento do filósofo alemão. A ideia de que o capitalismo caminharia, inexoravelmente, para sua própria destruição, resultando daí uma sociedade sem classes. Se considerarmos que Marx realmente pensava assim, essa seria uma proposição infalsificável, semelhante à profecia bíblica do fim do mundo, pois não estabelece datas ou períodos concretos que permitam verificação.

É fundamental analisarmos as proposições científicas específicas que cada teoria apresenta. Por exemplo, a lei tendencial da queda da taxa de lucro elaborada por Marx é falsificável, assim como a lei do valor, entre outras.

Isso nos leva à discussão sobre proposições analíticas e sintéticas. A proposição analítica “um homem alto é um homem” não requer teste empírico para ser considerada verdadeira, pois sua validade é estritamente lógica. É diferente da proposição “o Flamengo vencerá o Internacional no próximo domingo”, que é sintética, e, portanto, sujeita à ve-

rificação empírica. A proposição “pode chover ou não chover nas quartas-feiras” é outro exemplo de afirmação não falsificável. Essa mesma lógica está presente na teoria psicológica de Adler, quando ele tenta explicar todo o comportamento humano apenas a partir do sentimento de inferioridade.

O crítico e historiador da ciência Alan Chalmers ilustra isso com o exemplo de uma pessoa que está se afogando. Segundo a teoria de Adler, se a pessoa luta para sobreviver, isso pode ser interpretado como uma tentativa de superar o sentimento de inferioridade. Por outro lado, se ela não reage e se afoga, a mesma teoria explicaria o fato como uma manifestação de inferioridade tão intensa que a pessoa se entrega. Ou seja, qualquer desfecho possível é absorvido pela teoria, tornando-a infalsificável.

Esse tipo de explicação, que acomoda todos os resultados e não pode ser testada de forma rigorosa, é rejeitado por Popper como científica.

Penso que o critério de falsificabilidade obriga-nos a distinguir entre formulações filosóficas amplas e proposições empiricamente testáveis, permitindo uma avaliação mais rigorosa das pretensões científicas de cada teoria.

# Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## O cínico Borges

Conheço poucas pessoas que leram Borges ou que leem Borges. Eu sou uma delas.

Outro dia, li uma entrevista da ensaísta Ilza Matias de Souza, exímia leitora de Borges, que fala na “paisagem eletrônica” e nas mutações culturais — ela vê no horizonte da ficção o lugar do sujeito humano e de sua inteligência imaginante, em face às inteligências artificiais que produzem imagens digitais.

Para ela, Borges desempenha o papel de um filósofo cínico, ao modo de filósofos da antiguidade grega, indiferente às conveniências sociais, escapando de enveredar num humanismo impotente ou de conferir à ficção a capacidade de salvação da realidade. É, faz sentido.

O tom do cinismo borgiano é feito para desmascarar ou ferir de morte o discurso “pedagógico” da nação e do sujeito nacional, articulando um discurso performativo. Ou seja, discurso de nada.

Conheço leitores de Machado de Assis, Guimarães Rosa e do venerado Ariano Suassuna, esse, são muitos, são grilos de olho nos arco-íris, agarrados aos seus celulares, que dizem que se estão por aí em mutações ambulantes.

Em terra tabajara, há uma escritora que poucos sabem dela, que incorpora a aurora da autora de *Perto do Coragem Selvagem* e sabe tudo de Clarice Lispector, mas Clarice é um mistério.

Focado na ficção, o lugar do sujeito otário, que se diz cronista, contista, mas não passa das armadilhas. Uma escritora paraibana já lançou vários livros e sai vendendo de porta em porta. Pouco importa, né?

Conheço poucas pessoas que leram Borges. Eu sou uma delas.

Pessoas que batem palminhas para tudo, numa relação direta com o desafio sistemático tradicional e se vem consagrados sem colocar em xeque as suas ideias ou ideais. Dá no mesmo, né?

Gente hospitaleira, muita comida na mesa e de inteligência rasa, em face às inteligências artificiais que produzem milhares de imagens e tal e tal.

Notadamente, o poeta, o artista e o dândi ainda transformam o risco da foice e do machado.

Conheço os que ainda adoram o Che Guevara e chegam a tê-lo no trancelim, no videoperformance emblemático de uma série de contradições inerentes ao velho projeto revolucionário, que tem em sua *nécessaire* muitas urdiduras e nada mais.

De pronto, me vem o nome de Oswald de Andrade. Quem foi Oswald de Andrade? Quem foi Lee Oswald, que ainda hoje, dizem, agiu sozinho em Dallas. Esse leu Borges?

A antropofagia oswaldiana, a meu ver, diante de um pobre-diabo imortal da APL, este, traz o mesmo caráter de encenação de onde salta o bravo calabouço para instaurar o caos num único manifesto, que jamais Borges escreveria.

Conheço poucas pessoas que leram Borges, eu sou uma delas. Borges sozinho interveio e lançou sombras sobre a ilusão de transparência do primeiro blefe que se engendrara.

A alegria e o cinismo de Borges longe de vem, de longe, de um canto libertador, um tanto de tango, o gozo aflito, um pouco da vida, muitíssimo de sutileza, sagacidade e muitas noites argentinas delirantes com os seus seres imaginário, personagens do livro lançado em 1957.

### Kapetadas

1 – De gente que tem certeza que vai para o céu, o inferno está cheio.

2 – Tirando Lula e Bolsonaro, quem poderia governar o Brasil?

# Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Ódio, poder e manipulação política

A relação entre psicopatia e poder político tem despertado interesse crescente nas análises acadêmicas das Ciências Sociais, da Psicologia, da Psicanálise e da Filosofia e Ciência Política. A imagem simbólica do líder carismático — frequentemente de perfil religioso e guiado por interesses próprios — levanta questões sobre os traços de personalidade que favorecem a ascensão ao poder, muitas vezes marcada pela brutalidade, em diferentes sistemas políticos. Nesse cenário, constituído por dinâmicas de ódio, a psicopatia — entendida como um transtorno de personalidade caracterizado por manipulação, ausência de culpa, comportamento antissocial e egocentrismo — emerge como uma patologia de dimensões tanto individuais quanto coletivas nas análises sobre liderança e governança.

Segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM), a psicopatia é associada ao transtorno de personalidade antisocial. Contudo, o seu conceito clínico inclui características como falsa sedução, inteligência manipulativa e ausência de empatia. Robert Hare (1934), psicólogo canadense, descreve os psicopatas como predadores sociais. Em seus estudos, desenvolveu a Escala de Psicopatia de Hare (PCL-R, na sigla em inglês), instrumento amplamente utilizado para avaliar tendências psicopáticas, inclusive fora do contexto criminal. No âmbito político, certos traços psicopáticos podem ser funcionalmente adaptativos em contextos específicos. A capacidade de tomar decisões agressivas, a propensão ao risco é — de forma errônea — interpretada como sinais de liderança eficaz. Essa sobreposição entre características psicopáticas e atributos considerados desejáveis em estadistas — como assertividade, autoconfiança e controle emocional — dificulta a identificação de comportamentos disfuncionais, especialmente em sociedades que superavalorizam a eficiência e o respeito mútuo e o compromisso com o bem comum. Historicamente, líderes como Adolf Hitler (1889-1945) e Josef Stalin (1878-1953) são mencionadas em análises

como exemplos de lideranças com traços psicopáticos, por meio da manipulação sistemática da população e pelo uso da brutalidade como ferramenta de dominação e de crime. Estes exemplificam o potencial destrutivo da conjunção entre psicopatia e poder absoluto.

Nos dias atuais, há indivíduos com traços psicopáticos em posições de alto poder na política, em corporações religiosas e instituições militares. Fatores como a intensa competição pelo poder, a fragilidade dos mecanismos de controle institucional e a tolerância cultural à violência simbólica e estrutural contribuem para a ascensão desses indivíduos, frequentemente movidos por sentimentos destrutivos e alienados da responsabilidade ética. Os líderes psicopatas instrumentalizam o medo, a desinformação e a banalização da violência para manter-se no poder, destruindo os princípios do Estado de Direito e comprometendo a integridade das democracias. Estratégias como a desumanização do outro, a retórica polarizadora e o desmonte de normas institucionais são, frequentemente, empregadas para dividir, dominar e instaurar o controle pelo terror. Entretanto, é necessário evitar tanto a patologização simplista da política quanto a espetaculari-

zação dos predadores sociais.

Quando presente no exercício de uma gestão ou no poder político, a psicopatia representa um risco à democracia e ao bem-estar coletivo. A identificação precoce de comportamentos manipulativos e violentos, o fortalecimento das instituições democráticas, a educação política da população e a valorização da dignidade humana na liderança são estratégias para conter os efeitos nocivos de lideranças desprovidas de empatia. A política, enquanto espaço da respeitosa convivência pública, exige responsabilidade moral, sensibilidade humana e compromisso com o bem comum — valores incompatíveis com a psicopatia.

Sinta-se convidado à audição do 531º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 10, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei algumas obras do compositor inglês Edward William Elgar (1857-1934). Ele possuía a habilidade de cultivar e preservar amizades, o que contribuiu para fortalecer e valorizar as culturas de diversos países, com o objetivo de promover o bem-estar social.

Foto: Reprodução/site A Mente É Maravilhosa



O psicólogo canadense Robert Hare desenvolveu a Escala de Psicopatia de Hare

Foto: Reprodução/Humanidades



“Conheço poucas pessoas que leram Borges, eu sou uma delas”

Colunista colaborador

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## “Nem tudo é verdade”

A Paraíba tem sido para o cinema brasileiro um motivo a mais, quando se trata das condições regionais e cenográficas à qualidade na produção de filmes. E não terá sido só no gênero documental e de curta-metragem, não. Inúmeros foram os longas de ficção aqui realizados, por cineastas nossos e de fora do estado, reforçando a feição e a marca daquilo que se convencionou chamar de “cinema paraibano”.

Alguns feitos, neste sentido, poderiam ser destacados aqui. No entanto, citaria uns dois, bastante emblemáticos, ainda do século passado, e que dizem muito bem, sempre, das probabilidades geográficas e regionais da Paraíba, não menos aos nossos costumes, crenças e revelações culturais. Refiro-me ao desbravador Walfredo Rodriguez, realizador de *Sob o Céu Nordestino*, filme do final da década de 1920.

Certa vez, fui indagado por um de meus alunos, em sala de aula, sobre o real motivo dessa inusitada “Roliúde Nordestina”. Houve a necessidade de mostrar-lhe que o município de Cabaceiras, além de polo turístico influente, na Paraíba, tem se destacado por um grande número de produções de ficção e documentais ali realizadas.

Indagado na forma que fui pelo aluno, tive que desfilar nada menos que 25 produções, entre curtas, longas documentários e de ficção realizadas para cinema e televisão, na cidade de Cabaceiras. Obras famosas como *São Jerônimo*, de Júlio Bressane, *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, dentre outras, já

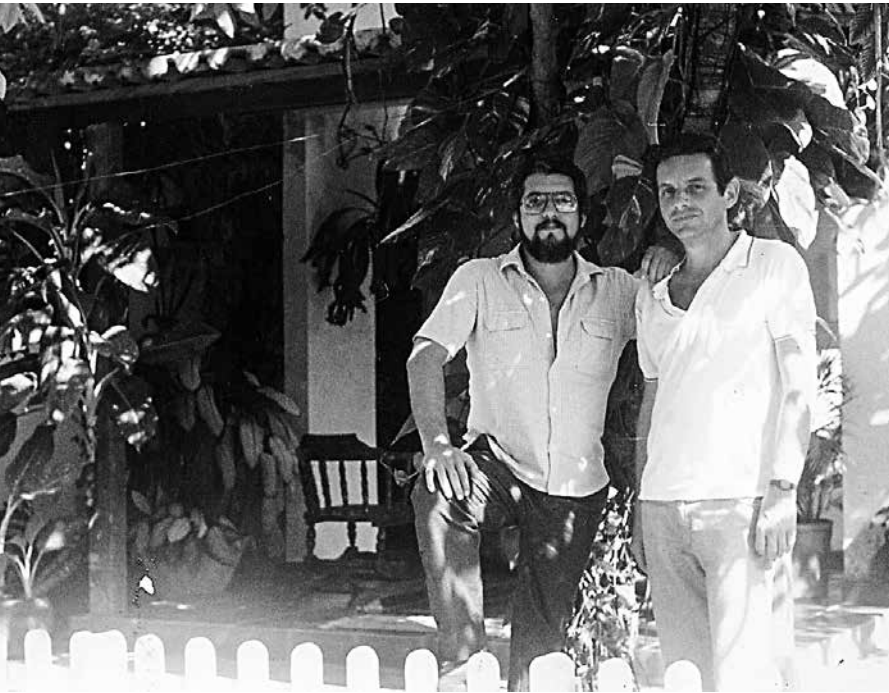


Foto: Arquivo pessoal

O colunista (E) com o cineasta Rogério Sganzerla, no Seixas, nos anos 1980

a partir do limiar deste século.

Agora, se é verdade ou não todos os feitos ali produzidos, e pelos dados ora atribuídos à criação da tal “Roliúde Nordestina”, o certo é que o assunto me remete a uma conversa que tive com o cineasta carioca Rogério Sganzerla (falecido em 2004), quando se preparava para rodar o longa-metragem sobre a vinda de Orson Welles ao Brasil.

E quando o diretor Rogério Sganzerla esteve em João Pessoa, a nosso convite, eu o acompanhei durante alguns dias em sua estada na casa do amigo José Nilton da Silva, lá no Seixas. Oportunidade em que recebi de Sganzerla algumas dicas de produção, inclusive. Pois bem, eu

e Zé Nilton estávamos realizando, nessa época, um curta sobre a história de Guarabira, intitulado *Vila de Independência*, cujas cenas iniciais foram gravadas em U-Matic nos manguezais próximos da enseada de Tabatinga.

E foi do amigo Sganzerla a declaração que me ficou gravada, referindo-se ao que se escrevia, historicamente, sobre o cineasta Orson Welles, que veio ao Nordeste para documentar a saga do jangadeiro do Ceará, na sua travessia até as praias cariocas. Disse-me ele: “Alex, nem tudo é verdade!”. Expressão que seria usada para o seu filme, com idêntico título. — Para mais “Coisas de Cinema”, em: [www.alexsantos.com.br](http://www.alexsantos.com.br).



## APC prestigia atividade do CCAS

A convite, a Academia Paraibana de Cinema participou de recente atividade cultural promovida pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, mediante o Centro de Cultura Ariano Suassuna (CCAS), que fica localizado no bairro de Jaguaribe. Na oportunidade foi exibido o documentário *A Pedra do Reino e o Sertão de Dom Pantero*.

A APC foi representada pelo seu presidente, prof. João de Lima, e demais membros de sua diretoria. Na ocasião, discutiu-se com os organizadores do evento uma relação mais direta daquele centro de cultura com a Academia Paraibana de Cinema.

### STREAMING

## Podcasts de ciência vão do Haiti à menopausa

Agência Estado

Quatro novos *podcasts* sobre ciência estrearam nos principais serviços de *streaming*. As produções, apoiadas pelo Instituto Serrapilheira, contam histórias nas quais o método científico tem papel central. As abordagens tratam de temas como mitos e verdades em torno da menopausa, a agroecologia como saída para a crise climática, a história do Haiti, entre outros.

Os *podcasts* foram selecionados no terceiro edital do Serrapilheira voltado a apoiar esse tipo de produção. A medida foi adotada como estratégia para valorizar a diversidade na ciência e na divulgação científica, promovendo diferentes pontos de vista nos mercados de audiovisual e de *podcasts* brasileiros. Veja abaixo um resumo das produções:

### Narrando Utopias

A quinta temporada do *podcast* investiga os benefícios da agroecologia para o combate à crise climática, trazendo histórias de mulheres do campo, indígenas, agricultoras familiares e moradoras de centros urbanos que mostram, na prática, como a aliança entre saberes ancestrais e conhecimentos científicos pode regenerar territórios e transformar modos de vida.



Luís Felipe Aires Magalhães no Haiti: país é tema do podcast

### O Haiti É, Também, Aqui

Professor da Universidade Federal do ABC (UFABC), Luís Felipe Aires Magalhães faz do seu novo *podcast* uma sala de aula, contando a história do povo do Haiti, desde os tempos de primeira colônia negra a abandonar a escravidão à atualidade.

### Sem Regras

Se um dia menopausa foi um tema rodeado de tabus, o *Sem Regras* chega para romper o silêncio em torno do fim da fase reprodutiva. Com especialistas, experiências reais e uma dose de humor, a ciência encontra-se com os saberes ancestrais para falar das vivên-

cias nesta fase tão significativa para as mulheres.

### Mexericos na Maré

Em sua quarta temporada, o *podcast* lança a série especial “Maretório do futuro”, com cinco episódios refletindo sobre temas centrais para o desenvolvimento científico e o bem-estar dos povos originários que vivem no estado do Pará, que receberá a COP-30 no fim do ano.

### Outra Visão

Produzido pela Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, o *podcast* mostra como a ausência da perícia criminal oficial con-

tribui para a manutenção do ciclo de violências no conjunto de favelas da Maré, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Aborda, ainda, novas ferramentas das ciências forenses que, possivelmente, abrem caminhos mais justos para vítimas da violência estatal.

### Operações Negras

O *podcast* ficcional narra a história de Math, um jovem negro excelente em Matemática que atua como educador em um abrigo de pessoas em situações de rua. As fórmulas matemáticas dialogam com a estética do funk brasileiro para abordar o racismo institucional. É produzido pelo Grupo Contornos, da Bahia.

### Paraíso Contaminado

Produzido pela equipe do site Negrê, o *podcast* investiga o maior derrame de petróleo da história dos oceanos tropicais, ocorrido em 2019 no Litoral de 11 estados brasileiros, que deixou consequências observadas até hoje.

### Qual o Sentido?

Em busca de respostas, a produção organizada pela Rebentar Produtora guia-se na procura por conexões improváveis para entender, por meio dos sentidos, a percepção e interação das pessoas com o mundo ao redor.

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Seção dos paraibanos

Na minha biblioteca, a seção dos autores paraibanos é uma das mais frequentadas. Gosto de conhecer o que está perto de mim. Gosto de saber o que escreveram e escrevem os meus pares, o que se escreveu ou se escreve sobre eles e elas.

Sempre tive uma queda especial pelas literaturas periféricas, provincianas, mais ou menos invisíveis aos olhos colonizados dos que restringem o mapa literário do Brasil à ilusória magnitude dos grandes centros culturais.

Daí, a minha habitualidade para com o autor ou a autora de minha terra, convicto de que se faz necessária a convivência crítica com as suas obras, tanto do passado quanto do presente. Sou dos que defendem a ideia de que o conhecimento do mundo começa pelo conhecimento de sua casa.

Pois bem, as estantes ocupadas pelos autores e autoras locais constituem parte essencial dessa casa literária. Uma parte mais doméstica, mais íntima, mais próxima dos afazeres amorosos da leitura. A partir dessa leitura, não raro faço a magnífica viagem ao universo dos clássicos e da alta literatura de modernos e contemporâneos.

Os livros são arrumados com base no nome dos autores. Dispenso, aqui, os critérios de assunto, gênero, finalidade. Junto aos autores aquelas obras que os têm como objeto de estudo,

a exemplo dos perfis biográficos, análise crítica, monografias, ensaios etc.

A tendência, então, converge para a organização de um pequeno, porém, variado acervo bibliográfico do escritor ou a respeito dele, o que pode me garantir uma noção mais ou menos qualificada de sua trajetória literária, filosófica e científica.

Vou dar um exemplo, valendo-me de uma figura do passado que teve iluminada presença na vida literária da Paraíba, sobretudo, nos idos

efervescentes da década de 20. Quero me referir a Carlos Dias Fernandes, autor prolífero, polígrafo e polímata dos mais irrequietos da província.

Junto às suas obras de gêneros e temáticas diversos (poesia, ficção, crítica, filosofia, história, educação, economia e outras modalidades do conhecimento), coloco os livros que foram escritos sobre ele, a saber: *Carlos Dias Fernandes – Notícia Biobibliográfica*, de Eduardo Martins; *Carlos Dias Fernandes – Mensagem Esotérica em Poesia Olímpica de Glória, Cruz e Amor*, de Lauro Neiva; *Carlos Dias Fernandes, o Mamanguapense*, de Adiel Rodrigues, e *Carlos Dias Fernandes – Vida e Obra*, de Marcos Cavalcanti de Albuquerque.

Não poderia, aqui, deixar de remeter o leitor para alguns estudos pontuais a respeito da obra do mamanguapense ilustre, a cargo de Andrade Murici, Gilberto Amado, Massaud Moisés, Ernani Satyro, Celso Mariz, Osias Gomes, Eudes Barros, Evandro Nóbrega e Maria das Graças Santiago.

Por que faço assim? Ora, porque isso me facilita o trabalho de pesquisador, além de me assegurar um sentido, quando me é dado escrever alguma coisa acerca da obra e da vida dos autores.



Foto: Divulgação

“O Mamanguapense”, um dos livros sobre Adiel Alves Rodrigues

Colunista colaborador

STAND-UP

# Humor cheio de opinião

Daniel Duncan apresenta-se hoje, em João Pessoa, com sua afiada comédia política

Duncan ganhou relevância ao comentar a política brasileira em seus shows



Foto: Divulgação

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Num momento crítico para ambos os segmentos no Brasil, o comediante brasileiro Daniel Duncan “ousa” misturar comédia e política nos textos dos seus shows e nos *posts* das suas redes sociais. Mas ele atesta que consegue angariar plateias de outras afiliações. Com ingressos esgotados, o artista apresenta-se em João Pessoa, hoje, no Sonne Haus Comedy, em Miramar. Os números de *stand up* que Duncan e outros humoristas apresentam dentro e fora do país têm, em

comum, o tom de crônica, abordando aspectos do cotidiano. O artista opta por manter seus roteiros atualizados, com pautas “frescas”, daquela semana. “Escrevo o tempo todo. Como falo muito de política, material novo não falta. O Congresso pode ser um desastre para a democracia, mas para o humor ele é uma fonte inesgotável. Se eles tivessem um mínimo de compostura, eu teria que procurar outro emprego”, brinca. Rememorando o começo de sua trajetória como roteirista, Duncan revela que passou a escrever com mais frequência a partir dos 16 anos de idade — compartilhando seus textos em um *blog*. Quatro anos depois, tomou coragem para subir ao palco pela primeira vez. “Era uma tentativa de publicar meus textos falando em voz alta. O palco permite isso: você escreve, fala e alguém reage, o que é bem melhor do que um *blog* que ninguém lê”, sustenta. Em mais de uma década de carreira, ele não abandonou a elaboração de roteiros, escrevendo para programas de TV e peças publicitárias. Colaborou ainda com o texto do

longa-metragem TOC – *Transtornada Obsessiva e Compulsiva*, de Paulinho Caruso. “Eu me considero mais humorista do que comediante. O Jô Soares costumava explicar que comediante é quem performa, humorista é quem escreve. Eu escrevo, e por acidente (e azar de alguns) também me apresento”, afirma. De esquerda, Duncan assinala que um dos efeitos colaterais da polarização crescente é tomar como uma ofensa pessoal a piada que é direcionada a um político. Mas os chamados “conservadores” seguem presentes nos shows e interagindo positivamente com ele. “Às vezes, escrevem dizendo que discordam de tudo, mas acham as piadas boas. Isso me dá alguma esperança. Não me interessa fingir neutralidade para agradar a plateia. Toda piada tem um ponto de vista, e o meu está presente em tudo que escrevo”, destaca, Questionado se assumir essa posição lhe trouxe mais ganhos ou danos, ele é categórico ao dizer que, comercialmente, há perdas, mas não no que tange à arte: “O *stand-up*, como gênero, começou quando Mort Sahl, na década de 1950, subiu num

palco com um jornal na mão e resolveu dar sua opinião. Ou seja, começou sendo político”. Ele continua: “Aqui no Brasil, tivemos uma Ditadura que censurava quem tentasse fazer o mesmo. Então, poder subir no palco, dizer o que penso e ainda fazer alguém rir no meio disso tudo, me parece um privilégio”.



Po meio do QR Code, acesse o site para compra de ingressos

ONDE:  
■ SONNE HAUS (R. Giacomo Pôrto, nº92, Miramar, João Pessoa).

## Em Cartaz



## Cinema

Programação de 7 a 13 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.  
\* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

### ESTREIAS

**DRÁCULA – UMA HISTÓRIA DE AMOR ETERNO** (*Dracula – A Love Tale*). Reino Unido/ França, 2025. Dir.: Luc Besson. Elenco: Caleb Landry Jones, Christoph Waltz, Matilda De Angelis. Terror/ romance. Vampiro encontra, na Londres do século 19, mulher parecida com seu amor do passado. 2h09. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dom.: dub.: 13h45, 19h20; leg.: 16h30, 22h10; seg., a qua.: leg.: 16h30, 22h10; dub.: 19h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h30, 19h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h15, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h15, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h40, 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h15, 21h.

**A HORADOMAL** (*Weapons*). EUA, 2025. Dir.: Zach Cregger. Elenco: Julia Garner, Josh Brolin, Amy Madigan. Mistério. Crianças de uma mesma classe desaparecem misteriosamente em uma pequena cidade, após todas fugirem de casa na mesma noite. 2h08. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dom.: dub.: 13h15, 16h, 18h45; leg.: 21h45; seg., a qua.: dub.: 16h, 18h45; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h30, 17h15, 20h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h45, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h. CINE GUEDES 3: dub.: 19h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 18h10, 20h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 16h30, 20h50; seg., a qua.: 18h15, 20h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: 20h30.

**A MELHOR MÃE DO MUNDO.** Argentina/ Brasil, 2025. Dir.: Anna Muylaert. Elenco: Shirley Cruz, Seu Jorge, Rihanna Barbosa, Lourenço Mutarelli. Drama. Sem teto, mulher tenta proteger seus dois filhos da difícil realidade das ruas. 1h45. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: 14h15, 19h10, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h15, 17h45, 20h15.

**PEQUENOS INVASORES** (*Head Scape*). África do Sul, 2023. Dir.: Paul Meyer e Gerhard Painter. Animação/ aventura. Três alienígenas ficam presos no cérebro de um garoto de 16 anos. 1h25. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 17h15; seg., a qua.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h30, 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h30, 16h20.

**UMA SEXTA-FEIRA MAIS LOUCA AINDA** (*Freakier Friday*). EUA, 2025. Dir.: Nisha Ganatra. Elenco: Jamie Lee Curtis, Lindsay

Lohan, Julia Butters, Sophia Hammons, Mark Harmon. Comédia. Mãe e filha voltam a trocar de corpos anos depois de isso ter acontecido pela primeira vez. Continuação de *Sexta-Feira Muito Louca* (2003). 1h51. Classificação indicativa a definir.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h15; leg.: 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 16h45, 19h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h35, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h35, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 17h05, 21h20. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h10, 21h; seg., a qua.: 15h, 20h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 16h35, 21h10.

### ESPECIAL

**STANS** (*Stans*). EUA, 2025. Dir.: Steven Leckart. Documentário. A conexão de um superfã com o rapper Eminem. 1h42. Classificação não informada.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom.: 15h, 19h.

### CONTINUAÇÃO

**AMORES MATERIALISTAS** (*Materialists*). EUA/ Finlândia, 2025. Dir.: Celine Song. Elenco: Dakota Johnson, Chris Evans, Pedro Pascal, Zoe Winters. Romance/ comédia. Casamenteira tem problemas nos negócios quando se envolve em um triângulo amoroso. 1h56. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: dom.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30; seg., a qua.: 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h45.

**COMO TREINAR O SEU DRAGÃO** (*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/ infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refilagem *live action* da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h40.

**O DESERTO DE AKIN.** Brasil, 2024. Dir.: Bernard Lessa. Elenco: Welket Bungué, Ana Flavia Cavalcanti, Reynier Morales. Drama. Médico cubano no Brasil se vê em um impasse quando o programa de que participava é encerrado no governo Bolsonaro. 1h18. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 14/08: 18h30; seg., 18/08: 18h30; dom., 24/08: 15h; qua., 27/08: 20h.

**OS DRAGÕES.** Brasil, 2025. Dir.: Gustavo Spolidoro. Elenco: Lóren Maite, Paulo Reginatto, Juliana Zardo. Aventura. Amigos se transformam em dragões, enfrentando a rejeição de sua comunidade conservadora. 1h24. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 10/08: 17h; ter., 12/08: 18h30; sáb., 16/08: 17h; seg., 25/08: 18h30; sáb., 30/08: 15h.

**ELIO** (*Elio*). EUA, 2025. Dir.: Adrian Molina, Madeline Sharafian e Domee Shi. Vozes na dublagem brasileira: Lorenzo Tironi, Juliana Paiva, Danylo Miazato. Animação/ aventura/ infantil. Menino é abduzido e confundido com o embaixador intergalático do planeta Terra. 1h39. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h.

**EM RUMO A UM TERRA DESCONHECIDA** (*To a Land Unknown*). Reino Unido/ Grécia/ Dinamarca/ Holanda/ Palestina/ França/ Alemanha/ Arábia Saudita/ Catar, 2024. Dir.: Mahdi Fleifel. Elenco: Angeliki Papoulia, Mahmoud Bakri, Manal Awad. Policial. Refugiado palestino enganado por contrabandista em Atenas busca vingança. 1h45. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 11/08: 18h30; sáb., 16/08: 19h; ter., 19/08: 18h30; sáb., 23/08: 17h; dom., 31/08: 17h.

**F1 – O FILME** (*F1 – The Movie*). EUA, 2025. Dir.: Joseph Kosinski. Elenco: Brad Pitt, Javier Bardem, Kerry Condon. Aventura/ drama. Piloto de fórmula-1 sai da aposentadoria para formar equipe com um piloto mais jovem. 2h35. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 20h30.

**FAMÍLIA À PROVA DE BALAS** (*Guns Up*). EUA, 2025. Dir.: Edward Drake. Elenco: Kevin James, Christina Ricci, Luis Guzmán, Melissa Leo. Ação/ comédia. Quando um trabalho dá errado, copanga da máfia tem uma noite para tirar sua família da cidade. 1h32. 16 anos.

**Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 19h.

**UMA FAMÍLIA NORMAL** (*Botong-ui Gajok*). Coreia do Sul, 2023. Dir.: Hur Jin-Ho. Elenco: Sul Kyung-Gu, Jang Dong-Gun, Kim Hee-Ae. Policial/ drama. Dois irmãos e suas esposas se encontram para o jantar e discutem como lidar com um crime cometido por seus filhos. 1h56. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 10/08: 19h; qua., 13/08: 20h; seg., 18/08: 20h30; qui., 21/08: 20h30; sáb., 23/08: 19h; ter., 26/08: 20h30.

**JURASSIC WORLD – RECOMEÇO** (*Jurassic World – Rebirth*). EUA, 2025. Dir.: Gareth Edwards. Elenco: Scarlett Johansson, Jonathan Bailey, Mahershala Ali. Aventura/ ficção científica. Equipe busca colher amostras de DNA de dinossauros para a criação de um novo medicamento. Sétimo da série iniciada com *Jurassic Park – Parque dos Dinossauros* (1993). 2h14. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 19h15, 22h10; seg., a qua.: 16h10, 19h, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h45. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 14h.

**UM LOBO ENTRE OS CISNES.** Brasil, 2025. Dir.: Marcos Schechtman e Helena Varvaki. Elenco: Matheus Abreu, Dario Gardinetti, Maria Paula Marini. Drama. Jovem do subúrbio carioca tenta vencer no mundo do balé clássico na Europa. 1h55. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 11/08: 20h30; sáb., 16/08: 15h; dom., 24/08: 17h; ter., 26/08: 18h30; sáb., 30/08: 19h.

**MEU BOLO FAVORITO** (*Keyke Mah-boobe Man*). Irã/ França/ Suécia/ Alemanha, 2024. Dir.: Maryam Moghadam e Behlatah Sanaeeha. Elenco: Lili Farhadpour, Esmael Mehrabi, Mansoor Ilkhani. Romance/ comédia/ drama. Mulher de 70, solitária, decide reacender sua vida amorosa e tem um encontro inesquecível. 1h37. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 10/08: 15h; ter., 12/08: 20h30; dom., 17/08: 19h; qui., 21/08: 18h30; seg., 25/08: 20h30; sáb., 30/08: 17h.

**QUARTETO FANTÁSTICO – PRIMEIROS PASSOS.** (*The Fantastic Four – First Steps*). EUA, 2025. Dir.: Matt Shakman. Elenco: Pedro Pascal, Vanessa Kirby, Joseph Quinn, Ebon Moss-Bachrach, Ralph Ineson, Julia Garner, Natasha Lyonne. Aventura. Família de super-heróis precisa defender a Terra de um deus espacial devorador de mundos. 1h55. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h, 16h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 17h, 19h45, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): 3D: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h15, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 21h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h40, 18h, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40, 18h, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom., ter. e qua.: dub.: 18h50. CINE GUEDES 3: dub.: 15h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 2D: 15h30, 20h30; 3D: 18h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h20; 2D: 18h50; seg., a qua.: 2D: 18h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 16h; seg.: 18h30; ter. e qua.: 14h.

**ORITUAL** (*The Ritual*). EUA/ Índia, 2025. Dir.: David Midell. Elenco: Al Pacino, Dan Stevens, Ashley Greene. Terror. Dois padres devem deixar as diferenças de lado para exorcizar uma jovem possuída. 1h38. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 22h.

**SMURFS** (*Smurfs*). EUA/ Bélgica/ Itália, 2025. Dir.: Chris Miller. Vozes na dublagem brasileira: Jullie, Diego Martins, Ricardo Rossatto, Elcio Romar. Animação/ comédia/ aventura. Os smurfs precisam se aventurar no mundo real quando seu líder é sequestrado. 1h32. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dom.: dub.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dom.: dub.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h35, 16h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h35, 16h25. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 14h40. PATOS MULTIPLEX 1: dom.: dub.: 14h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: dub.: 14h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h; seg., a qua.: 16h15.

**SUPERMAN** (*Superman*). EUA, 2025. Dir.: James Gunn. Elenco: David Corenswet, Rachel Brosnahan, Nicholas Hoult, Maria Gabriela de Faria, Edi Gathegi. Aventura. Superman tenta conciliar suas herança de seu planeta natal e da Terra enquanto enfrenta terríveis perigos. 2h09. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.:

15h45, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h45, 18h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h10, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h10, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 18h20; seg., a qua.: 17h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom., ter. e qua.: 18h20; seg.: 14h.

**TELEFÉRICO DO AMOR** (*Gondola*). Alemanha/ Georgia, 2023. Dir.: Veit Helmer. Elenco: Nini Sosselia, Mathilde Irrmann, Zuka Papuashvili. Romance/ comédia/ drama. Duas operadoras de teleférico se apaixonam ao passar uma pela outra em suas gôndolas. 1h22. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 14/08: 20h30; dom., 17/08: 17h; ter., 19/08: 20h30; dom., 24/08: 19h; qui., 28/08: 18h30.

**THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL.** Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/ comédia/ aventura. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 17/08, sáb., 23/08, dom., 31/08: 15h.

## Teatro

### HOJE

**A BALEIA.** Texto: Samuel D. Hunter. Direção: Luis Artur Nunes. Com José de Abreu, Luísa Thiré, Gabriela Freire e Eduardo Speroni.

**João Pessoa:** TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 10/8, 18h. Ingressos: de R\$ 25 (plateia popular/ meia) a R\$ 150 (plateia/ inteira), na plataforma Ingresso Digital.

**DANIEL DUNCAN.** Comediante apresenta seu solo de stand up.

**João Pessoa:** SONNE HAUS (R. Giacomo Pôrto, nº 92, Miramar). Domingo, 10/8, 20h. Ingressos: R\$ 60 (individual), R\$ 40 (promocional) e R\$ 30 (meia), antecipados na plataforma Sympyla.

**RAPUNZEL – COMO É A HISTÓRIA?.** Espetáculo da Mostra Made in Lima.

**João Pessoa:** TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, nº 67, Centro). Domingo, 10/8, 17h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).

## Música

### HOJE

**TRIO PITANGUEIRA.** Grupo comanda o Jazz na Vila. Participação: Paulo Ró.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 10/8, 19h. Ingressos: R\$ 10 (antecipado), antecipados na plataforma Shotgun.

COMUNICAÇÃO ESPECIALIZADA

# Marketing político alcança auge, mas existem desafios

Comportamentos antiéticos nas mídias sociais preocupam especialistas



Ilustração: Bruno Chiossi

Eliz Santos  
elizsantos17@gmail.com

Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

Segmento especializado em criar estratégias de comunicação para um agente público, o *marketing* político não é propriamente uma novidade, mas encontra, na era das mídias digitais, o caminho ideal para seu auge.

Um dos primeiros marcos desse tipo atividade ocorreu em 1952, a partir da contratação da agência publicitária Batten, Barton, Durstine e Osborn (BBDO) para a gestão da campanha do general Dwight Eisenhower à presidência dos Estados Unidos. Na época, o desafio era adequar a linguagem do candidato ao formato da expoente mídia eletrônica, com destaque para o rádio e a televisão. Hoje em dia, diz respeito à utilização da mídia digital, como as redes sociais e, mais recentemente, as inteligências artificiais (IAs).

Conforme o cientista político Darcon Sousa, da Universidade Federal de Campina



Foto: Arquivo pessoal

**A exposição e o contato direto exigem que os pré-candidatos construam uma estratégia que conquiste a atenção**

Livia Karol

Grande (UFCG), é consenso que, para alcançar sucesso em uma campanha eleitoral, são necessários recursos e um discurso.

“A batalha pelas palavras,

já dizia o sociólogo francês Jacques Rancière, é a batalha pelas coisas, porque é através das palavras, do discurso, da comunicação, que você conquista o poder e sua materialidade. Então, a disputa política depende da comunicação política”, diz.

Para Livia Karol, jornalista e consultora em *Marketing* Político, as redes sociais estão consolidadas como uma estratégia de comunicação prioritária para os que almejam alcançar ou perpetuar-se em cargos eletivos. O posicionamento adequado neste meio — com uma boa estratégia de conteúdo, mobilização e conquistando não apenas seguidores, mas apoiadores de um propósito — é fundamental para o sucesso de uma campanha.

“A exposição e o contato direto que elas [as redes sociais] possibilitam exigem que tanto os políticos quanto os pré-candidatos construam uma estratégia bem elaborada, que conquiste atenção, envolva as pessoas e que esteja preparada para os momentos de crise, pois eles virão”, pondera a especialista.

**Campo fértil**

Com o recente e exponencial desenvolvimento das IAs, a profissional salienta que o uso dessas ferramentas permite uma maior precisão no alcance de determinados públicos-alvos, por meio da gestão e do monitoramento da imagem do candidato, “o que força as equipes de *Marketing* e Comunicação a tomarem decisões cada vez mais ágeis e assertivas”.

“Uma equipe de *Marketing* e Comunicação atenta não deve abrir mão de uma pesquisa qualitativa e de acompanhar, diariamente, os dados e os comportamentos da audiência nas redes sociais dos candidatos. Eles são fundamentais para identificar interesses comuns de eleitores que podem se identificar com as bandeiras de campanha e, juntos, são ótimas fontes para criar novos conteúdos e ajustar mensagens, além de cumprir um papel estratégico para fortalecer a mobilização digital”, enfatiza Livia Karol.



Foto: Arquivo pessoal

**É através do discurso que você conquista o poder. Então, a disputa política depende da comunicação**

Darcon Sousa

**Ameaças**

Apesar de facilitar o trabalho dos profissionais da Comunicação, o *marketing* político também tem sido utilizado para fins que são,

no mínimo, antiéticos para a disputa, oferecendo riscos reais ao processo eleitoral e, em última instância, para a própria democracia.

É o caso, por exemplo, da disseminação de notícias falsas (*fake news*) e, mais recentemente, da criação de conteúdo falso por meio das chamadas *deepfakes* — simulação de áudios e imagens via IA. Tudo isso tem contribuído para um cenário de desinformação, alterando o entendimento da própria realidade.

“Você tem processos de distorção e de desconexão da realidade profundos que vão impactar a informação, a opinião pública e que, portanto, vão prejudicar a qualidade da democracia porque as pessoas, quando forem lá na urna, vão, muitas vezes, tomar suas decisões baseadas em desinformação, teoria da conspiração, baseada nos seus afetos e crenças. E isso é catastrófico para a democracia”, adverte o cientista político Darcon Sousa.

## Marcos regulatórios estabelecem limites éticos para atividade

De 2015 até as últimas eleições, pode-se considerar que as redes sociais foram protagonistas nas campanhas políticas, mas, para os próximos pleitos, será a vez das inteligências artificiais — tanto nas rotinas produtivas dos profissionais da comunicação política como no próprio conteúdo gerado e transmitido.

A advogada Laura Veras ressalta, porém, que existem limites éticos e legais específicos para o uso das IAs nas campanhas, para a proibição do uso de *deepfakes* para prejudicar ou favorecer candidaturas, além da obrigação de rotular todo conteúdo de campanha que utilize inteligência artificial. A jurista ressalta, ainda, que a Resolução nº 23.610/2019, que dispõe sobre a regulação da propaganda eleitoral, ganhou inovações que tratam do uso da IA.

“Os artigos tratam também de outras [tecnologias], como a utilização de robôs como se fossem pessoas fa-



Foto: Divulgação/UFPB

Sistema uIAra ajuda a identificar áudios manipulados

lando com o eleitor e a responsabilização das empresas provedoras — como a lei chama, as *big techs* — pelos conteúdos que propagam crime de ódio”, explica.

A responsabilização das *big techs* decorre da determinação da inconstitucionalidade parcial do artigo 19 do Marco Civil da Internet. Na versão antiga do texto, a responsabilização jurídica dessas empresas só ocorreria quando houvesse o descumprimento de uma determi-

nação judicial para a retirada de um conteúdo. No entanto, em julgamento realizado no mês de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) ampliou essa responsabilidade, atribuindo também às empresas o conteúdo ilegal propagado em suas redes.

Para o cientista político Darcon Sousa, a medida coloca o país “numa espécie de vanguarda na defesa da democracia e logo os livros vão contar essa história”. Ele complementa que “há um avan-

ço nessa legislação e o Brasil está no olho do furacão de uma disputa, que não é ideológica, nem política, em que o Judiciário tem sido a trincheira de resistência em relação à manipulação, às *fake news*”.

**Recomendações**

O professor Alisson Brito, do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), participou da criação de um sistema, em parceria com o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), chamado uIAra, para detecção de *deepfakes* sonoras. O sistema foi utilizado pelo TRE-PB durante as Eleições Municipais de 2024. Ele afirma que, com o rápido desenvolvimento das tecnologias, a percepção entre o real e o falso tem ficado cada vez mais difícil. O professor é enfático: “No mínimo, desconfie de tudo”.

“Antes, qualquer coisa que a gente escutava de um amigo, achávamos que aqui-

lo era verdadeiro e divulgava. Agora, a gente está no inverso; pode ser uma mensagem vinda do seu pai, da sua mãe, mas desconfie, pois pode ser falsa”, recomenda.

O analista político Darcon Sousa sugere a implementação da Educação Digital em escolas, faculdades, igrejas e outras instituições, para que as pessoas aprendam a filtrar informações e a identificar a desinformação.

“Não vai ser só com lei e com punição que a gente vai resolver. A gente tem que furar os bloqueios, trazer essa discussão para os bancos escolares, as organizações da sociedade, as igrejas. A religião tem uma importância muito grande em uma sociedade como a brasileira, o segmento evangélico tem sido muito cativo a essas ideologias, energias mais extremistas, então, a religião também tem que educar as pessoas a



Alisson Brito

**No mínimo, desconfie de tudo. Pode ser uma mensagem vinda do seu pai, mas desconfie, pois pode ser falsa**

como elas usam a informação nas redes sociais”, opina o especialista.

AUDIÊNCIA PÚBLICA

# Governo detalha MP que viabiliza parceria na Saúde

*Atendimento a pacientes do SUS na rede privada foi defendido por ministro*

Agência Senado

A medida provisória (MP) que amplia o acesso da população a consultas, exames e procedimentos, por meio da adesão de hospitais privados ao Sistema Único de Saúde (SUS), foi motivo de debate no Senado Federal, na última semana. De acordo com o Governo Federal, a intenção é ampliar os atendimentos especializados aos cidadãos a partir das parcerias firmadas.

A casa realizou uma audiência pública na comissão mista que analisa a MP nº 1.301/2025, na última quarta-feira (6). Na ocasião, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, afirmou que, depois da pandemia, a medida representa “a maior mobilização da história da saúde” para enfrentar um problema específico, que é o tempo de espera para atendimento médico especializado no SUS.

O ministro ressaltou que a MP surgiu a partir de uma situação crítica de urgência e disse que é preciso inovar nas ações do SUS para que a população tenha acesso a atendimentos especializados. “A concentração de médicos especialistas é muito desproporcional nos estados, e apenas 10% dos especialistas médicos do país atendem no SUS”, destacou Padilha.

Aproximadamente 370 mil óbitos na saúde pública e privada ocorrem em razão do diagnóstico tardio, segundo o ministro. Padilha destacou o aumento de 37% dos custos



Foto: Jefferson Rudy/Agência Senado

*Durante audiência, Padilha (D) chamou a MP de “a maior mobilização da história da saúde”*

do tratamento de câncer devido à falta de assistência aos pacientes, “que, na maioria das vezes, deslocam-se por até 870 km para ter acesso a cuidados médicos, em função da concentração de equipamentos para tratamento da doença”, afirmou.

O texto autoriza o grupo Conceição, vinculado ao Ministério da Saúde, a contratar serviços a serem ofertados a estados e municípios, sobretudo aos pacientes de municípios da Região Sul. “A MP também permite a troca de dívidas de hospitais e planos de saúde com a União por mais cirurgias, exames e consultas especializadas ao paciente que está esperando atendimento no SUS”, ressaltou o ministro.

### Adesão

Mais de 100 hospitais privados e filantrópicos já pediram adesão ao programa, ainda segundo o titular da Saúde. Os contratos serão assinados ainda neste mês. A partir disso, o paciente poderá ser chamado para ser atendido nos hospitais sem precisar pagar por esse acompanhamento.

Padilha acentuou ainda que a MP favorece aumento de recursos para radioterapia, além de permitir que o Ministério da Saúde pactue recursos para que o transporte sanitário ocorra “de forma mais digna”. Também autoriza a criação de um supercentro de diagnóstico de câncer para tratamento a distância, coordenados

pelo grupo AC Camargo. “A maior concentração de médicos e equipamentos está nos hospitais privados. Temos tudo para consolidar uma rede pública para tratamento do câncer”, disse.

■ **Cerca de 370 mil óbitos na saúde pública e privada do país ocorrem em razão do diagnóstico tardio, revela Padilha**

## Deputados querem incluir mais especialidades

Para ampliar o alcance do tratamento dos pacientes, a maioria dos deputados da comissão mista defendeu a inclusão de novas especialidades na MP, à qual foram apresentadas 111 emendas, até o fim da semana. Também foi sugerido o uso dos cartões para registrar os problemas de saúde crônicos da população, como forma de ampliar a identificação dos problemas dos brasileiros na área.

Relator da MP, o senador Otto Alencar (PSD-BA) defendeu a inclusão de tratamentos que beneficiem pacientes com problemas renais. “Ficou faltando uma

coisa fundamental, o atendimento especializado a pacientes renais crônicos com hemodiálise. Eles, hoje, atravessam quilômetros e quilômetros para chegar a uma clínica. Seria importante a inclusão [da especialidade] nessa MP. Talvez possamos propor isso no relatório, de acordo com aquilo que a MP possa disponibilizar de recursos para avançar nesse sentido”, afirmou.

Presidente da comissão mista, o deputado Yury do Paredão (MDB-CE) alviou que o SUS é “um patrimônio” do Brasil e que a MP contribui para ampliar o tratamento no país. Ele destacou ainda a alta

demanda de pacientes de pequenas cidades do Ceará para tratamentos e cirurgias.

O senador Randolfe Rodrigues (PT-AP) destacou que a MP representa “uma revolução” para a saúde pública do Brasil e enfrenta um dos maiores problemas do setor, que é a falta de especialistas para tratamento da população.

Já o vice-presidente da comissão mista, o senador Humberto Costa (PT-PE) disse que o programa Agora Tem Especialistas “é uma das coisas mais bem-feitas”, não somente na área da saúde, mas como política pública de modo geral, ao atacar um

“ponto nevrálgico” do sistema de saúde, que é o atendimento especializado à população.

A senadora Zenaide Maia (PSD-RN) destacou que Brasília possui, hoje, 155 mil pessoas à espera de consultas e exames como endoscopia. “Diagnóstico precoce salva vidas e só deixa de ser sentença de morte se for um diagnóstico precoce para qualquer doença. A prevenção da saúde é na saúde primária. O que a gente está definindo aqui é salvar vidas, o mérito é esse. Difícilmente alguém pode ser contra isso. O resto são detalhes que a gente pode absorver”, frisou.

## Padilha garante haver reforço na fiscalização

Em resposta aos questionamentos de parlamentares, Alexandre Padilha afirmou que os mecanismos de fiscalização da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) serão reforçados em relação às dívidas dos hospitais e planos de saúde.

O ministro da Saúde destacou ainda que a integração de dados, em curso no momento, vai melhorar a capacidade de fiscalização pelos órgãos competentes. Ele também afirmou que os

equipamentos de transporte a serem adquiridos pelo ministério vão atender não somente os pacientes com câncer, mas também aqueles com hemodiálise, a partir da criação de programas específicos, de acordo com a MP.

Padilha acentuou que o Congresso Nacional tem a liberdade de aprimorar a MP, em relação à inclusão de novas especialidades de atendimento e outras estratégias que beneficiem municípios menores do país.

### Interferências

Durante sua fala aos parlamentares, o ministro comentou a situação da Saúde em relação às novas tarifas dos EUA. Segundo Padilha, o presidente americano, Donald Trump, “está acostumado a atacar a saúde”. Ele citou como exemplo a retirada de recursos da Organização Mundial de Saúde (OMS), “que só não fechou as portas” por causa de recursos injetados pela China. “Isso afeta a todos, pois não existem barreiras para epi-

demias e impactos”, afirmou.

Uma das respostas do país com a taxa é que o Brasil vai ampliar o acordo com o Mercosul e a União Europeia na área da saúde.

O ministro destacou que o governo pretende proteger as empresas e os empregos gerados pelos setores que exportam para os Estados Unidos. “Vamos aproveitar essa situação como oportunidade para o Brasil ficar menos dependente dos Estados Unidos e demais países”.

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

### Microcrônicas (4)

Há 12 anos, lancei o livro de poemas “Balada do cavalo Mamão e seu cavaleiro andante”, que teve zero leitores. Ninguém comprou nem eu ofereci de graça. Acho que é o único livro do mundo que ninguém leu, além do autor e do revisor.

**Por pirraça, mantenho a caixa com os livros. Deverão ser distribuídos com os que comparecerem ao meu velório. Como não terei velório, o livro continuará inédito por seculum seculorum.**

É mais fácil ver o cavalo de São Jorge do que o cavalo Mamão.

**Talvez eu publique o “Livro Impuro”, uma seleta com meus piores versos fesceninos (safados), mas não recomendo que ninguém leia.**

O único homem que compreendeu meu talento de escritor foi Sonsinho. Pena que seja analfabeto.

**Meu livro “Laranja romã” foi editado com recursos da Prefeitura de João Pessoa, através da Funjope.**

“O que se deve buscar num livro de poemas, além de poemas, claro? Deboche, riso, trivialidade, ironia e astúcia mal comportada” — João de Deus Rafael (*in memoriam*), leitor de “Laranja romã e outros poemas”.

**Em refrega jurídica, o advogado defensor da outra parte que me acusa disse à juíza que meu blog Toca do Leão “é potencialmente perigoso para o Estado de Direito”. Achei tão ridículo o exagero do doutor que nem fiquei ofendido. O advogado precisa garantir o seu, a parte contrária precisa de argumentos e a humanidade precisa urgentemente de humor sadio.**

Prefeito de Paranapanema, no interior paulista, renuncia para “não roubar”. Menos de oito meses depois de assumir o cargo, um prefeito do interior de São Paulo abriu mão do mandato porque o salário é baixo demais em relação ao que ganhava como médico. “Ou voltava a trabalhar e ganhava meu dinheiro honestamente ou tirava da prefeitura”, disse Márcio Faber (PV).

**Faber afirmou que o salário de R\$ 5.800 não chegava a 20% do que recebia como médico — R\$ 30 mil.**

“É um caso inédito no Brasil: alguém renunciar para não roubar”, disse o vice-prefeito Antonio Nakagawa. Também filiado ao PV, ele afirmou ter sido pego de surpresa pela decisão. Nakagawa, o novo prefeito, disse que vai aceitar o salário: “Sou contador e aposentado. Para mim é suficiente”.

**Meu pai foi vereador, secretário de prefeitura, dedetizador de baratas, dirigente de futebol, advogado sem diploma, jornalista sem diploma, gerente de trânsito, escritor, animador de escola de samba, comentarista esportivo, locutor de programa saudosista, motorista, bodegueiro e gráfico. Nunca roubou nem foi prefeito. Foi poeta ocasional.**

“Porque me organizando posso desorganizar!” (Chico Science).

**Rádio Barata no Ar, um podcast com os melhores comentaristas de política, economia, mais-valia, picardia, acrobacia, agronomia, homofobia, anomalia e anorexia. “Nós sabe de tudo, que nós tem sabença”.**

“Uma mulher sem um homem é como um peixe sem bicicleta. Que falta faz?” — Madame Preciosa, começando a aceitar a solidão da velhice.

**Se meu compadre Vavá Walter Mario da Luz tivesse sido Adão, a gente ainda estaria no Paraíso, porque ele teria comido a serpente em vez da maçã.**

“Deixe de falar besteira, homem!”, disse minha consciência, já arretada.

**Para efeito da boa marcha dos serviços, é bom que a gente sempre tenha em mente: todos nós somos uns safados egoístas. Ninguém é melhor do que ninguém.**

Leitura de búzios indicam que meu agnosticismo só funciona com as religiões do cristianismo predatório ou crenças monoteístas abraâmicas. As de matrizes africanas recebem meu aval.

PESQUISA NACIONAL

# Castigos físicos ameaçam a infância

*Apesar da proteção em lei, 29% dos cuidadores admitem usar palmadas e beliscões para disciplinar os pequenos*

Bruno de Freitas Moura  
*Agência Brasil*

Apesar de castigos físicos como palmadas, beliscões a apertos serem proibidos por lei, 29% das pessoas cuidadoras de crianças de até seis anos admitem que utilizam esses métodos como estratégia de disciplina. Treze por cento reconhecem que fazem sempre. A constatação está no levantamento “Panorama da Primeira Infância: O que o Brasil sabe, vive e pensa sobre os primeiros seis anos de vida”, lançado na última semana, pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

A pesquisa foi realizada em parceria com o Instituto Datafolha e entrevistou 2.206 pessoas em todo o país, sendo 822 cuidadores de crianças de até seis anos. O lançamento marcou o Agosto Verde, período de

mobilização sobre a importância da primeira infância. O estudo mostra que 17% dos cuidadores consideram esses atos uma forma eficaz de estratégia para a disciplina. Ou seja, 12% agredem mesmo sabendo que essa não é uma forma eficiente de educar.

### Proteção da lei

No Brasil, há mais de 10 anos, a Lei Menino Bernardo, também conhecida como Lei da Palmada (Lei nº 13.010/2014), proíbe esses tipos de castigos físicos aplicados a crianças e adolescentes, com os autores das agressões podendo ser advertidos e encaminhados para cursos e programas de orientação. A lei foi batizada dessa forma para lembrar a morte de Bernardo Boldrini, de 11 anos, vítima de agressões e morto pela madrasta e pelo pai,



Foto: Marcello Casa Jr./Agência Brasil

Lei da Palmada foi sancionada em 2014, como instrumento de proteção a crianças vítimas de abusos cometidos por seus cuidadores

em Três Passos (RS), em abril de 2014.

A diretora-executiva da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Mariana

Luz, lamenta o percentual identificado pelo levantamento e considera que há repetição de um padrão cultural que não funciona

como disciplinador. “A gente é o país do ‘eu apanhei, sim, e estou aqui, sobrevivi’. A gente é o país que diz ‘quem pariu Mateus que

embale’. A gente é o país que acha a criança inferior”, critica a diretora. “Não ajuda e não resolve”, conclui, sobre os castigos físicos.

## Uso da violência viola direitos e leva à ansiedade e à depressão

A Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, uma organização da sociedade civil, reforça que nenhuma forma de violência contra crianças é inofensiva e cita efeitos negativos, como desenvolvimento de agressividade, ansiedade, depressão, além das marcas físicas. A pesquisa identificou ainda que 14% dos cuidadores admitem gritar e brigar com crianças.

Apesar dessas respostas associadas a comportamento repressivo, os métodos disciplinares mais citados foram: conversar e explicar o erro (96% dos entrevistados) e acalmar a criança e retirá-la do lugar/situação (93%). Entre as pessoas que admitem comportamentos

agressivos contra crianças, a maior parte (40%) acredita que uma consequência é “maior respeito pela autoridade e ensinar a criança a obedecer”.

Um terço de quem bate em crianças (33%) reconhece que um dos impactos é o comportamento agressivo; e um em cada cinco (21%) admite que a criança desenvolve baixa autoestima e falta de confiança. “A violência, a palmada, as agressões, as violações de direitos, os abusos, as negligências são destratores diretos do desenvolvimento”, enfatiza Mariana Luz.

Ela constata também que ainda há na sociedade a percepção de que as pessoas acham que não devem in-

tervir na educação dos filhos dos outros. “Um cachorro você não agride em praça pública, porque alguém vai pegar o telefone e vai denunciar. Uma criança não, uma criança recebe um tapa, um berro, um beliscão dentro de um equipamento público e ninguém fala nada”, diz.

■ Um terço de quem bate em crianças reconhece que um dos impactos é o comportamento agressivo

## Abusos sofridos na primeira infância impactam na vida adulta

Para Mariana Luz, outro dado do levantamento que chamou a atenção foi o fato de 84% do universo pesquisado não saberem que a primeira infância é a fase mais importante do desenvolvimento pessoal humano. Além disso, apenas 2% souberam dizer exatamente quando acontece a primeira infância.

A definição de primeira infância como a fase que vai até os seis anos segue a legislação brasileira. Embora esse intervalo também seja adotado em outros países, podem existir variações. “Todos os picos do desenvolvimento físico, motor, cognitivo, socioemocional acontecem nos primeiros seis anos de vida”, aponta Luz.

Ela cita que o cérebro de

crianças nessa idade realiza um milhão de sinapses (comunicação entre neurônios, células do sistema nervoso) por segundo e 90% das conexões cerebrais são estabelecidas. “Estudo após estudo, reiteradamente, traz as evidências de que são nos primeiros seis anos de vida que se estabelecem as bases física, cognitiva e emocional”, fundamenta a diretora.

Apesar das evidências científicas, a pesquisa identificou que 41% dos entrevistados acham que é na vida adulta a fase em que o ser humano mais se desenvolve. Para 25% é entre 12 e 17 anos. Mariana acredita que é preciso um trabalho de conscientização para que a população saiba reconhecer e dar impor-

tância a esse período fundamental do desenvolvimento humano. “A terceira idade [idosos] hoje está superconsolidada, mas houve uma época em que a gente também não tinha esse entendimento tão claro”, compara.

Mariana Luz cita estudos do economista americano James Heckman, vencedor do Prêmio Nobel de economia (2000) sobre investimento na primeira infância. “Heckman fala que, para cada dólar investido, você tem sete de retorno”, lembra. “A primeira infância faz isso porque traz melhorias para diversas camadas socioeconômicas, educação, saúde, a própria segurança pública e da geração de emprego em renda”.

## Punição visa respeito aos mais velhos e ignora desenvolvimento

A pesquisa procurou saber também quais práticas os entrevistados consideram mais importantes para

o desenvolvimento infantil. A mais citada (96%) foi ensinar a respeitar os mais velhos, “superando outras

ações que a ciência comprovava como essenciais para o desenvolvimento infantil”, como conversar com a crian-

ça (88%), frequentar creche, pré-escola (81%) e deixá-la brincar (63%).

Para a diretora-executiva da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, o fato de o respeito aos mais velhos surgir no topo das respostas mostra baixa valorização da educação infantil e do brincar. “A brincadeira é o eixo principal do que a base nacional comum curricular traz como fio condutor da aprendizagem na primeira infância. Você não pode sentar uma criança pequeninha em uma cadeira e escrever no quadro negro, você precisa do processo lúdico”, justifica Mariana Luz.

### Tempo de tela

A pesquisa do Datafolha identificou que as crianças na primeira infância passam, em média, duas horas assistindo a televisão, celular, tablet ou computador. No caso de 40% das crianças, o

tempo varia de duas a três horas. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda que crianças de até dois anos não tenham contato nenhum com telas. Entre dois e cinco anos, máximo de uma hora por dia, sempre acompanhada por um adulto, “para que a interação aconteça”, completa Luz.

Mariana reconhece que muitas vezes a necessidade se impõe, “a pessoa não tem com quem deixar”. Ela sugere que uma forma de reduzir a exposição às telas seja incluindo a criança na rotina da casa. “Incluir na rotina de lavar a louça junto, de botar a roupa no varal”, exemplifica. A diretora aponta também que é de responsabilidade do Estado a oferta de creches, o que deve ser cobrado pela sociedade. “A responsabilidade dessa criança, pela Constituição, é minha, sua, é da fa-

mília, é do Estado”, diz.

Em 2022, o Supremo Tribunal Federal (STF), instância máxima do Poder Judiciário no Brasil, decidiu que é dever do Estado garantir vagas em creches e na pré-escola para crianças de até cinco anos de idade.

“  
**A brincadeira é o eixo principal do que a base curricular traz como fio condutor da aprendizagem**

Mariana Luz



Foto: Marcello Camargo/Agência Brasil

Processo lúdico ajuda crianças a entenderem limites e integra a educação infantil

SERVIÇO PÚBLICO

Editais somam 362 vagas imediatas

Oportunidades são para Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, TJCE e Patos, que prorrogou inscrições

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Da ciência à sala de aula, passando por serviços essenciais e cartórios, não faltam oportunidades, dentro e fora da Paraíba, para quem deseja construir uma carreira no setor público. No cenário nacional, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) oferece 115 vagas para profissionais técnicos e de nível superior, com salários que ultrapassam os R\$ 10 mil. Já em solo paraibano, o concurso da Prefeitura de Patos teve o período de inscrições prorrogado até amanhã, com 203 vagas imediatas em disputa. E, no Ceará, o Tribunal de Justiça do estado (TJCE) prepara-se para selecionar delegatários de cartórios, com inscrições a partir de 21 de agosto.

Atuação técnica

Com oportunidades para quem atua nas áreas de Geociências, Engenharia, Comunicação, Tecnologia da Informação, Arquitetura, Biologia, Cartografia, Letras, entre outras, o concurso da CPRM é uma das apostas mais significativas deste mês. São, ao todo, 115 vagas distribuídas entre os cargos de pesquisador, analista e técnico em Geociências, com exigência de nível técnico ou superior, conforme a função. Os salários

variam de R\$ 4,4 mil a R\$ 10,5 mil para jornadas de 40 horas semanais. O edital também prevê formação de cadastro reserva.

Para inscrever-se, o candidato deve acessar o *site* da FGV Concursos até 2 de setembro e efetuar o cadastro. A taxa de inscrição varia de R\$ 100 a R\$ 180, a depender do cargo. Já o processo de avaliação será composto por provas objetivas e discursivas, previstas para ocorrer em 13 capitais brasileiras, incluindo Recife, Salvador e Fortaleza. Também haverá uma etapa adicional, de avaliação de títulos, para os cargos de nível superior. A lotação dos aprovados ficará a critério da administração da CPRM.



Escaneie o QR Code para se inscrever na certame da CPRM

Inscrições prorrogadas

Na Paraíba, por sua vez, o concurso da Prefeitura de Patos entra em sua reta final. Os interessados têm até amanhã para garantirem sua participação. Basta acessar o *site* do Instituto de Desenvolvi-

to Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan) e seguir as instruções. O valor cobrado varia de R\$ 110 a R\$ 150. Das 203 vagas imediatas e 311 de cadastro reserva, há oportunidades para professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, médicos de várias especialidades, engenheiros e guardas civis, entre outros cargos. Os salários vão de R\$ 1,5 mil a R\$ 4 mil, com jornadas de 20 a 40 horas semanais.

Com a prorrogação, as provas objetivas foram remarcadas para 14 de setembro e ocorrerão tanto em Patos como em cidades vizinhas, conforme a necessidade. Além disso, para alguns cargos, a seleção inclui etapas como prova discursiva, avaliação de títulos, teste de aptidão física, avaliação psicológica, investigação social e curso de formação.



Por meio do QR Code, acesse o site do Idecan

Cartórios

Já no Ceará, o TJCE retificou o edital do concurso



Concurso da CPRM terá provas em 13 capitais, incluindo Recife, Salvador e Fortaleza

so para seleção de titulares de cartórios. No total, são 44 serventias extrajudiciais vagas, que poderão ser preenchidas por duas formas de ingresso: provimento e remoção. A primeira modalidade é voltada para quem ainda não é titular de cartório e exige bacharelado em Direito ou 10 anos de atuação em serviços notariais ou de registro. A remoção, por sua vez, é exclusiva para profissionais que já atuam em cartório dentro do estado e desejam mudar de unidade.

As inscrições ficarão

abertas de 21 de agosto a 19 de setembro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). A taxa de inscrição é de R\$ 350. Quanto à seleção, serão realizadas seis etapas ao todo, incluindo provas objetiva, escrita, oral e prática, além de avaliação de títulos e de uma fase que inclui exames psicotécnicos e análise de vida pregressa. Todo o processo ocorrerá na cidade de Fortaleza. Vale destacar que os futuros

serventuários não receberão salário do estado. Em vez disso, a remuneração virá dos emolumentos, que são as taxas cobradas, diretamente, dos usuários pelos serviços prestados.



Confira o edital para seleção do TJCE por meio do QR Code

Designer gráfico traduz, em imagens, os ideais de consumo

O que a capa de um livro, a embalagem do cafezinho e a publicação que você acabou de curtir têm em comum? Parece charrada, mas a resposta está nos traços e nas escolhas visuais que dão forma ao que a gente vê e consome todos os dias. Por trás de cada arte, há um *designer* gráfico traduzindo ideias em imagens, lidando com prazos apertados, expectativas altas e pressão por resultados. Leandro César de Oliveira Ferreira conhece bem os bastidores da criação. Com 14 anos de experiência, construiu a carreira como autodidata e hoje reflete sobre o futuro da profissão diante do avanço da inteligência artificial e de um mercado cada vez mais veloz, que desafia o profissional a manter sua autenticidade.

Mas, ao contrário do que muitos imaginam, o caminho para a área nem sempre começa com uma formação tradicional. No caso de Leandro, foi a curiosidade que serviu como pontapé: como já ilustrava, quis aprender a colorir seus desenhos digitalmente. Buscou tutoriais, conversou com amigos, testou programas e, aos poucos, foi encontrando sua própria linguagem criativa. “Essa pesquisa inicial deve ser o primeiro passo. Acredito que é a partir do interesse e da curiosidade que entramos nesse universo”, diz. Embora nunca tenha sentido falta do diploma no dia a dia, ele reconhece que a graduação faz diferença, principalmente em processos seletivos. “Toda formação possui esse caráter de ‘diferencial’”, completa. Por

isso, vale considerar a graduação ou cursos técnicos.

Do rascunho à entrega

Quando se trata de artes gráficas, a estética é apenas uma das camadas desse trabalho. Criar exige tempo, e esse é justamente o recurso mais escasso em um mercado tão acelerado como o nosso. Segundo Leandro, a frase “feito é melhor que perfeito” virou quase um mantra em um setor que, muitas vezes, prioriza a entrega à qualidade. Ainda assim, ele acredita que há espaço para quem valoriza uma identidade visual bem construída. “A criatividade é sempre muito exaltada, como se tudo girasse em torno dela. O que, na prática, acaba não sendo necessariamente assim”, afirma. Para ele, o processo criativo vem sendo engolido pela pressa, em um cenário de demandas em série e expectativa constante por produtividade.

Para além da técnica, a profissão exige dedicação. Sentar-se por horas diante da tela, ajustar detalhes, testar soluções, refazer o que não deu certo e, muitas vezes, lidar com a frustração fazem parte da rotina do *designer*. “Pode parecer confortável, mas chega a ser enfadonho”, conta Leandro. “É preciso ter gosto pelo que se faz, o gosto pelo desafio, de ver algo pronto após gastar muitas ho-

ras nesse processo”, complementa. A especialização vem com o tempo, o domínio de ferramentas e o exercício constante. Como ele mesmo destaca, é quase como um instrumentista que treina até encontrar sua sonoridade — ou, aqui, seu jeito de fazer.



A arte é perene. E, sendo o design gráfico um tipo de arte, atrelado à publicidade, essas duas áreas não acabam

Leandro Ferreira

Futurologia

Falando em mercado, as possibilidades de atuação cresceram junto com a expansão das mídias digitais. Se, antigamente, o

mais comum era trabalhar em agências de publicidade e em editoras, agora há espaço em empresas de diversos segmentos, além da chance de atuar como *freelancer*. Basicamente, se existe um produto ou serviço a ser vendido, seja ele digital ou físico, há sempre um *designer* gráfico envolvido. Ao mesmo tempo, com a popularização das ferramentas automatizadas e o avanço das inteligências artificiais (IAs) generativas, a profissão ganhou agilidade, mas também vive um momento sensível. Leandro reconhece o risco: “A ferramenta já dá tudo mastigado, como se fosse algo enlatado”. Para o *designer*, além de economizar tempo, sobretudo em produções em escala, esse processo automatizado pula etapas importantes, como o planejamento.

Isso não significa, porém, que o trabalho autoral esteja com os dias contados. Segundo o especialista, é possível que, no futuro, a saturação do “automático” abra espaço para um novo interesse por criações mais humanas. “A arte não tem como sumir, é perene. E, sendo o *design* gráfico um tipo de arte, atrelado à publicidade, o mundo pode acabar, mas essas duas áreas não acabam”, reflete. Embora admita que a IA possa absorver parte do trabalho como conhecemos

hoje, ele acredita que a profissão irá se transformar e encontrar novos sentidos.

CPRM

Se você já atua na área e deseja transformar essa habilidade em carreira no setor público, o concurso nacional da CPRM pode ser uma porta de entrada interessante. Há duas vagas para o cargo de analista em Geociências — *design* gráfico, além de cadastro reserva, com foco na produção e divulgação de conteúdo visual. A exigência é de diploma em Design Gráfico ou Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, além de registro no conselho de classe. A jornada é de 40 horas semanais, com salário inicial de R\$ 8,9 mil.

■ Expansão das mídias digitais ampliou as chances de trabalho para os designers, que encontram oportunidades em diferentes empresas



Profissional deve ser criativo na busca por soluções visuais

|                                                                     |                                               |                                                                    |                                                                  |                                                                   |                                                                                                                                          |                                                                |
|---------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| <b>Selic</b><br><br>Fixado em 30 de julho de 2025<br><br><b>15%</b> | <b>Sálário mínimo</b><br><br><b>R\$ 1.518</b> | <b>Dólar \$ Comercial</b><br><br><b>+0,24%</b><br><b>R\$ 5,436</b> | <b>Euro € Comercial</b><br><br><b>-0,13%</b><br><b>R\$ 6,329</b> | <b>Libra £ Esterlina</b><br><br><b>+0,46%</b><br><b>R\$ 7,320</b> | <b>Inflação</b><br>IPCA do IBGE (em %)<br>Junho/2025 0,24<br>Maio/2025 0,26<br>Abril/2025 0,43<br>Março/2025 0,56<br>Fevereiro/2025 1,31 | <b>Ibovespa</b><br><br><b>135.913 pts</b><br><br><b>-0,45%</b> |
|---------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|

DEIXANDO A POUPANÇA

# Investimento em renda variável cresce 6% no país

Opção pela Poupança segue como a mais popular entre os brasileiros

Maria Beatriz Oliveira  
Obeatriz394@gmail.com

Investir ainda é um tema que causa receio em muitos brasileiros. A ideia de aplicar suas economias em algo sujeito a tantas variáveis e incertezas faz com que boa parte da população prefira alternativas consideradas mais seguras. Mesmo com o crescimento de 6% no número de investidores em renda variável em 2024, segundo dados da B3, a poupança segue sendo a escolha predominante: 68% dos investidores ainda a consideram a melhor e mais segura forma de guardar dinheiro.

Um outro levantamento, realizado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) e pelo Datafolha comprovou que, ao investir, os brasileiros preocupam-se com, sobretudo, dois fatores: o retorno financeiro e a segurança. A facilidade de aplicar o dinheiro, a imagem da marca, o desejo de fazer uma reserva financeira e a baixa burocracia são aspectos deixados em segundo plano.

Segundo Carlos Xavier, doutor em Economia, o hábito do brasileiro de deixar o dinheiro na poupança está mais ligado à cultura do que à rentabilidade. “Há outros tipos de investimento com o mesmo nível de segurança, mas que oferecem retornos superiores. A poupança foi criada na época de Dom Pedro II como uma forma de garantir que os brasileiros pudessem guardar dinheiro com segurança. No entanto, com um pouco de estudo — não é necessário dominar economia ou fórmulas matemáticas — é possível entender o próprio perfil de investidor e seus objetivos. Você é um investidor moderado? Agressivo? Está disposto a



Foto: Julio Cesar Peres

Para Carlos Xavier, apostar na Poupança é hábito cultural

correr riscos ou prefere segurança total? Se você não aceita perdas, ainda assim existem opções tão seguras quanto a poupança e que rendem mais”, explicou o economista.

Para quem sempre deixou o dinheiro na poupança e agora pensa em diversificar os investimentos, Carlos Xavier recomenda começar pela renda fixa. “Basicamente, existem dois tipos de investimento: renda fixa e renda variável. A renda fixa inclui opções como títulos públicos, CDB, LCI e LCA. Já a renda variável abrange ações, criptomoedas, mercado de opções — esses exigem mais conhecimento e envolvimento do investidor. O caminho que sempre indico é começar estudando o Tesouro Direto. No próprio site, você pode simular quanto quer investir, por quanto tempo e com qual objetivo, e o sistema sugere as melhores opções.

Mediante uma simulação realizada por Carlos no site do Tesouro Direto, é possível perceber, claramente, as vantagens de investir fora da pou-

pança. “Vamos imaginar uma situação hipotética: você quer juntar R\$ 10 mil para resgate em 2031, começando com um aporte inicial de R\$ 200 no Tesouro Selic. Nesse caso, seria necessário investir R\$ 112 por mês. Já na poupança, para alcançar o mesmo objetivo, o valor mensal precisaria ser de R\$ 119. Ou seja, a poupança oferece um rendimento consideravelmente menor”, explicou.

O economista também orienta quem está começando a investir a estudar três fatores fundamentais: a taxa Selic, a inflação no Brasil — que varia constantemente — e o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo). “Por exemplo, se a taxa Selic está em 15% ao ano e a inflação é de 5%, o juro real é de 10% — esse seria, de fato, o seu ganho. Agora, se a inflação estiver em 10% e a Selic também for 15%, o juro real cai para 5%. Por isso, é essencial acompanhar esses indicadores”, alertou.

Além disso, é possível usar o celular: a maioria dos aplica-

tivos de bancos tem a função de investimentos. Neles, você pode filtrar conforme suas necessidades. Por exemplo: se quiser um investimento com liquidez imediata — compra hoje, resgata amanhã — ele mostrará as opções. Se preferir liquidez semestral ou anual, com isenção de imposto de renda e retorno em renda fixa, também encontrará sugestões. É um estudo que está, literalmente, na palma da sua mão”, orienta o economista.

Pedro Oliveira conta que aprendeu a investir, exatamente, dessa forma: por meio do celular. Assistindo vídeos no YouTube e lendo sobre na internet. Atualmente, ele considera-se um investidor mais agressivo. “Acredito que meu principal erro no início foi ser conservador demais. Deixei minhas reservas na poupança por muito tempo, com medo de arriscar, de testar outros caminhos e poupança não é investimento, nem para fundo de emergência a poupança serve, na minha opinião, porque não cobre a inflação”, enfatizou Pedro.

Outra lição importante que Pedro aprendeu ao estudar sobre finanças foi a necessidade de diversificar os investimentos. “Tenho aplicações no Tesouro Direto, tanto no Tesouro Selic quanto no IPCA. Também venho avaliando investir em fundos imobiliários, embora os considere um pouco arriscados para o meu perfil. Fora isso, o que mais me atrai são as criptomoedas. De vez em quando, invisto um pouco em bitcoin, algumas shitcoins e memecoins. Já ganhei bastante com isso, mas também já perdi — faz parte, a gente erra e aprende. Acredito que a vida é curta demais para não aproveitar as oportunidades. O segredo é ser agressivo, mas com inteligência”, compartilhou.

assessoria de investimentos especializada. “Investir por conta própria pode ser um caminho viável para quem tem tempo e dedicação para estudar o mercado, mas, para a grande maioria, ter um assessor qualificado ao lado é essencial. O profissional ajuda o investidor a montar uma carteira de acordo com seu momento de vida, seus objetivos de curto, médio e longo prazo, seu perfil de risco e seu patrimônio disponível. Além disso, o assessor acompanha, continuamente, o desempenho da carteira, faz ajustes quando necessário e identifica oportunidades que, muitas vezes, passariam despercebidas por investidores iniciantes”, destaca.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

### Tarifação: um recado duro ao Brasil e um golpe na Paraíba

Donald Trump decidiu vestir a armadura do protecionismo e apontar sua lança diretamente para o Brasil. A nova política comercial americana, que entrou em vigor na quarta-feira (6), é mais do que um ajuste tarifário: é um gesto político com DNA de retaliação. Ao impor um adicional de 50% sobre uma vasta lista de produtos brasileiros, Trump envia um recado claro de que, na sua visão, comércio exterior é também campo de batalha ideológica.

O impacto, embora possa parecer modesto no cenário nacional — 35,9% das exportações para os EUA, o equivalente a 4% do total brasileiro —, assume contornos bem mais dramáticos quando se olha para estados específicos. A Paraíba é um exemplo gritante. Aqui, o mercado americano é o maior cliente. Em 2024, mais de um quinto das nossas exportações tiveram como destino os Estados Unidos, movimentando R\$ 195,8 milhões. Em 2025, até junho, já foram R\$ 54,5 milhões. Não é exagero dizer que, para parte da nossa economia, Washington é tão importante quanto São Paulo.

E os produtos atingidos não deixam dúvidas sobre a mira da medida: suco de abacaxi, água de coco, calçados de borracha e plástico, açúcar e granito. São mercadorias que carregam não apenas valor econômico, mas identidade regional. E nenhuma delas foi poupada pela lista

de isenções divulgada pela Casa Branca. Isso significa que, a partir de agora, disputar o consumidor americano será como correr com pesos amarrados aos pés.

As consequências são previsíveis: preços mais altos lá fora, perda de competitividade e espaço aberto para concorrentes de outros países. O setor calçadista, já combalido, pode ver contratos evaporarem.

Bebidas e derivados de frutas, que disputam centavos no mercado internacional, correm o risco de serem substituídos por fornecedores mais baratos. E a mineração, que já enfrenta concorrência asiática e africana, não tem como repassar custos dessa magnitude sem perder clientes.

Há quem veja nisso apenas uma manobra de Trump para agradar setores produtivos internos em ano eleitoral. Mas, para nós, o resultado é frio e concreto: risco de queda nas exportações, redução de produção, demissões e a necessidade urgente de buscar novos mercados. É o tipo de movimento que mostra como nossa dependência de poucos destinos comerciais nos torna vulneráveis.

O protecionismo disfarçado de defesa nacional sempre foi um veneno para o livre comércio. Ele distorce preços, destrói competitividade e pune, no final, o consumidor. Os americanos pagarão mais caro por nossos produtos. Nós, por nossa vez, pagaremos o preço em empregos e renda.

O Brasil precisa reagir com mais do que indignação. É hora de diplomacia firme, negociação direta e apoio real às empresas afetadas. Linhas de crédito, incentivos fiscais e programas de diversificação de mercados não são luxo, são urgência. Porque quando um tarifaço desse tamanho bate à nossa porta, não há espaço para discursos vazios. Ou agimos rápido, ou veremos a conta chegar, e não será pequena.



## INVESTIMENTOS EM INOVAÇÃO

# Estado ultrapassa os R\$ 700 milhões

Com a soma, mais de 50 ações são planejadas, desenvolvidas e executadas por meio da Secties e Fapesq

O Governo do Estado da Paraíba ultrapassou o montante de R\$ 700 milhões em investimentos na área de ciência, tecnologia e inovação nos últimos cinco anos. São mais de 50 ações e programas planejados, desenvolvidos e executados por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e com o apoio de parceiros institucionais. Com uma característica multidisciplinar, os projetos causam impactos em diferentes esferas: no progresso de pesquisas científicas, no fortalecimento de empreendimentos inovadores, na ampliação da divulgação e popularização da ciência, entre outras. E, ainda, posicionam a Paraíba internacionalmente em grandes projetos científicos.

“Completamos recentemente a marca de R\$ 700 milhões investidos em ciência, tecnologia e inovação de 2019 até agora, mostrando como o governador João Azevêdo tem a visão de que a ciência e tecnologia de inovação é um pilar de desenvolvimento para o estado”, comentou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

Um dos exemplos desse empenho do Governo da Paraíba no investimento em ciência e tecnologia aconteceu durante a pandemia da Covid-19. Na época, a pasta executiva da Ciência e Tecnologia estava integrada à Edu-

cação, o que foi providencial para o andamento das aulas nas escolas estaduais e das pesquisas nas universidades.

Em 2020, o Governo da Paraíba determinou um regime especial de ensino (com base nos decretos nacionais). Então os professores da rede pública estadual e os estudantes iniciaram o ensino remoto, posteriormente considerado

o melhor do Brasil por uma pesquisa da Escola de Economia de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), destacando a cobertura e implementação mais rápidas. Outros prêmios e reconhecimentos foram obtidos na época. No âmbito das universidades, o governo lançou editais específicos para que pesquisadores aprofundassem estu-

dos acerca das necessidades e problemas causados pelo vírus da Covid-19.

A criação da pasta de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, em 2023, firmou as políticas de CT&I na Paraíba. Abre-se uma porta pela qual transitam estudantes, professores e cientistas entre a Paraíba e outros países. O programa Paraíba

Sem Fronteiras abriga, em seu guarda-chuva, não só o intercâmbio científico, como também ações de incentivo à exportação e fóruns internacionais.

A inovação foi evidenciada no apoio ao empreendedorismo tecnológico. Em João Pessoa, as instalações físicas do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação estão

em fase de término. Enquanto isso, 36 *startups* passaram por programas de incubação desenvolvidos de forma virtual e presencial. Além disso, 50 projetos de empreendedorismo originados em favelas foram apoiados financeiramente e com mentorias por meio do projeto Empreendedorismo e Inovação nas Favelas.



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

Projetos novos envolvem cada vez mais tecnologias, e pessoas qualificadas para o desenvolvimento em novas pesquisas abrem espaço para as futuras gerações

## Complexo científico em implantação no Sertão é futurista

A pesquisa e ciência de ponta na Paraíba chega ao ápice com o projeto de construção do Radiotelescópio Bingo. O grande projeto de ciência posiciona a Paraíba em pesquisas internacionais. As descobertas da origem do universo e da vida no planeta Terra estarão reveladas no Complexo Científico do Sertão, na Cidade da Astronomia — uma iniciativa com múltiplos equipamentos, como museu, observatório e planetário, em desenvolvimento no município de Carapateira — e nas pesquisas em paleontologia e arqueolo-

gia no Vale dos Dinossauros, em Sousa, além do radiotelescópio em Aguiar e do museu em Cajazeiras.

Em outra perspectiva, uma das necessidades expressadas por gestores públicos e pesquisadores de diversas áreas é a reunião de informações em uma base de dados logicamente acessível e passível de cruzamentos. Projetos desse caráter envolvem tecnologias e pessoas qualificadas para o desenvolvimento. O resultado final acessado pelo usuário esconde a complexidade dos processos. Por meio da Secties,

estão em construção, mas já podem ser acessadas, plataformas nas áreas de educação e Ensino Superior (SidTec), diplomacia energética (Enetrix) e modelos de inteligência artificial para prever a evasão escolar e distúrbios vocais em docentes.

A Secties também impulsiona eventos motivadores ao desenvolvimento científico e tecnológico do estado, como a Olimpíada Brasileira de Robótica — Etapa Paraíba, o Imagineland, o Seminário de Transformação Digital (que está na terceira edição), bem como o Painel Paraibano de Mudanças Climáticas. Realiza e participa das edições da Expotec, entre outros eventos.

Outro destaque foi a realização da I Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que atualizou a realidade da CT&I e levantou demandas executivas que foram consideradas nos níveis regional e nacional.

■ O resultado final acessado pelo usuário esconde a complexidade dos processos

## Juventude está no foco das políticas públicas implementadas pela CT&I

O público jovem é um dos alvos das políticas públicas de CT&I na Paraíba. Competições como *hackathons* e *games* atraem os jovens como ímãs. A Secties realizou *hackathons* em parceria com outras secretarias estaduais e organizações não governamentais (Camping Digital, Transformação Digital/Secties, Soluções Digitais para a Cultura/Secult), alcançando, inclusive, povos originários. Na área de *games*, a Sec-

ties está lado a lado com desenvolvedores que estão re-presentando o estado em eventos nacionais. O objetivo é fortalecer um polo de criação de *games* no estado. Para isso, está em andamento o Circuito Game Dev Quest, no qual participam empreendimentos da indústria de jogos digitais independentes.

Ações de apoio financeiro a projetos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação desenvolvidos por

pesquisadoras, meninas e mulheres, têm espaço reservado em editais específicos da Secties/Fapesq. Ao longo da carreira científica, as mulheres enfrentam situações singulares, como a gravidez e os cuidados com a família, e precisam de um olhar diferenciado.

São inúmeras ações em tecnologia e ciência que permeiam a sociedade, promovendo melhorias na qualidade de vida do paraibano.



Modernos laboratórios estão inclusos neste processo



Laboratórios montados são centros de estudos e de qualificação de novos profissionais

VERDE NO CONCRETO

# Gameleiras são as guardiãs silenciosas de João Pessoa

Árvores do gênero Ficus estabilizam as encostas, evitam erosão, refrescam o ar e alimentam a fauna

Lilian Viana  
lilian.vianacananea@gmail.com

Na capital paraibana, os olhos que se acostumaram com o concreto ainda encontram refúgio na sombra generosa de árvores monumentais. Entre avenidas e praças, as gameleiras impõem-se como colunas vivas: copas largas, raízes aéreas que descem como braços abertos e galhos entrelaçados que tecem abrigos e memórias. Mais do que ornamento, essas representantes do gênero *Ficus* são guardiãs silenciosas de João Pessoa — estruturam as encostas, refrescam o ar, alimentam a fauna e enraízam as histórias nas veias da cidade.

“O gênero *Ficus* é um dos mais diversos e ecologicamente relevantes do reino vegetal. São cerca de 800 espécies espalhadas por regiões tropicais e subtropicais, incluindo as gameleiras brasileiras, que têm um papel essencial nas cidades”, explica o biólogo e consultor ambiental



Foto: Ricardo Pontes/Arquivo pessoal

**Espécies nativas são ideais para arborização urbana, pois fortalecem corredores ecológicos**

Ricardo Pontes

tal Ricardo Pontes. Entre suas principais características estão o látex branco e medicinal, as raízes aéreas abundantes e uma estrutura floral

escondida — o sicônio — que abriga minúsculas flores e vespas polinizadoras, num sistema de polinização altamente especializado. “Cada espécie de *Ficus*, geralmente, depende de uma única espécie de vespa, e vice-versa. É uma das simbioses mais fascinantes da ecologia vegetal”, acrescenta o biólogo.

Em João Pessoa, as gameleiras não são apenas belas — são parte essencial da infraestrutura ecológica da cidade. Suas raízes profundas estabilizam encostas, evitam a erosão e promovem a infiltração da água da chuva, prevenindo alagamentos e fortalecendo o equilíbrio hídrico do solo urbano. “Elas evitam o colapso invisível que acontece sob nossos pés”, resume Pontes.

Ao mesmo tempo, suas copas densas atuam como guarda-sóis naturais, suavizando a luz inclemente do verão nordestino e criando microclimas mais amenos. “A transpiração das folhas aumenta a umidade do ar, o que é fundamental para o conforto térmico

Presentes na capital, essas plantas atuam como guarda-sóis naturais, servindo sombra e frescor até mesmo durante o verão nordestino

co em cidades como a nossa”, complementa o biólogo.

A fauna urbana também agradece. Os figos alimentam aves como sanhaços, bem-te-vis e maracanãs, além de morcegos e pequenos mamíferos. Os troncos e raízes entrelaçados viram abrigo, ninho e esconderijo. “As gameleiras são ecossistemas por si só”, resume Ricardo Pontes. Além das espécies exóticas

como *Ficus benjamina*, *Ficus microcarpa* e *Ficus elastica*, a Paraíba abriga ao menos 12 espécies nativas do gênero *Ficus*, adaptadas aos solos e climas da Caatinga e da Mata Atlântica. De acordo com Pontes, “essas espécies nativas são ideais para arborização urbana, pois interagem melhor com a fauna local e fortalecem corredores ecológicos”.

Os figos servem de alimento para pássaros como sanhaços, bem-te-vis e maracanãs

## Raízes da identidade urbana pedem cuidado e proteção do Poder Público

Para Anderson Fontes, engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam), preservar essas árvores é garantir a continuidade de uma história enraizada na identidade urbana. “A gameleira é, sim, um símbolo importante da nossa cidade. Embora o ipê-amarelo seja mais reconhecido como árvore símbolo de João Pessoa, a gameleira ocupa um lugar afetivo muito forte. Por sua imponência, pela sombra generosa, pelo conforto térmico que oferece, ela é admirada e valorizada pela população”, afirma.

Segundo o diretor, a prefeitura já realiza um mapeamento detalhado da arborização urbana, com foco especial em espécies nativas e centenárias. “Esse diagnóstico é feito diariamente por nossas equipes técnicas, que percorrem ruas, praças e canteiros para avaliar a saúde e a estrutura das árvores. Identificamos questões como quebra de galhos, inclinação, desenvolvimento do sistema radicular em relação às calçadas e condições fitossanitárias. Isso tem contribuído muito para o planejamento urbano e ambiental da cidade”, explica Anderson.

Esse trabalho técnico é conduzido pela Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam, que acompanha de forma contínua as árvores localizadas em áreas públicas, como vias, calçadas, canteiros centrais e praças. Com base nessas visitas e diagnósticos, a Semam não apenas orienta o plantio, como também aplica políticas de manejo corretas, especialmente para exemplares mais antigos.



Foto: Anderson Fontes/Arquivo pessoal

**Por sua imponência, pela sombra generosa, pelo conforto térmico que oferece, ela é admirada e valorizada pela população**

Anderson Fontes

“Temos uma política específica de tratamento fitossanitário e de preservação voltada às árvores centenárias, entre elas as gameleiras”, pontua.

### Monitoramento

Hoje, João Pessoa conta com alguns exemplares da espécie espalhados por bairros como Tambiá, Centro, Manaíra e Bessa — sendo cerca de 20 gameleiras monitoradas diretamente pela Semam em áreas públicas consideradas de destaque. “Temos a gameleira da Avenida Pombal, a do Jardim 13 de Maio, outras no Parque Solon de Lucena. Algumas são centenárias, outras não, mas todas são tratadas com o mesmo cuidado. O objetivo é garantir que essas árvores se mantenham saudáveis, crescendo bem e cumprindo seu ciclo

de vida”, destaca.

Além do monitoramento, o Município tem buscado transformar essas árvores em marcos reconhecidos da identidade urbana. Já existe um artigo no Código Municipal do Meio Ambiente que prevê a imunidade ao corte para espécies de relevante interesse ecológico ou cultural. O mapeamento e o diagnóstico detalhado também servem de base para a formalização de processos de tombamento ambiental, conferindo ainda mais proteção jurídica a esses exemplares.

A valorização das árvores nativas é parte de uma política mais ampla de sustentabilidade. A cidade conta com um manual de arborização urbana, um programa ativo de produção de mudas no viveiro municipal e ações como o João Pessoa Cidade Mais Verde, que foca no plantio e na recuperação de áreas degradadas com espécies predominantemente da Mata Atlântica. “Hoje, 90% das espécies arbóreas plantadas pela Prefeitura são nativas desse bioma, e os 10% restantes são exóticas adaptadas ao nosso clima”, ressalta Anderson.

Diante da pressão do mercado imobiliário em áreas de expansão, a prefeitura também tem buscado equilibrar desenvolvimento e preservação. “Não se trata de impedir o progresso, mas de conciliá-lo com o meio ambiente. Em muitos casos, conseguimos redesenhar projetos para preservar árvores antigas no mesmo terreno. Também oferecemos compensações ambientais e promovemos mutirões de plantio com a participação popular”, enfatiza o diretor.

## Plantas são símbolos vivos de cultura, medicina popular e ancestralidade

O que seria de João Pessoa sem o verde das gameleiras? A pergunta é retórica, mas carrega uma provocação importante para os urbanistas e planejadores da cidade. “A gameleira não é só sombra, é memória, cultura e saúde”, defende Ricardo Vidal, arquiteto e urbanista, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba.

Conforme o urbanista, as áreas verdes da cidade precisam ser vistas como uma infraestrutura essencial e não como espaços vagos a serem ocupados. “A presença dessas árvores ajuda a reduzir o estresse urbano, melhora a qualidade do ar, traz beleza à paisagem e regula o microclima local. É possível sentir isso, claramente, em trechos como a Avenida D. Pedro II, ao lado do Jardim Botânico — é como entrar em um outro mundo”, compara.

A relação da cidade com as gameleiras não se limita ao plano físico. Há nelas uma espiritualidade, uma força ancestral que atravessa gerações. Em religiões de matriz africana, por exemplo, algumas gameleiras são consideradas sagradas, espaços de culto e proteção. Essas árvores são espaços sagrados — pontos de oferendas, oração e resistência. “Elas acolhem não só a fauna, mas também os sentimentos humanos. Elas são como guardiãs — abrigam, acolhem,



Fotos: Ricardo Pontes/Arquivo pessoal

O látex leitoso extraído das gameleiras é usado na medicina popular, para o tratamento de feridas e de problemas respiratórios

protegem. E isso reverbera na identidade das comunidades”, complementa Vidal.

Mesmo sob ameaça de desaparecimento — por mudanças no solo, excesso de concretagem e falta de planejamento —, a gameleira resiste. E o Poder Público tem a missão de garantir sua permanência. “A arborização urbana deve ser tratada como política pública estruturante. Plantar árvores é planejar o futuro da cidade”, diz o urbanista.

Além do valor simbólico,

as gameleiras guardam saberes tradicionais. O látex leitoso, extraído com cautela, é usado na medicina popular para tratar feridas, inflamações e problemas respiratórios. Embora seu uso exija orientação profissional, os estudos sobre seus compostos bioativos têm avançado, apontando possibilidades promissoras na fitoterapia. “A ciência começa a decifrar o que os povos originários já sabiam há muito tempo”, reforça o biólogo Ricardo Pontes.

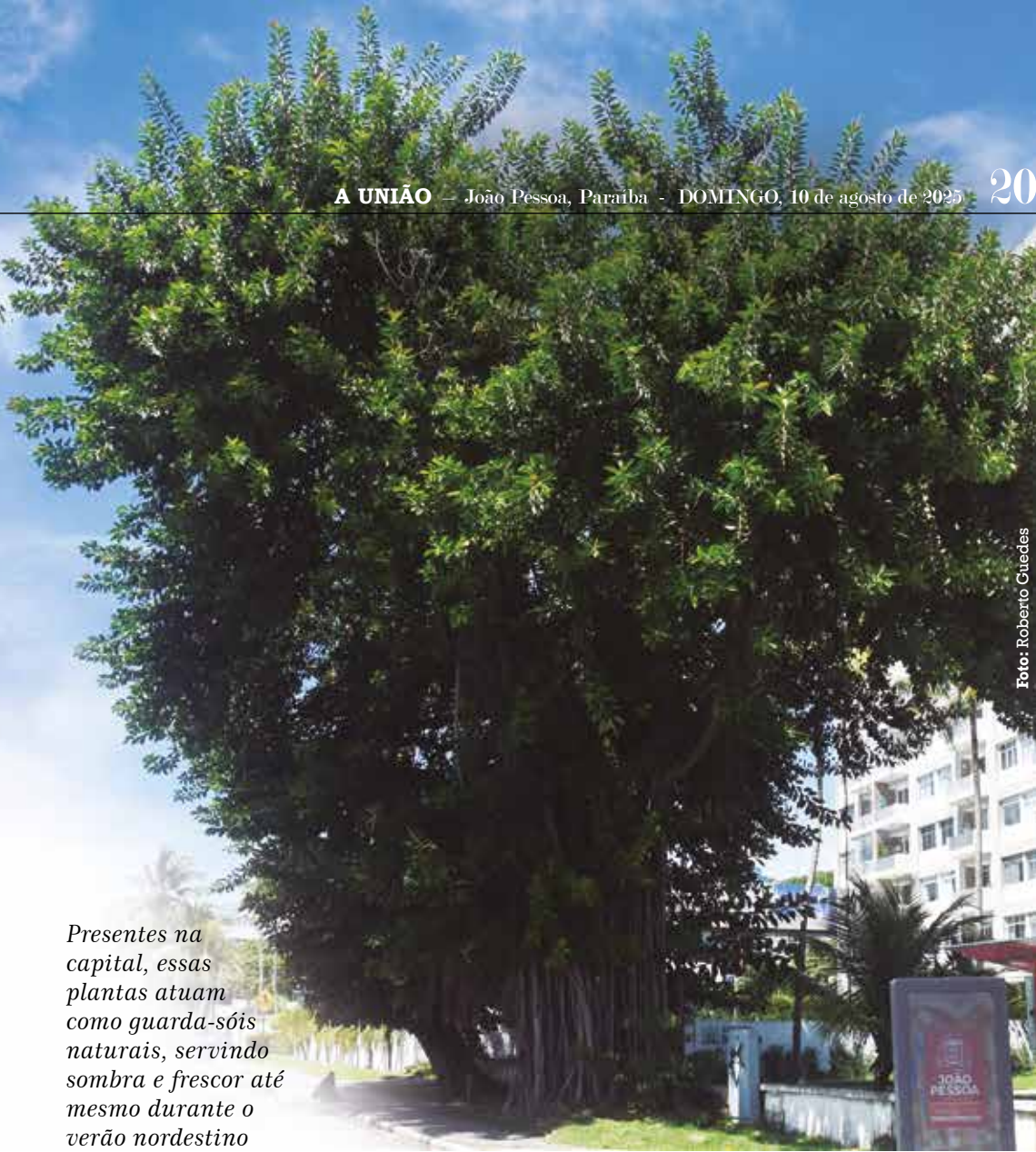


Foto: Roberto Guedes

BASQUETE

# NBB apresenta novidades

Unifacisa vai para a sua sétima participação e competição será a maior da história, com 20 clubes e a volta do rebaixamento

Camilla Barbosa  
acamillabarbosa@gmail.com

Falta pouco mais de dois meses para o início da temporada 2025-2026 do basquete nacional. A 18ª edição do Novo Basquete Brasil (NBB), principal competição da modalidade no país, inicia no dia 18 de outubro e será a maior da história, tendo 20 times na disputa. A data do pontapé inicial foi confirmada pela Liga Nacional de Basquete (LNB), na última terça-feira (5), junto a outras novidades para o certame.

O campeonato terá 38 rodadas (em turno e retorno) e as 16 melhores equipes da primeira fase avançam para a disputa dos *play-offs*. A partir das oitavas de final, a disputa será no sistema de melhor de cinco, agora no estilo 1-2-2 (primeiro, quarto e quinto jogos na casa do time com melhor campanha; segundo e terceiros na da agremiação com pior campanha).

Outra novidade para a atual edição é a volta do rebaixamento. Com isso, os dois últimos colocados da fase regular caem para a Liga Ouro (o campeão dela pode pleitear uma vaga no NBB 2026-2027).

De 26 de setembro a 4 de outubro, será realizado, no Ginásio Nilson Nelson, em Brasília (DF), o Torneio Abertura. Além do Basquete Unifacisa, essa competição contará com Botafogo, Brasília, Caxias do Sul, Cruzeiro, Flamengo, Fortaleza, Minas, Pato Basquete, União Corinthians, Vasco e Atlético Unión, da Argentina. Já a Copa Super 8 está programada para acontecer na segunda quinzena de janeiro, reunindo os oito melhores classificados do primeiro turno do NBB.

#### Unifacisa

O Basquete Unifacisa continuará sendo o único paraibano, e, ao lado do Fortale-

za, representará, também, o Nordeste. Essa será a sétima participação consecutiva da equipe, que iniciou sua caminhada no NBB na temporada 2019-2020. A conquista do título da Liga Ouro, em 2019, garantiu o acesso da equipe à elite do basquete nacional e, por conseguinte, assegurou a entrada da Paraíba no cenário brasileiro da bola laranja.

O conjunto campinense continuará a ser comandado por Pablo Costa, que chegou a Campina Grande em novembro do ano passado, no meio da temporada, para substituir Rodrigo Galego. Naquele momento, o treinador catarinense assumiu o comando do Jacaré, com a equipe nas últimas colocações, enfrentou o irmão caçula Léo Costa, com o Minas, e direcionou o time paraibano ao 11º lugar na classificação final. Enfrentou o Pinheiros (6º) nos *play-offs* das oitavas de final e se despediu da competição em uma série decidida no 3 a 2.

O jogador Leal em ação durante jogo da Unifacisa, pelo Novo Basquete Brasil



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Gabriella Tayane/Unifacisa

Antônio está indo para a sua sexta temporada defendendo as cores do Unifacisa

Ele, inclusive, foi convocado para ser assistente da Seleção Brasileira masculina sub-23 de basquete no Globl Jam. A competição será realizada no Canadá entre os dias 13 e 17 de agosto, na cidade de Toronto. Pablo Costa embarcará na próxima semana para o desafio internacional.

Até o momento, já foram confirmados oito reforços no Unifacisa: Yohanner Sifontes e Jimmy Dreher (alas-armadores), Kendall Anthony (armador), Antônio (ala-pivô), Melvin Johnson (ala) e Gerson, Leal e Makhtar Gueye (pivôs). De acordo com a assessoria do clube, os jogadores desembarcam em Campina Grande durante esta semana. Eles cumprirão os protocolos iniciais (exames médicos, físicos e nutricionais) e, na quarta-feira (20), devem começar a treinar juntos.

Antônio e Gerson são os únicos remanescentes do elenco da temporada passada. O primeiro está indo para sua sexta temporada defendendo as cores do Jack.

“É um privilégio, sim, e acho que também é fruto do que eu plantei aqui, porque penso que venho fazendo um bom trabalho nesse tempo. Não significa nada, tudo que foi feito eu tenho que continuar construindo cada vez mais e essa é a responsabilidade: conseguir produzir mais e mais. O que eu mais quero é ver o Unifacisa no topo. Eles almejam isso, eu também almejo, todo mundo

aqui quer chegar no máximo possível, quer ser campeão, e eu tenho certeza que é possível pela forma como eles trabalham, da forma correta que a gente faz as coisas. Eu tenho certeza que uma hora a gente vai chegar lá. Que seja nessa temporada!”, destaca ele a respeito da longevidade no clube.

“Eu venho não só de uma cidade paulista, mas de uma cidade que é tradicionalíssima no basquete, e eu consigo ver essa tradição sendo feita aqui no Unifacisa também. Realmente, acho que a capital do basquete nordestino é aqui, na Unifacisa. Isso vem crescendo cada vez mais, eu acredito que vai ser desenvolvida ainda uma categoria de base aqui, e vai continuar crescendo. Já me considero um cidadão campinense, e eu, com certeza, tento representar essa região da melhor forma possível. Tenho orgulho de fazer parte aqui da Paraíba, de Campina Grande”, complementa o atleta francano.

Recém-chegado ao clube, o pivô Leal compartilha sua expectativa para a temporada atuando pelo Jacaré. “Sempre fui um jogador de bastante contato físico e intensidade. Espero poder ajudar o time a jogar coletivamente, com bons *picks* e, também, com boas defesas. Um elenco experiente, de caras trabalhadores, que vão fazer de tudo pra estar no alto da tabela”, disse.

“Acho que todos querem

estar na elite do basquete brasileiro. Com um possível rebaixamento, acredito que aumente a competitividade para aqueles que estiverem na parte de baixo da tabela também”, complementou o cearense em relação a uma das mudanças anunciadas para a edição.

O atual campeão do NBB é o Sesi Franca, que tem quatro títulos conquistados ao longo da história. Além da equipe francana, os outros times que conquistaram o campeonato foram o Flamengo (7), Brasília (3), Bauru (1) e Paulistano (1).

#### Participantes do NBB 2025–2026

- Basket Osasco (SP)
- Bauru Basket (SP)
- Botafogo (RJ)
- Caixa Brasília Basquete (DF)
- Caxias Basquete (RS)
- Corinthians (SP)
- Cruzeiro (MG)
- Fortaleza Basquete Cearense (CE)
- Flamengo (RJ)
- KTO Minas (MG)
- Mogi Basquete (SP)
- Pato Basquete (PR)
- Paulistano (SP)
- Pinheiros (SP)
- Rio Claro (SP)
- Mr. Moo São José (SP)
- Sesi Franca (SP)
- CEISC/União Corinthians (RS)
- Unifacisa (PB)
- Vasco da Gama (RJ)

NO CHELSEA

# Estevão espelha-se em brasileiros

Atacante sonha em fazer uma carreira brilhante no clube, como Thiago Silva, David Luiz, William e Ramires

Ao conhecer os muros do centro de treinamento de Cobham, pela primeira vez, como jogador do Chelsea, Estêvão deparou-se com lembranças de algumas das grandes conquistas da história dos Blues. Algumas delas, ele mesmo lembra de ter visto pela televisão, ainda como um garoto no Brasil, como as Liga dos Campeões da Uefa de 2012 e 2021 e os cinco títulos da Premier League neste século.

Somam-se a essas glórias a recente conquista do Mundial de Clubes da Fifa 2025, em uma galeria de troféus que reúne todos os títulos possíveis para um clube inglês. Mas, além da beleza das taças, outro fator chama atenção de quem observa tudo com mais cuidado: quase sempre havia um brasileiro em campo vestindo azul.

“É um prazer estar aqui, onde tantos brasileiros fizeram história”, disse Estêvão ao *site* do Chelsea. “Espero seguir aqueles que escreveram uma história linda como a deles aqui no Chelsea”.

Antes mesmo de chegar ao Chelsea, oficialmente, Estêvão contou com o apoio de um ídolo brasileiro dos Blues para ter as portas abertas do clube para ele: Thiago Silva. Na última rodada do Brasileirão 2024, o Fluminense visitou o Palmeiras e venceu por 1 a 0. Naquela altura, o acordo entre Palmeiras e Chelsea já havia sido anunciado.

Após o apito final, o experiente zagueiro, que conquistou a Liga dos Campeões com o Chelsea e a Copa Intercontinental da FIFA, em 2021, foi até o atacante para deixar um recado.

“Ele disse que eu iria amar este clube, que tem uma estrutura incrível e é um clube incrível. E agora (que estou aqui), consigo ver isso”.

Ao todo, 11 brasileiros já foram campeões com a camisa do Chelsea, em uma história escrita por jogadores como

David Luiz, Willian e Ramires. Os últimos dois a entrarem nessa lista foram Andrey Santos e João Pedro, que estiveram com o elenco que conquistou o Mundial, em julho deste ano.

No torneio dos Estados Unidos, Estêvão viveu um momento agridoce em sua carreira profissional. Já negociado com o Chelsea, ele entrou em campo pelo Palmeiras no confronto de quartas de final com os ingleses e marcou o gol de empate, o seu primeiro na competição e último pelo clube brasileiro.

Foi o capítulo final de sua trajetória de 83 jogos, 27 gols e 15 assistências pelo time profissional do Palmeiras, com o qual conquistou o Brasileirão de 2023 e o Campeonato Paulista de 2024.

Apesar da tradição brasileira no Chelsea, não foi esse o fator que mais chamou a atenção de Estêvão ao escolher o clube inglês. Com propostas de diferentes equipes europeias, os Blues apareceram como a alternativa que reunia tudo que o jovem esperava para começar sua aventura no futebol europeu.

“Era um sonho para mim e para a minha família (jogar em um grande clube da Europa) e eu posso realizá-lo agora”, ele afirmou.

“O planejamento, a estrutura, o clube. Tudo. Mas, principalmente, os planos e o projeto do clube interessaram a mim e à minha família, e acho que foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado”.

Ao falar sobre projeto, Estêvão, provavelmente, refere-se também à juventude do elenco do Chelsea. Investindo pesado em revelações globais nos últimos anos, o time inglês tem verdadeiras estrelas que ainda não chegaram à idade que, normalmente, traz o auge para jogadores de futebol.

Na final do Mundial de

Clubes da Fifa, o time titular de Enzo Maresca tinha uma média de idade de apenas 24,2 anos. Os únicos jogadores com mais de 25 anos eram o goleiro Robert Sánchez (27) e os defensores Trevor Chalobah (26) e Marc Cucurella (26).

“Estou muito animado”, reforçou. “É uma nova experiência em minha vida, um novo estágio. Estou ansioso para isso e espero que tudo dê o mais certo possível”.

Mesmo jovem, Estêvão tem os olhos bem apontados para o futuro e não quer saber de pensar pequeno. Em um clube acostumado a ver brasileiros triunfando, o atacante não quer ser apenas mais um na lista. Ele quer ser o melhor de todos.



O atacante Estêvão, ex-jogador do Palmeiras, apresentou-se nesta semana ao Chelsea, super motivado para construir uma carreira bastante vitoriosa



Thiago Silva fez história no Chelsea e ganhou o Mundial Interclubes contra o Palmeiras

## FUTSAL FEMININO

# Santa Catarina sediará o 3º Torneio Internacional neste mês

A cidade de Xanxerê, Santa Catarina, prepara-se para mais um grande evento esportivo, de 16 a 24 de agosto. O 3º Torneio Internacional de Futsal Feminino será realizado no município pelo terceiro ano consecutivo, com a participação de quatro seleções mundiais — Brasil, Marrocos, Colômbia e Filipinas. O alto nível do campeonato promete agitar os amantes do futsal.

A competição é uma parceria entre o Ministério do Esporte, por meio da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, e a administração municipal de Xanxerê. O repasse federal para a realização do torneio internacional é de quase

meio milhão de reais, destinada a hospedagem das equipes, transporte interno, arbitragem, premiação (troféus e medalhas), alimentação e estruturas de quadra (piso, painéis de LED e iluminação).

“Esse torneio representa muito mais do que a preparação para o Mundial. É uma afirmação da força do futsal feminino e do compromisso do governo em garantir visibilidade, estrutura e reconhecimento às nossas atletas. Quando investimos no esporte feminino, investimos em igualdade, talento e futuro”, afirmou o secretário nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, Patrick Corrêa.

O torneio será um marco importante para as equipes, especialmente para a Seleção Brasileira, anfitriã, porque servirá como o último evento preparatório antes do Mundial de Futsal Feminino, que será nas Filipinas, de 21 de novembro e 7 de dezembro.

A competição terá sua primeira fase nos dias 20, 21 e 22 de agosto, com as equipes buscando a classificação para as finais, no dia 24 de agosto. Todos os jogos serão na Arena Ivo Sguissardi.

A Seleção Brasileira chega a Xanxerê, no dia 13 de agosto, para iniciar sua preparação intensiva para o torneio. As demais seleções são esperadas no dia 16.



A Seleção Brasileira conquistou a última edição e chega como favorita a mais um título

BRASILEIRÃO

# Cruzeiro recebe o Santos no Mineirão

Outros três jogos estão programados para hoje: Palmeiras x Ceará, Grêmio x Sport e Vasco x Atlético-MG

Da Redação

Quatro jogos movimentam o domingo de futebol na Série A do Campeonato Brasileiro: em São Januário, no Rio de Janeiro, o Vasco enfrenta o Atlético-MG (com transmissão da Globo e do Premiere), às 16h, no Allianz Parque, na capital paulista, o Palmeiras joga contra o Ceará (Globo e Premiere), às 16h; no Mineirão, em Belo Horizonte, o Cruzeiro recebe o Santos (Record, CazéTV e Premiere), às 18h30; e, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre, o Sport visita o Grêmio (Premiere), às 20h30. A 19ª rodada será complementada com Juventude e Corinthians, no Alfredo Jaconi, em Caxias (RS), amanhã, às 20h, com transmissão do Sportv e Premiere.

Em um dos principais jogos da rodada, o Santos de Neymar viaja para Belo Horizonte buscando surpreender a Raposa, que conta com um grande elenco, formado por nomes como Cássio, Fabrício Bruno, Matheus Pereira, Kaio Jorge e Gabigol. O confronto marcará a sexta partida consecutiva do camisa 10 do time da Vila após a parada para o Mundial de Clubes. O enfrentamento também marca o reencontro do lateral Mayke com sua ex-equipe. Hoje na equipe paulista, o atleta foi bicampeão brasileiro com os mineiros em 2013 e 2014.

Depois de fazer estreia vencedora com a camisa do Santos, com o 3 a 1 no Juventude, na última segunda-feira (4), o lateral-direito prevê um grande embate diante dos elogiados raposeiros, vice-líderes do Brasileirão.

Até o início da 19ª rodada, o Cruzeiro somava os mesmos 37 pontos do líder Flamengo e vem jogando com casa cheia em seus domínios. Nada que tire a confiança de Mayke. “É um jogo muito difícil, sim. Sabemos que eles estão com um elenco muito bom, jogadores com muita qualidade. Mas o nosso elenco também tem muita qualidade”, avaliou o jogador, que enxerga o Santos no caminho correto para fugir logo da briga contra o rebaixamento.

“Cheguei e pude ver que todos que estão aqui vão dar o máximo para tirar o San-

■ **O Palmeiras deve poupar titulares no jogo contra o Ceará, já pensando na partida pela Libertadores na próxima semana**

tos dessa situação. E vamos lá para impor o nosso jogo. Sabemos que vai ser fora de casa, com a torcida deles, no campo deles. Mas nada é impossível. Vamos lá para fazer um grande jogo e, se Deus quiser, sair com os três pontos”, destacou Mayke. O Peixe ocupa a 15ª posição, tendo 18 pontos,

três a mais que o Vasco (17ª).

Mayke entrou no segundo tempo diante do Juventude e pode ganhar a posição de Igor Vinícius, alvo de muitas broncas do técnico Cléber Xavier, que o sacou na etapa final após perder a paciência com tantos ataques do Juventude pelo setor.

### Vasco x Atlético-MG

Na zona de rebaixamento, o Cruzmaltino recebe o Atlético-MG em São Januário, pressionado por resultados positivos no Brasileirão. Na competição nacional, o time de Fernando Diniz não vence há quatro jogos. A última vitória ocorreu antes da parada para o Mundial de Clubes, quando ganhou por 3 a 1 do São Paulo, no Morumbi, no dia 12 de junho. O duelo coloca frente a frente duas equipes que avan-

çaram para as quartas de final da Copa do Brasil, no meio de semana que passou.

“No Brasileiro, temos que pontuar o mais rápido possível. A equipe tem produzido para ganhar jogos. Espero que a gente consiga, de fato, fazer uma grande partida e dar um presente para a nossa torcida [contra o Atlético]. A torcida do Vasco é muito diferente. Incentiva e é muito presente. Temos que jogar no mesmo ritmo deles”, destacou Diniz em entrevista coletiva.

Após momento de turbulência, com atletas cobrando publicamente por salários, o Atlético-MG reverteu o cenário negativo e está vivo nas três competições que disputa (Copa Sul-Americana, Copa do Brasil e Brasileirão). No entanto, na Série A, o desempenho ainda é irregular. Com

23 pontos, a equipe iniciou a rodada na 10ª posição. Até o jogo passado, quando venceu o Bragantino, o Galo contabilizava três derrotas consecutivas. Contra o Vasco o objetivo é dar sequência ao bom momento vivido nas copas.

### Palmeiras x Ceará

O duelo no Allianz Parque é o terceiro grande confronto do Ceará em uma sequência insana de Brasileirão. O Vozão venceu o Cruzeiro fora de casa e arrancou o empate contra o Flamengo na Arena Castelão. Agora, encara o time do pressionado Abel Ferreira. O Alvinegro não tem suspensos para a partida. Apenas o atacante Fernandinho ficará de fora, por conta de um desconforto no músculo anterior da coxa direita.

Após a eliminação para o

Corinthians na Copa do Brasil, o Palmeiras precisa dar uma resposta ao seu torcedor. No entanto, vive um cenário nebuloso. Em meio a crise, o Verdão segue reformulando seu elenco: o goleiro Mateus, o zagueiro Naves, o lateral-direito Mayke, o volante Richard Ríos, além do atacante Estêvão, deixaram a Academia de Futebol. Vanderlan deve se juntar a esse grupo nos próximos dias — ele deve ser negociado com o Grupo Red Bull. Diante desse cenário, a escalação que deve iniciar a partida contra o Ceará só será conhecida pelo torcedor uma hora antes do apito inicial. Além disso, a equipe joga contra o Universitário, do Peru, pelas oitavas de final da Libertadores, no meio de semana. Assim, há chances de alguns nomes serem poupados.

## COPA DE 2026

# Três árbitros brasileiros vão comandar jogos das Eliminatórias

A arbitragem brasileira estará presente, em peso, na última rodada sul-americana das Eliminatórias da Copa do Mundo 2026. Três equipes foram designadas, totalizando o inédito número de 19 profissionais, divididos entre as partidas Paraguai x Equador, em 4 de setembro, Venezuela x Colômbia e Chile x Uruguai, no dia 9 de setembro.

A partida entre Paraguai e Equador, que será disputada no Estádio Defensores del Chaco, em Assunção, terá arbitragem central de Raphael Claus, com Danilo Manis e Rafael Alves como assistentes, Rafael Klein de quarto

árbitro, e Rodolpho Toski e Pablo Gonçalves como VAR e AVAR, respectivamente.

No Estádio Monumental de Maturín, que recebe Venezuela e Colômbia, a equipe terá como central Wilton Sampaio; Bruno Pires e Bruno Boschilia de assistentes; Bruno Arleu como quarto árbitro e Wagner Reway e Rodrigo Guarizo de VAR e AVAR.

Para Chile e Uruguai, que acontecerá no Estádio Nacional Julio Martínez, em Santiago, o comando será de Anderson Daronco, com Rodrigo Figueiredo Correa e Guilherme Camilo como assistentes, Rodrigo Pereira

como quarto árbitro, Daniel Nobre Bins e Rodrigo Nunes de Sá como VAR e AVAR, e Marcelo Vianna sendo o Comissário da partida.

A designação das equipes foi celebrada pelo presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, Rodrigo Cintra, que destaca o reconhecimento internacional da categoria. “É um orgulho e uma satisfação informar que teremos três equipes completas representando a arbitragem brasileira, a CBF e o Brasil nas Eliminatórias. É o reconhecimento de um bom trabalho, que serve de exemplo aos demais colegas”, disse.



Wilton Pereira Sampaio, Anderson Daronco e Raphael Claus vão apitar nas Eliminatórias

10 de agosto

FELIZ  
DIA DOS  
país!



Celebre a vida de quem  
transforma amor e proteção  
em palavras e ação.



EMPRESA PARAIBANA  
DE COMUNICAÇÃO

## RESISTÊNCIA ORIGINÁRIA

# A fé que nasce sob a Jurema Sagrada

*Surgida em Alhandra, tradição religiosa de matriz indígena foi reconhecida como patrimônio imaterial paraibano*

Lilian Viana  
lilian.vianacananen@gmail.com

No coração de Alhandra, município do Litoral Sul da Paraíba, entre o sopro do cachimbo e o vinho da jurema, entre a memória e a mata, a espiritualidade resiste. E floresce. Sob a sombra do sincretismo, é ali que nasce o culto da Jurema Sagrada, uma das mais antigas expressões religiosas de matriz indígena do Brasil. Neste ano, essa tradição secular recebeu um reconhecimento histórico: a Jurema foi oficialmente registrada como patrimônio imaterial do estado da Paraíba, por meio da Lei nº 13.760, sancionada no dia 16 de julho.

A proposta foi encampada pela deputada estadual Cida Ramos (PT), que destaca o valor simbólico da medida. “A Jurema não é apenas uma prática religiosa. Ela é símbolo de resistência ancestral, de sabedoria popular, de luta contra a intolerância e o racismo religioso. Reconhecê-la como patrimônio é afirmar que o nosso Estado respeita a liberdade de culto e a diversidade espiritual”, declarou.

Pai Beto, juremeiro, ativista e fundador do Templo dos 12 Reinados da Jurema Santa e Sagrada, participou ativamente da construção do projeto de lei. “É um marco histórico no estado da Paraíba, no que se refere aos praticantes das religiões afro-indígenas brasileiras. A Jurema é pouco compreendida e muito discriminada. Essa lei ajuda a proteger nossa memória e fortalecer a nossa fé”, disse ele, que, há 18 anos, realiza um trabalho de fortalecimento da Jurema Sagrada em Alhandra.

A lei segue a tendência de reconhecimento das manifestações religiosas de matriz afro-indígena como patrimônios imateriais, a exemplo do que já ocorre com o Candomblé na Bahia e com o Tambor de Mina no Maranhão. No caso da Jurema paraibana, o processo de inventário etnográfico e histórico começou em 2023, com apoio de pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da própria comunidade juremeira. A medida visa proteger não apenas os rituais, mas os saberes, os espaços sagrados e a memória ancestral dos praticantes.

O culto à Jurema Sagrada é uma prática de matriz indíge-

na que foi reelaborada ao longo dos séculos em diálogo com elementos afro-brasileiros e cristãos. Seus fundamentos giram em torno dos encantados — entidades espirituais como caboclos, mestres e mestras — que se manifestam por meio do transe durante os rituais. A bebida da Jurema, feita a partir da planta do mesmo nome (*Mimosa tenuiflora*), é considerada sagrada e canal de comunicação com o mundo espiritual.

### Berço da religiosidade

A relação entre Alhandra e a Jurema é ancestral. A cidade, localizada no território da antiga aldeia Aratagui, fundada por frades menores no fim do século 16, é considerada o berço da Jurema Sagrada no Nordeste. O culto surgiu como uma forma de religiosidade própria, ligada aos povos indígenas como os Tabajara, Canindé, Xucurú e Kariri, e resistiu à colonização com práticas espirituais que unem ervas, cantorias, maracás e vinho da árvore. “Aqui está o tronco da Jurema. Muitos mestres começaram nesse chão. A força da mata daqui é especial”, explica Pai Beto.

O primeiro registro do uso ritualístico da planta *Mimosa tenuiflora*, conhecida como jurema-preta, data do século 18, na região do Brejo paraibano, como aponta o pesquisador Sandro Guimarães Sales, autor do livro “À sombra da Jurema Encantada”, referência nos estudos sobre a Jurema, especialmente em sua relação com a cidade de Alhandra. Segundo ele, “os indígenas foram denunciados ao governador da Capitania de Pernambuco, e, após a denúncia, tropas foram enviadas para o aldeamento com uso de violência. Mesmo assim, o culto resistiu e se espalhou por várias regiões da Paraíba”.

O culto da Jurema, com o tempo, foi reelaborado e sincretizado, dando origem ao Catimbó, que reúne elementos indígenas, católicos, afro-brasileiros e da magia europeia. Para Pai Beto, “a Jurema é a religião primordial do Brasil. Antes de qualquer tradição ou raça chegar, ela já era cultuada pelos povos originários”.

### Encantamento

Em Alhandra, as raízes da Jurema estão ligadas a famí-



À sombra da árvore sacra, Pai Beto sopra seu cachimbo; líder religioso ajudou a elaborar o projeto que criou a Lei nº 13.760

lias remanescentes da antiga aldeia Aratagui, como a de Mestre Inácio Gonçalves de Barros e sua filha, Maria do Acais, figuras centrais na difusão do culto. A propriedade do Acais, ainda hoje preservada, abriga a capela de São João Batista e o túmulo do Mestre Flósculo. Esses locais, junto ao sítio Estivas, foram tombados em 2015 como patrimônio material da Paraíba pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

As “cidades da Jurema” são espaços sagrados, marcados por pés de jurema consagrados a encantados. O Reino de Acais, por exemplo, foi formado por três pés da árvore. Hoje, elas não existem mais. Foram cortadas durante uma madrugada por pessoas intolerantes à expressão religiosa, que nunca foram identificadas. “Um dia, essas árvores estavam aqui. Na manhã seguinte, não tinha mais nada. A gente planta uma jurema, faz o calçamento com fumo, reza e consagra. Só assim ela se torna sagrada. Esses lugares são portais. São moradas dos mestres encantados. Então, arrancar essa árvore é mais do que um crime ambiental, é um crime ao patrimônio material e imaterial da Paraíba”, explica Pai Beto.

As tradições se mantêm vivas, mesmo após décadas de repressão e apaga-

mento. O culto, embora tenha sido influenciado pela Umbanda nas décadas de 1960 e 1970, mantém estrutura e fundamentos próprios. “A Jurema moldou tanto quanto foi moldada, mas, hoje, segue com suas próprias pernas e já tem sua própria roupagem”, destaca Pai Beto.

No Templo dos 12 Reinados, por exemplo, os rituais são realizados com grande responsabilidade espiritual. “As pessoas não chegam aqui e tomam o vinho de jurema sem preparação. A gente orienta, cuida, prepara o corpo e a mente. É preciso ter segurança no uso das ervas, dos cachimbos, dos instrumentos”, alerta Pai Beto. Segundo ele, há um caminho de aprendizado, com desenvolvimento mediúnico, estudos sobre os encantados e práticas de autoconhecimento.

Além das liturgias mensais, o templo acolhe emocionalmente pessoas em sofrimento. “A ansiedade e a depressão estão em alta. A religião é também um espaço de cura”, reforça. Esse cuidado com a saúde mental



Túmulo do Mestre Flósculo (à esquerda) e Capela de São João Batista (abaixo) são patrimônios tombados



alia-se à dimensão espiritual da fé juremeira, que entende o corpo, a alma e o mundo encantado como partes de um só sistema.

### Luta diária

Apesar do reconhecimento oficial, os praticantes ainda enfrentam discriminação, racismo religioso e violência simbólica. Disfarçada em discursos moralistas, institucionalizada nas escolas e famílias, a intolerância é uma realidade que marca, fere e silencia muitos filhos da Jurema, como alerta a doutoranda em Linguística e praticante da Jurema desde 2022, Thayse Dias. “A intolerância religiosa está dentro das escolas. Eu vivo isso. Mas a Jurema me dá força para continuar. Não porque seja a única religião com compromisso social, mas porque ela é, em sua essência, uma prática de resistência”, pontua.

Para ela, a Jurema não é só uma espiritualidade de cura, mas também de enfrentamento político. “Estamos falando

de sujeitos históricos que resistiram: negros escravizados, caboclos, tapuias, o povo cigano, os exus, as pombagiras... Todos carregam em si uma força de resistência contra sistemas de opressão”, defende.

Entre o político e o espiritual, a escolha pela Jurema, segundo Thayse, manifesta-se como um chamado. “A gente também é escolhido. Você sente. E, nesse processo, vem à tona a sua história, a da sua família, da sua ancestralidade. Muita coisa que parecia desconectada passa a fazer sentido”, conta.

Ela defende que seguir a religião é também defender o direito à pluralidade. “A Jurema nos ensina isso: a viver com respeito, com dignidade e com firmeza diante das injustiças”, resume, antes de ser complementada por Pai Beto: “É uma forma de estar no mundo — com os pés na terra e os olhos no invisível, em comunhão com os encantados e com os vivos. É uma religião do presente e do futuro”.



Templo dos 12 Reinados da Jurema Santa e Sagrada, em Alhandra, é um dos espaços dedicados à tradição de origem indígena

Fotos: Roberto Guedes



Manoel Monteiro fez arte  
Na cultura popular  
Com seu cordel impecável  
Conquistou o seu lugar  
Era com satisfação  
Que buscava a perfeição  
No momento de editar.

Levou cordel às escolas  
Deu voz ao novo cordel  
Encantou os companheiros  
Com seu ar de menestrel  
Fez rica nossa cultura  
No cordel literatura  
Fez um bonito papel

Fonte:  
Dalinha Catunda (Blog Cordel de Saia)

Pernambucano radicado em Campina Grande, Monteiro foi poeta, gráfico, radialista e revisor de jornal

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojora@gmail.com

O alcance dos versos populares para reportar fatos e acontecimentos ganhou novos ares e lugares com Manoel Monteiro. Reconhecido nacionalmente como um dos melhores cordelistas, o poeta foi além da informação factual distribuída nas feiras livres e inovou ao levar esse tipo de literatura para as salas de aula e incentivar seu uso como ferramenta de aprendizado e discussão das questões sociais.

Pernambucano da cidade de Bezerros, Manoel Monteiro da Silva nasceu em 4 de fevereiro de 1937. De-sejosos de ver o filho alfabetizado, os pais mudaram-se para Recife, onde Manoel chegou a concluir o 3º ano primário. O gosto pelo cordel, que conheceu quando tinha ainda sete anos e foi levado pelo pai à feira de Bezerros, certamente colaborou para o interesse pelas letras, a ponto de tornar-se autodidata. Relatou ter ficado fascinado pelo modo como o poeta popular João Ferreira de Lima declamava o folheto *O Pinto Pelado* e implorou ao pai que o comprasse. Na adolescência, já era folheteiro, nome dado ao vendedor de literatura de cordel nas ruas e feiras livres. Seduzido pela fama da capital do cordel, rumou, com 15 anos, para Campina Grande, onde se radicou definitivamente.

“Eu conheço a história do cordel desde muito tempo e, convivendo com ele, nas feiras do Nordeste, desde 1951. Meu primeiro cordel foi publicado aqui, em Campina Grande, em 1953. Eu já vinha, há uns dois ou três anos, trabalhando com folhetos de feira em feira. Foi assim que eu saí de casa. As minhas asas para levantar voo do ninho paterno foram os folhetos de cordel”, revelou o poeta, em

uma entrevista ao também cordelista Rubenio Marcelo.

Atraído pela tipografia Estrela da Poesia, do já famoso poeta Manoel Camilo, que, posteriormente, viria a ser seu compadre, Monteiro fez sucesso com o folheto *A Morte do Presidente Getúlio Vargas* e chegou a vender 11 mil cópias. O cordel confirmou sua habilidade para transformar notícias em versos, fazendo chegar a muitos sertanejos aquilo que acontecia no restante do país. Também lhe rendeu uma significativa quantia, a qual foi de grande ajuda para o jovem que começava a constituir família.

“A gente cresceu ouvindo ele recitar um dos primeiros cordéis dele, que foi sobre a morte de Getúlio Vargas. Foi um folheto que teve um sucesso tão grande que ele dizia, brincando, que foi quando ele ficou rico, porque, com a venda, ele conseguiu comprar os móveis, alugar uma casinha e tudo mais”, relata Valentina Monteiro, uma das filhas.

#### Um sonho

Viver de cordel sempre foi o sonho perseguido por Manoel Monteiro, mas, até que isso se concretizasse, ele tinha uma família para sustentar. Foi guarda noturno, sapateiro, representante comercial, funcionário público e até suplente de vereador, além de trabalhar como gráfico na Livraria Pedrosa, como radialista na Rádio Caturité e como revisor no Diário da Borborema, nos anos de 1950 a 1960.

Segundo Valentina, o pai só passou a se dedicar exclusivamente ao cordel no fim da década de 1990, quando foi diagnosticado

com diabetes. “Foi um tempo bem difícil, mas ele começou a pesquisar mais sobre a doença e acabou escrevendo *A Cartilha do Diabético*. Foi quando ele voltou com força total e talvez tenha produzido muito mais do que no início”, avalia a filha. A virada de chave em relação à produção, que denominou de Novo Cordel, foi motivada por vários depoimentos, inclusive de pessoas que não sabiam ler e que lhe mostravam a importância desse tipo de literatura. Para Manoel Monteiro, era possível aproveitar-se de algo que atraía tanto para compartilhar mais informações, preservando a poesia, as regras e as formas do gênero.

Monteiro considerava que o cordel vivia uma nova fase de consumo, que se expandia das antigas feiras para estabelecimentos educacionais, assim como de valorização, inclusive pelos círculos acadêmicos. “Se o Novo Cordel está com toda esta evidência, é porque hoje os seus autores estão inserindo esta literatura nas escolas, nas salas de aula, e ministrando também interessantes palestras e conferências acerca do assunto... Atualmente, o campo, o auditório, o público do cordelista é diferente. E o cordelista também é diferente. Então, esta qualidade do novo cordelista faz o Novo Cordel; faz com que o texto do cordel seja estudado e utilizado, inclusive no aprendizado da nossa Língua Portuguesa”, declarou o poeta.

Dentre os muitos títulos produzidos por ele, destaque para folhetos paradigmáticos como *A evolução do papel*, *Manual de Primeiros Socorros*, *Um paraíso azul chamado Brasil*, *O milagre do algodão colorido*

do e *Quer aprender cordel? Aprenda a fazer, fazendo*. Além dos folhetos feitos sob encomenda, escreveu cordéis de memórias, gracejo, peleja e releituras de famosos contos universais. Desenvolveu, ainda, trabalhos sobre personagens e histórias de cidades paraibanas, por meio de projetos como *Cordelando a Paraíba* e *Paraíba Grandes Nomes*, assim como outros voltados para educação de escolas de Campina Grande, que inspirou experiências em outras cidades e estados brasileiros.

#### Educador

O poeta Beto Brito afirma que, guardadas as devidas diferenças de tempo e da função que ambos exerceram, Manoel Monteiro aproxima-se do que foi Leandro Gomes de Barros para a Literatura de Cordel. “Manoel Monteiro fez o que quase ninguém fez, ele praticamente montou um centro distribuidor de cordel em Campina Grande, de onde passou a enviar esse material não apenas para feiras e exposições, mas também para livrarias e bibliotecas do país inteiro. Nesse sentido, ele foi um grande educador por ter conseguido dar publicidade ao cordel, além de ser mestre no ensino verbal e de suas estruturas”, afirma Brito, destacando a genialidade de como, de forma lúdica e didática, Monteiro contribuiu para que crianças e jovens aprendessem sobre esse tipo de literatura.

Beto relata que, em várias ocasiões, esteve na Cordelteca do poeta para adquirir exemplares raros que ele tinha, inclusive de escritores ainda pouco conhecidos, e reconhece que foi influen-

ciado por ele tanto no cordel quanto no trabalho de levar essa arte às escolas. “Eu acho que ele foi o primeiro escritor a ter essa consciência, a entender que essa literatura teria que estar dentro das escolas. Ele despertou esse interesse em todos nós, escritores iniciantes, como era o meu caso quando eu o conheci, como também nas crianças e jovens, que pouco ou nada sabiam sobre o cordel”, ressalta.

A inspiração para escrever cordéis vinha, segundo o próprio Monteiro, das experiências pessoais, mas ele nunca dispensava a realização de uma boa pesquisa. Em sua pequena biblioteca individual, as muitas coleções de enciclopédias que eram constantemente utilizadas como fonte de consulta dividiam espaço com os folhetos, organizados por títulos, para venda. “Quando eu vou escrever sobre um determinado assunto, às vezes temas requisitados, eu procuro me inteirar o máximo possível sobre aquela matéria. Contudo, a criação, no meu ponto de vista, deve ser a mais solitária possível. Na gestão do texto, o poeta deve voltar para o interior, para o seu interior, para os seus sentimentos, suas lembranças mais recônditas. É preciso mergulhar no desconhecido em busca do belo”, revelou.

Mesmo reconhecendo os desafios enfrentados pelos poetas, sobretudo de viver da literatura, defendia o trabalho árduo do escritor e a necessidade de que ele estivesse em constante aprimoramento de sua criação. Era uma forma de defender a profissionalização da atividade, que, por muito

tempo, foi causa de risos, mas, em 2010, foi reconhecida como profissão artística pela Lei nº 12.198. “Temos que pensar sempre em legar ao futuro alguma coisa consistente e efetivamente útil. Poesia são fragmentos de luz... São relances... São fagulhas de beleza e de graça... E o poeta tem a obrigação de procurar isto”, argumentava.

Monteiro contribuiu para a difusão da Literatura de Cordel nas escolas, ministrando palestras, oficinas e publicando livros paradigmáticos, além de colaborar com artigos para jornais e revistas. O simpático e bem-humorado senhor de cabelos longos e acentuada calvície, no entanto, era sincero demais a ponto de, segundo a filha Valentina, parecer até chato e aborrecido, a menos que a conversa fosse sobre cordel, sobre a relação dessa literatura com os acontecimentos do tempo presente. Nesse sentido, Valentina também lembra como o pai utilizava o espaço da quarta capa dos folhetos para expor sua opinião acerca das questões que abordava.

Manoel Monteiro da Silva foi sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano (IHGCCP) e foi eleito membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Falleceu aos 77 anos de idade, em junho de 2014, quando, após alguns dias dado como desaparecido, seu corpo foi encontrado em um quarto de hotel na capital paraense. O acervo do poeta, tido pela crítica como o maior cordelista contemporâneo, encontra-se sob a guarda da família, que pretende digitalizá-lo para que alunos, pesquisadores e pessoas interessadas tenham acesso.

## Artigo

Sandra Teschner\*

## IA e bem-estar: como tecnologia e autorresponsabilidade ajudam empresas a florescer

Recentemente, falar sobre saúde mental no ambiente corporativo parecia restrito a campanhas pontuais. Em 2025, essa realidade mudou. A inteligência artificial, antes associada apenas à produtividade e à automação, começa a desempenhar outro papel: apoiar o equilíbrio emocional das pessoas — quando usada com ética, propósito e consciência.

Um estudo publicado em 2022, *A Survey of Passive Sensing in the Workplace*, mostrou como tecnologias de sensoriamento passivo — como sensores em celulares, relógios inteligentes e computadores — podem monitorar sinais de bem-estar no trabalho sem exigir interação dos colaboradores. Entre os dados analisados, estão padrões de digitação, variações na frequência cardíaca, tempo sentado e até a forma de se movimentar no escritório.

Esses sinais permitem detectar precocemente indícios de estresse e fadiga, ajudando empresas a prevenir riscos emocionais e promover ambientes mais saudáveis. Mas o estudo também alerta: se usados sem transparência e propósito, esses recursos podem gerar sensação de vigilância e perda de autonomia, prejudicando justamente aquilo que pretendem proteger — a saúde mental.

Esses exemplos mostram que a tecnologia não é, por si só, uma solução mágica. O impacto depende de como ela é implementada



Sensores de celulares e relógios inteligentes são dispositivos úteis para monitorar sinais de saúde no trabalho

e da intenção por trás de seu uso.

E aqui entra um ponto que considero essencial: a autorresponsabilidade.

Não basta contar com sistemas inteligentes ou programas de bem-estar

se cada indivíduo não reconhece seus próprios sinais de sobrecarga, aprende a estabelecer limites e busca espaços que favoreçam a criatividade e o descanso. Pausas reais, horários claros de desconexão e um diálogo aberto sobre expectativas são práticas tão importantes quanto qualquer recurso tecnológico.



Foto: Reprodução/Reuters

#### Por que isso importa agora?

Com a entrada em vigor da Lei nº 14.831/2024, em maio, empresas precisam adotar medidas para prevenir riscos psicossociais. Mais do que uma exigência legal, essa é uma oportunidade para criar culturas que unem tecnologia, ciência e relações genuínas para gerar pertencimento, engajamento e resultados sustentáveis.

Como costumei dizer: “A tecnologia pode medir emoções, mas são as relações e a autorresponsabilidade que transformam esses dados em felicidade real. Quando unimos os dois, criamos empresas que não apenas performam, mas inspiram”.

(\*) Sandra Teschner é especialista internacional em felicidade, fundadora do Instituto Happiness do Brasil e do Happiness Brasil Summit, o maior evento do país dedicado à ciência da felicidade.

Excepcionalmente, não teremos a coluna dominical de Angélica Lúcio, que retornará no próximo domingo (17).

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## O romantismo popular e o popularesco na MPB – X

Lançado inicialmente no ano de 1951, em disco de 78 rpm, talvez tenha sido o bolero “Dez Anos” (“Diez Años”) — de Rafael Hernandez, com versão de Lourival Faissal —, interpretado pela então mais popular entre as intérpretes da canção brasileira, Emília Borba. A música fez tanto sucesso que chegou até a ser cantada no Carnaval de anos seguintes, evidentemente com o ritmo adaptado aos festejos momescos: “Assim se passaram dez anos / sem eu ver teu rosto / sem olhar teus olhos / sem beijar teus lábios assim / Foi tão grande a pena / que senti a minha alma / ao recordar que tu / foste meu primeiro amor”.

Veja-se que o universo musical das estrelas da MPB não era diferente daquele dos seus astros. Seria um autêntico sucesso popularesco ou, mais precisamente, brega, mesmo assim bem mais audíveis do que essa “coisa” hoje chamada de *funk*. A este propósito, elas também aderiram ao estilo que fez e ainda faz grande sucesso entre os aficionados pelo estilo. De uma nova e mais recente geração de cantoras, algumas desempenharam papel preponderante na manutenção do estilo. Cito algumas que, se não foram as únicas, pelo menos obtiveram enorme popularidade: Edith Veiga, Núbia Lafayette e Carmen Silva.

Nascida em Juquiá-SP (1943), Benedita Edith Veiga tornou-se uma cantora, compo-



Álbum “Pensando em Ti” (1982) foi lançado pela extinta RGE

sitora e atriz brasileira. Na infância interiorana, dedicava-se aos estudos iniciais, mas já fazia incursões como atriz de teatro e cantora tanto na escola como em festas íntimas de familiares e amigos. No começo da juventude, em 1958, aos 15 anos, com a morte do pai, mudou-se com a família para a capital paulista, onde, após uma temporada como cabeleireira e demonstradora de artigos eletrodomésticos, aconselhada por en-

tusiastas de sua voz, aventurou-se, iniciando com a participação em programas de calouros, como *O Telefone está chamando* e *A Hora do Pato*. Em 1961, ganhou o 2º lugar no badalado programa *A Voz de Ouro ABC*, que era líder de audiência na TV Record de São Paulo. Foi levada à gravadora Chantecler e ouvida pelo diretor desta, Diogo Mulero, o Palmeira, que, gostando da voz dela, a contratou. Começou, então, a vida profissional da cantora Edith Veiga.

Logo naquele ano, emplacou um megassucesso, “Faz-me rir (Me dá riza)”, uma versão de Teixeira Filho para a criação dos chi-

lenos F. Yoni e E. Arias, gravação que, só no ano do lançamento, vendeu meio milhão de cópias e permaneceu por dois anos nas listas das mais ouvidas e solicitadas: “Faz-me rir o que andas dizendo / que te adoro / que morro por ti / Não te enganes / dizendo mentiras / Não te enganes / não me faças rir”.

Em 1962, Edith Veiga, já então como compositora, gravou *Saia da frente/Sozinha*. Nesse disco, fez sucesso com “Acho graça”,

que fez parte da trilha sonora da novela da TV Tupi *A Canção que a noite levou*, em que ela chegou a atuar.

Em 1963, já considerada uma das melhores cantoras brasileiras, Edith fez shows no Japão e em muitos países da América do Sul e da Europa.

No mesmo ano, ela passou também a apresentar, no Canal 2 de São Paulo, o programa *Edith Veiga em 2 tempos*, onde ela cantava e recebia personalidades.

Veio o primeiro casamento que, com o advento de uma primeira filha, a fez afastar-se um pouco da vida artística.

Retornando à vida artística, voltou a gravar em 1972, tornando-se figura constante em programas de TV: *Clube dos Artistas*, *Globo de Ouro*, Silvio Santos, Chacrinha.

Em 1980, apresentou-se no Carnegie Hall, dos Estados Unidos.

De sua autoria, a música “Menino” foi incluída no filme *A Força do Sexo*.

Ela casou-se pela segunda vez, e o marido impôs-lhe que deixasse a arte. Foi morar em sua cidade natal, mas, em 2001, voltou novamente à carreira artística.

Nas décadas de 1960 e 1970, ficou conhecida como a Rainha do Bolero. Atualmente, a cantora apresenta-se em shows, em que faz retrospectiva de toda a sua carreira, além de ter gravado um novo CD com músicas de sua autoria.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Uso em processo seletivo  
ameaça a diversidade

Outros efeitos negativos são a desumanização e o reforço do viés do algoritmo

Jean Silva  
Jornal da USP

Apesar dos benefícios da adoção da inteligência artificial (IA) em processos de contratação, como maior agilidade, padronização e redução de custos, uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) constatou algumas consequências preocupantes, como vieses algorítmico e discriminação, redução da diversidade organizacional e desumanização da experiência. A reconfiguração marcou também o papel dos recrutadores, que passam de decisores a supervisores de sistemas.

Também foram constatados efeitos emocionais e psicológicos negativos em candidatos e selecionadores, além de barreiras culturais e linguísticas, especialmente em contextos globais — como no caso de uma empresa alemã com subsidiárias no Brasil. “Com as empresas cada vez mais adotando a tecnologia, há uma mudança na comunicação, no comportamento e no emocional das pessoas”, detalha Humberta Silva, autora da pesquisa desenvolvida em seu doutorado na Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) da USP.

“O processo está mais distante e desumanizado. Com isso, há limitações para uma análise precisa das capacidades do candidato pela dificuldade em identificar aspectos subjetivos”, afirma a pesquisadora.

Conforme Humberta, a IA não é neutra, pois carre-

ga os vieses de quem a programa e dos dados que a alimentam. O uso acrítico ou automatizado pode reproduzir desigualdades estruturais, como discriminações por gênero, raça, classe e local de origem. A recomendação central é que a IA seja usada com supervisão humana, intencionalidade ética e sensibilidade ao contexto social e organizacional. “Precisamos entender que a inteligência artificial tem limitações, identificar quais são elas e sempre fazer auditoria quando se usa”, diz. Transparência, regulação e educação tecnológica são pontos-chave para mitigar riscos.

Impacto

No contexto atual, a IA pode reforçar desigualdades estruturais em vez de combatê-las, segundo a pesquisadora. “No Brasil, o acesso à tecnologia ainda é precário. Começa aí o impacto na diversidade”, aponta. Muitos candidatos ficam em desvantagem desde o início, por não terem acesso às informações ou à linguagem esperada pelos sistemas automatizados. Os algoritmos também aplicam critérios ocultos que excluem candidatos de forma sutil. “Tem sistema que pontua se o candidato mora perto do trabalho, tem inglês ou fez determinada faculdade”, alerta. Esses filtros automáticos acabam privilegiando perfis com mais capital cultural e excluindo grupos historicamente marginalizados.

Profissionais do setor de Recursos Humanos (RH) também sofrem impactos.

“O recrutador começa a se subestimar [e questionar] se é capaz de identificar habilidades sem auxílio da tecnologia”, diz. O uso contínuo da IA tende a transformar o papel para uma atuação de gerenciamento de sistemas, levando à perda de confiança no próprio trabalho e a uma relação mecânica com o processo seletivo. Para ela, os sistemas precisam ser adaptados à realidade brasileira e construídos com intencionalidade inclusiva. “O processo de recrutamento e seleção é a área mais estratégica para atrair diversidade”, alerta.

Soluções e ética

Uma das principais recomendações de Humberta Silva é envolver profissionais de RH no desenvolvimento das ferramentas. “A maioria dos sistemas é feita por programadores, sem a participação do RH. Isso é um problema grave”, comenta. A pesquisadora defende o co-design como forma de garantir que os sistemas reflitam o contexto real das

organizações e da sociedade. “Se você tem programadores diversos, consegue ver outras perspectivas e evitar vieses”, explica. Além disso, ela recomenda a prática de testes regulares para verificar correlações problemáticas entre os critérios usados e variáveis como raça, gênero, idade ou classe social.

“Tem uma empresa que instaurou auditoria mensal. O RH faz testes com currículos reais e cobra explicações dos programadores”, relata. Para ela, esse tipo de controle é essencial para garantir justiça, transparência e responsabilização no uso da IA. Outra necessidade é a de formação desses profissionais de seleção para saber quando usá-la dentro do processo, em que ponto ela é eficaz e as limitações dos resultados. “Se os profissionais que trabalham com seleção e contratação de pessoas precisarem usar esses softwares, eles precisam de competências específicas”, alega Liliana Vasconcellos, professora na FEA e orientadora da pesquisa.

Charada

Resposta da semana anterior: rei do terreiro (2) = galo + infusão (1) = chá – Solução: calçado estranho (3) = galocha.

Charada de hoje: O crustáceo (2) estava concentrado ao ouvir, tocando o seu instrumento de boca (2) aquela garota espevitada (4).

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde



Jafoi & Jaera

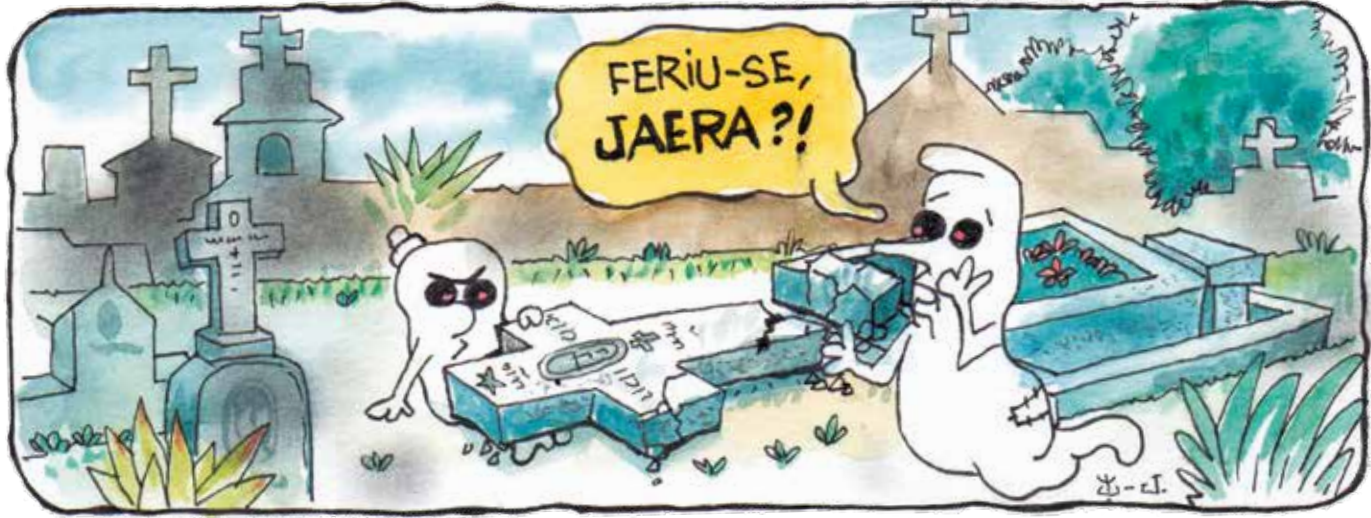


Foto: Divulgação/Disney

Eita!!!

# Muitas sextas-feiras

Estreou, na semana passada, o filme *Uma Sexta-Feira Mais Louca Ainda*, comédia estrelada por Jamie Lee Curtis e Lindsay Lohan, que interpretam mãe e filha. O longa-metragem é uma continuação de *Sexta-Feira Muito Louca* (2003). Se, na obra original, as protagonistas trocavam de corpo entre si, desta vez, a dupla passa pela experiência junto com a filha e a enteada da personagem de Lohan. Segundo a atriz, a história só foi possível depois de suas próprias experiências com a maternidade — o que ajuda a explicar o hiato de 22 anos entre o sucesso de 2003 e o lançamento atual. A distância extensa entre o primeiro e o segundo filme, contudo, não é novidade no mundo cinematográfico. Confira, abaixo, outras obras que levaram décadas para ter uma continuação após o primeiro longa.

# A Cor do Dinheiro (1986)

Dirigido por Martin Scorsese, o filme traz Paul Newman revivendo o lendário jogador de sinuca Eddie Felson, 25 anos depois da primeira aparição do personagem, no longa *Desafio à Corrupção* (1961), de Robert Rossen. Na história oitentista, o ex-campeão do esporte retorna para treinar o jovem promissor Vincent (Tom Cruise). A obra rendeu a Newman seu primeiro Oscar como Melhor Ator, após oito indicações.

# Os Fantasma Ainda se Divertem: Beetlejuice Beetlejuice (2024)

A continuação nostálgica e bem-humorada do clássico *Os Fantasma se Divertem* (1988), de Tim Burton, traz de volta a família de Lydia Deetz (Wynona Ryder), agora mãe da introvertida Astrid (Jenna Ortega). A curiosidade da adolescente reabre o portal com o sobrenatural, permitindo o retorno do Besouro Suco, fantasmagórico e cômico personagem de Michael Keaton.

# O Auto da Compadecida 2 (2024)

Também no ano passado, estreou a sequência da consagrada obra *O Auto da Compadecida* (2000), adaptação para a TV e o cinema do maior clássico do paraibano Ariano Suassuna. Dessa vez, João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello) vivem novas aventuras na cidade de Taperoá, com o primeiro tendo alcançado o *status* de santo, devido ao milagre de ressurreição operado por Nossa Senhora. A santa, outrora vivida pela dama Fernanda Montenegro, é interpretada, aqui, por Taís Araújo.

# O Diabo Veste Prada 2

Previsto para ser lançado no próximo ano, o filme promete um reencontro do público com personagens marcantes do longa original, *O Diabo Veste Prada* (2006). De acordo com a revista *Variety*, o roteiro focará no embate entre Emily Charlton (Emily Blunt) e a temida e igualmente icônica Miranda Priestly (Meryl Streep). Outros atores, como Anne Hathaway e Stanley Tucci, também estão confirmados no elenco.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – barba de S. Pedro; 2 – boca; 3 – cabelo; 4 – nuvem; 5 – asa do anjo; 6 – boca do anjo; 7 – aureola de S. Pedro; 8 – bandeira; 9 – assíntota.